REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO:

RETROSPECTO DE 1952

A TUNÍSIA É OUTRO PROBLEMA







ALBUM DE
a Cena Muda
PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. Muitas páginas coloridas embelezam, extraordinàriamente, esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior. Atende-se pelo reembôlso postal ou mediante vale do correio.

Preço Cr$ 25,00

Cia. Editôra Americana — Maranguape, 15 — RIO





O presidente da França, Vincent Auriol, num «tête-à-tête» com o chefe Touareg Hadj Mohamed Al, membro de uma misteriosa tribo do norte d'África.

A TUNÍSIA É OUTRO PROBLEMA

NOVA GUERRA PÚNICA EM CARTAGO? ★ CENÁRIOS HISTÓRICOS PARA UMA GUERRA QUENTE ★ O BEY FAZ A GREVE DO SÊLO REAL ★ SEU FILHO, O PRÍNCIPE CHEDDLY, LIDERA O MOVIMENTO SUBTERRÂNEO ANTI-FRANCÊS

Texto de **NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES**

S atenções do mundo se voltam agora para a Tunísia, protetorado francês, com a su-fície de 130.000 km^2, situado na zona me-rrânea famosa pelas guerras púnicas, onde haram outrora os Aníbal e os Scipiões.

ob as ruínas da antiga Cartago, onde hoje o seu castelo de verão o Bey — Sidi La-e Paschá — fumega estrânho fogo lento posição à França, que é representada ali seu Residente Geral, o conde Jean Hau-que.

mundo árabe, desde Casablanca no Mar-até o Canal de Suez, movimenta-se «pro-ndo contra a agressão francesa» e a ques-i até mesmo levada à **Assembléia magna** ONU. Ali os EE. UU. deram apoio à ça, o que ainda mais acirrou os ânimos árabes nacionalistas que aspiram para rrocos, a Algéria e a Tunísia a liberdade ca recentemente alcançada pela Líbia.

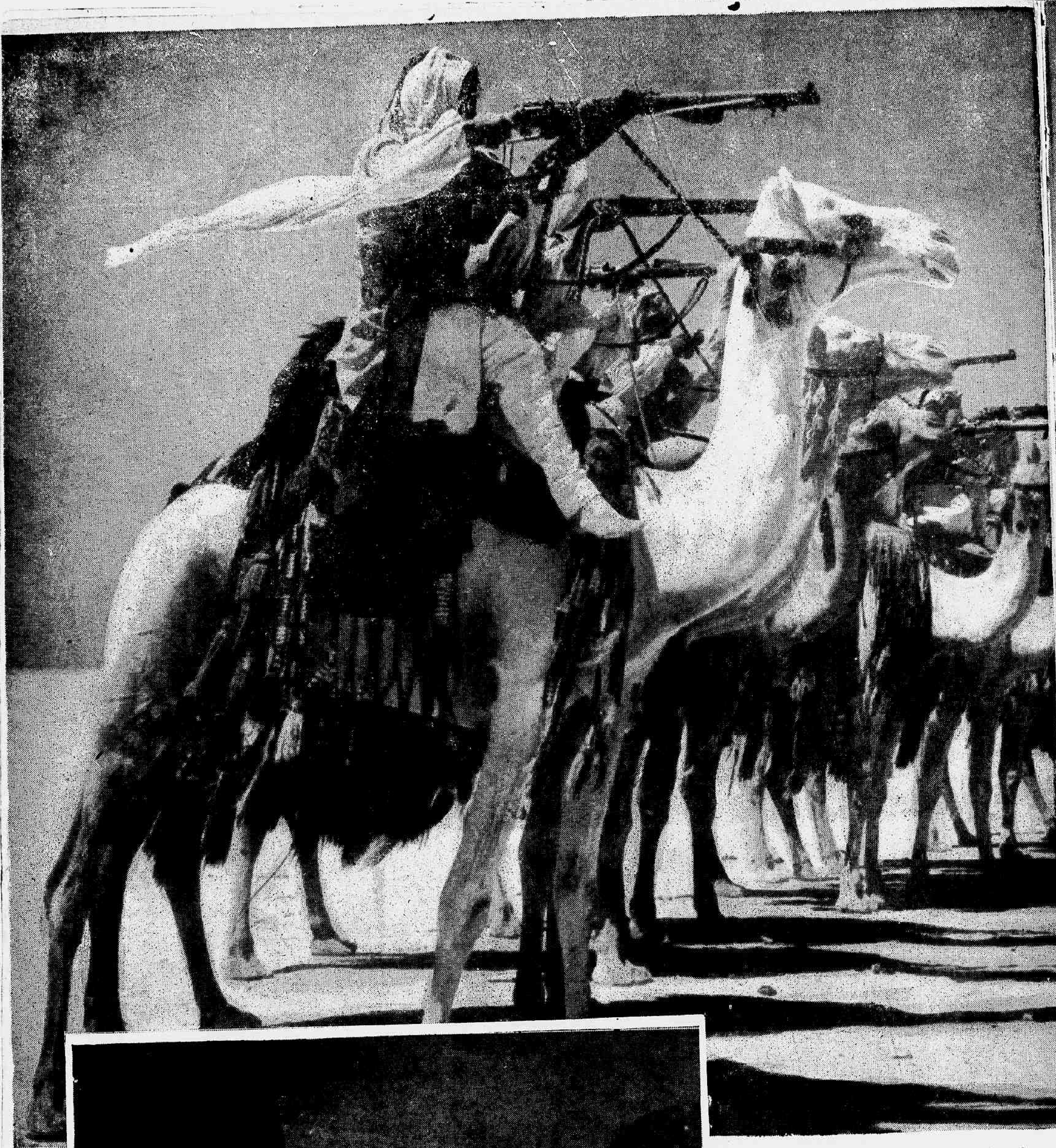
A França disputou com a Itália e a Inglaterra a possessão da Tunísia e sòmente em 1881, com a vitória do general Bréart sôbre o chefe Mohamed-Es-Sadock, deu-lhe definitivo predomínio sôbre essa costa mediterrânea do Norte da África, que começa na antiga Cartago e se estende até Dougga, chamada a «cidade Santa» pelos mahometanos.

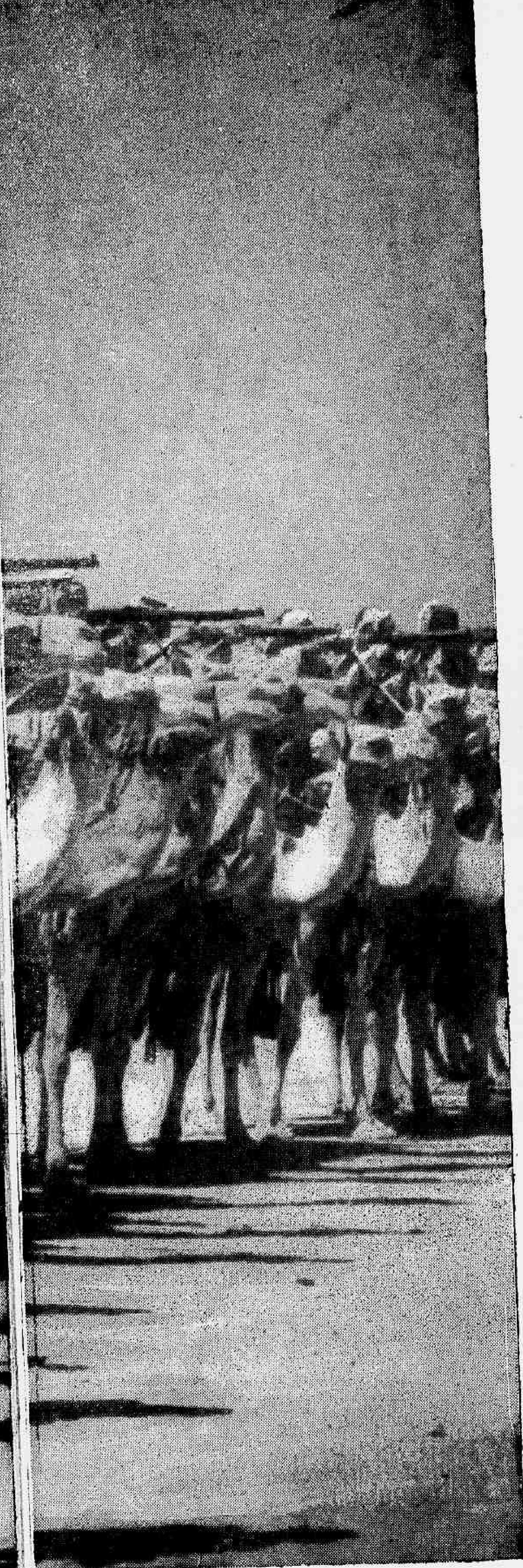
Ao longo dos séculos, a Tunísia sofreu sucessivas dominações. A primeira delas e a mais fecunda foi a do Império Romano, que construiu suntuosas obras arquitetônicas, cujas ruínas até hoje impressionam quem as visita, quer como interessado na arqueologia, quer como veranista que procura suas prodigiosas fontes termais.

No século II da nossa era Cartago tinha cêrca de 500 mil habitantes e o solo tunisiano abrigava 5 milhões de habitantes, hoje reduzidos apenas a 1.800.000, sendo que um quinto de seus habitantes é de raça branca, principalmente de franceses. Naquela época flores-



Vemos aqui um símbolo árabe sob o sol inclemente: a cúpula da Mesquita de Kairun...





Os cameleiros são um perigo nas areias da África islamita. Velozes, certeiros, atacam de improviso e manejam armas modernas tão bem quanto os seus antepassados que lutaram pela expansão da lua nascente nas famosas e imortais «guerras santas» da Idade-Média. O espírito dêsses combatentes continua inalterado.



O Bey de Tunis, Sidi Lamine Paschá, de óculos e confortável Cadillac, cavanhaque impecável, decidiu fazer a greve, dizendo «não assino».

ceram as letras e as artes e predicava em formosos templos cristãos, nada menos que o genial Santo Agostinho. Ali também ecoava a eloqüência e a genialidade espetacular de Tertuliano.

Após a queda do império romano do ocidente, os bizantinos não souberam manter o ritmo de progresso alcançado, e a rebelião dos povos bérberes oprimidos encontraram um líder — Abdalah-Sar — que se apoderou de Cartago, fundou Kairuan, cidade que até hoje existe e estendeu o domínio do islam por todo o país.

O apogeu islamita, que também por sua vez ergueu suntuosas mesquitas, deu-se na Idade-Média quando, derrotando a Cruzada que tinha por comandante São Luís, rei da França, (1270) conseguiu um reinado de paz e de grande brilho nas artes e ciências.

Em 1535 foi conquistada a Tunísia pelos hespanhóis, seguindo-se, pouco depois, em 1574, a sua reconquista pelos turcos.

No século XVII começa o govêrno do Bey, que são soberanos cujo poder não é claramente definido e cujas vacilações são a causa dos contínuos desentendimentos entre os árabes e os franceses.

Após o Tratado de Kassar Said, em 1883, a França ficou com o predomínio político e o govêrno completamente livre, passando a Tunísia a receber continuamente o influxo progressista da técnica moderna. O primeiro passo foi a construção de uma estrada de ferro que liga a Tunísia até a Algéria, Tunis-Casablanca, 4.000 km.

Hoje a Tunísia tem um serviço administrativo muito eficiente, sendo mesmo centro turístico internacional, já que sua paisagem oferece, quer na costa, quer no seu interior montanhoso os mais belos aspectos naturais do norte da África.



A princesa Zaquia, filha do Bey, não vacila em demonstrar a sua pública simpatia pelos nacionalistas, o que coloca o soberano em apuros.



Entre a indumentária — o Bey usa aqui o uniforme de Napoleão III — e os sentimentos milenar e diametralmente opostos à França, vacila.

O ATUAL BEY

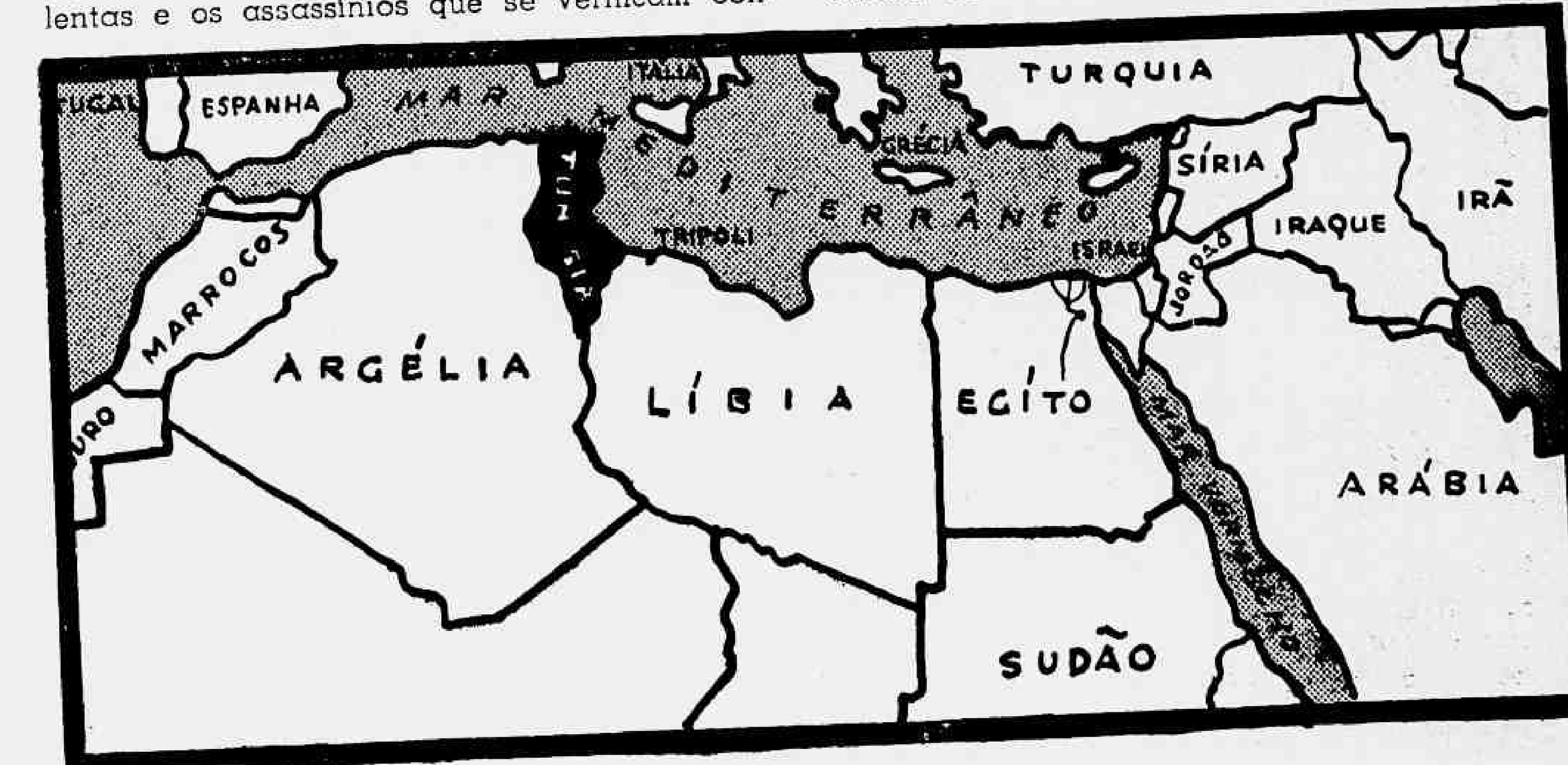
O soberano da Tunísia — Sidi Lamine Paschá — está na berlinda. Homem de mais de 70 anos, tem nove filhas e um filho — o príncipe Cheddly, que lhe faz secreta e singular oposição. O príncipe bem como sua irmã, a princesa Zaquia, são públicos e confessos partidários de «Neo-Destour», movimento nacionalista radical que pretende inteira independência da Tunísia. Muito provàvelmente, ela, seu irmão, o príncipe, e seu marido, o Dr. Ben Salem, formariam um triunvirato, caso o Bey fôsse deposto, o que traria ainda maior inquietude em todo o mundo árabe do norte africano, que espera apenas um momento azado para desencadear uma ofensiva em comum, tanto contra os franceses, como também contra os britânicos do canal de Suez.

O sultão do Marrocos — Mohammed Ben Youssef — apesar de condenar as cenas violentas e os assassínios que se verificam continuamente em Casablanca, no seu íntimo confia na ressurreição do mundo árabe, livre de qualquer dominação européia. Influi também o crescente poder e popularidade de Naguib no Egito, onde os estudantes se reúnem nas praças públicas hasteando as bandeiras da Tunísia e do Marrocos pedindo reivindicações políticas para os seus irmãos de sangue e de fé.

A arma política do Bey vem sendo a greve do seu **placet** nos decretos e planos político-administrativos franceses. Agora mesmo a crise que toma corpo tem sua origem numa desavença entre o Bey e o Residente Geral Hauteclocque, que rumou para Paris em avião especial, a fim de ouvir o presidente do Conselho, Pinay, e o ministro das Relações Exteriores, Schuman, sôbre os possíveis rumos do conflito.

O Bey recebe tôdas as quintas-feiras todo o seu Conselho para um solene beija-mãos. Porém, enquanto essa submissão simbólica se realiza, os guerrilheiros árabes do deserto se infiltram pela Líbia, chefiados pelo líder nacionalista, o comandante da «Legião Hached», e disparam contra os franceses da fronteira. Segundo informações do Exército Francês, êsses guerrilheiros usam modernas armas britânicas.

Nessa luta surda de árabes e europeus se aventam várias soluções: a deposição do Bey, a deportação do príncipe Cheddly, o apoio incondicional dos EE. UU. aos franceses, que passariam a usar da política da «mão forte» contra os insubmissos.



Em pleno Mediterrâneo, teatro das batalhas fabulosas de Von Rommel, fervilha o nacionalismo árabe, num extremo Gibraltar, no outro Suez.



Gravura da época nos mostra o corte neo-clássico do antigo Hospício D. Pedro II, fundado pelo esfôrço do eminente provedor José Clemente Pereira.

A RESSURREIÇÃO DE UM PALÁCIO

Especial para REVISTA DA SEMANA

Por PEDRO CALMON

PODERÁ chamar-se Palácio da Praia Vermelha, o solar imenso que durante um século foi hospício de D. Pedro II, hospital de alienados, ruína silenciosa atrás de suas grades enormes: e é hoje Universidade do Brasil. Porque uma esplêndida conspiração de filantropos e artistas o destinou, em verdade, menos para manicômio do que para monumento. Casa do infortúnio, foi feito com a beleza exterior, a dignidade de linhas de um autêntico palácio, como outro não teve o Rio de Janeiro com a sua côrte modesta e essa virtuosa falta de ênfase e de pompa, que caracterizou o império e — singular coerência — distingue a república. Onde estão os palácios nesta cidade de contrastes e surprêsas? O imperador morava sem fausto na Quinta da Boa Vista; e o Paço dos vice-reis, sede oficial do govêrno, tinha a desbotada grandeza de um mosteiro. Era triste. Os presidentes foram viver numa residência de traça nobre mas de proporções humildes: o Itamarati. E mais tarde se mudaram para outra mansão particular, pretensiosa e acanhada: o Catete. Acrescente-se: o Brasil é um país importante que cresceu tão depressa que não teve tempo para hospedar suntuosamente a chefia do Estado. As outras repúblicas do continente orgulham-se de seus palácios, singelos, como a Casa Branca, deslumbrantes, como o palácio presidencial de Lima, históricos, como La Moneda, do Chile ostentosos, como o de Buenos Aires, ou clássicos, como o de Assunção do Paraguai. Nós, não. Continuamos dispensando, como a cem anos, o que parece supérfluo, e todavia é decoroso. Por um evidente sentimento de foderação burguesa, embebido de indiferença pelo grandiloquo, de sutil incompatibilidade com o espetaculoso, de democracia visceral... Para que o "admirável", se basta o mediano, o trivial, o doméstico, o antigo? Com esta doce suficiência poupamos as críticas que despertariam uma obra rica, aceitando as que causam uma rotina medíocre. Os homens de 1841 pensaram diferentemente. E foram esplêndidos de sensibilidade social e de requinte estético. Em vez de um asilo de insanos criaram uma maravilha de equilíbrio arquitetônico e bom gôsto. Deram ao Rio de Janeiro o seu mais belo edifício — dizendo, sem mentir õue lhe construiam um estabelecimento de caridade.



E como homenagem, a posteridade levantou sua estátua em mármore branco, adôrno muito ajustado ao Palácio onde hoje em dia funciona a nossa Reitoria da Universidade.

E tanto foi assim que, ao esvaziar-se o prédio, porque ganharam os loucos melhores instalações — nas suas colônias suburbanas — pôde êle ser transformado num palácio, sem que se lhe alterasse a fachada coroada de vasos e estátuas, vasta e majestosa ao abrigo do seu gradil de bronze.

Explica-se a bizarria, dêsse hospital concebido como um régio palácio de dimensões formidáveis, pela época em que o levantaram, pelo regime político que então despontava, pela natureza pessoal da homenagem (consagrado à imperial munificência sob o patrocínio do jovem monarca), pelo espírito da instituição que o promovia e pela escola dos engenheiros que o desenharam, ergueram e adornaram, num dos períodos mais entusiásticos da evolução nacional. Estava-se em 1841. Acaba de inaugurar-se o segundo reinado. A política festejava a maioridade prematura do soberano, que era uma esperança e um símbolo. À frente da Santa Casa de Misericórdia, o provedor José Clemente Pereira fôra um dos marechais da revolução civil que elevara ao poder o partido conservador; e reunia em tôrno do trono as fôrças vivas da nação, cansadas de lutas e dissenções, impregnada de um inefável ideal de progresso. E essas correntes morais se ajustavam às alegorias e às insígnias do estilo greco-romano que Grandjean de Montigny trouxera em 1816 para o Rio de Janeiro. Formara na sua mentalidade e na sua geometria uma geração brilhante de arquitetos. Dois dos seus discípulos da academia das belas artes imprimiram o sêlo dessa inspiração no hospício de D. Pedro II, José Maria Jacinto Rebelo, responsável pelas mais difíceis soluções da construção gigantesca, e Joaquim Caetano Guillobel, que a enriqueceu com o pórtico helênico, realçando a sóbria beleza do conjunto.

Guillobel era lisboeta. Viera, rapaz, em 1811. Entrara para o real corpo de engenheiros, notabilizara-se como desenhista, e no palácio de Petrópolis — a melhor de suas realizações — deu a medida da sua técnica, amaciada e ressaltada por um vibrante temperamento artístico. Carioca, mais inclinado às matemáticas, construtor perfeitamente informado sôbre tôdas as dificuldades da sua engenharia, Rebelo foi um mestre do seu ofício. Documentalmente sabemos que é dêle o projeto da ligação da água do Corcovado com a Praia Vermelha; que dirigiu assiduamente os trabalhos do hospício, entre 1846 e 52; e à sua proficiência se credita a articulação da capela com a massa principal do palácio, através da escadaria imponente iluminada por uma cúpula, que então se reputou como um prodígio de arquitetura — no engaste soberbo das abóbadas e das colunas, respirando a teatralidade de um interior de Panteon.

A 5 de dezembro de 1852 o imperador, o ministério, o benfazejo provedor da Santa Casa, as pessoas gradas da cidade, declararam instalado o hospício. E passou a ser a mais vistosa casa fluminense. Seria imperdoável o seu desaparecimento. Foi felizmente restaurada; abriga os serviços da cultura; e com outra tinta — rutilante na sua côr rósea que o sol flamejante dêste verão recobre de uma poeira d'oiro — lá ressurge, revive, resplandece. Falamos da ressurreição das obras primas do gênio e da graça. E' preciso dizer que o palácio da Praia Vermelha ressuscitou no seu esplendor. Não devia nem podia acabar. Os monumentos não morrem. Ou, quando morrem, arrastam consigo um pouco da civilização que representavam. Êste representa um aspecto da capacidade brasileira de atender à miséria e honrar a arte. Tinha de sobreviver — como a beleza e a piedade num mundo que ainda as preza e estima.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 1 ★ 3-1-53

SUMÁRIO

A Tunísia é outro problema 3/ 6
A ressurreição de um Palácio 6
Lewis veio, viu e voltou 10/11
Vida e morte de Frei Pedro 19/21
Os acqualoucos 23/25
Olhando para trás 26/30
Truques e artimanhas para vender perfumes 47/49

●

Os Reis Magos 7
O desaparecimento de Júlia Wertheimer 15
Semana Literária 39

●

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 8
Lido... visto... ouvido... .... 12/13
A Revista há 50 anos 14
Conta-me teus sonhos 14
Passatempo 46
Último Flash 50

●

Memórias do Príncipe Yussupoff (romance) 16/17
A moda atual 35/38
Os segredos da alma à luz da psicanálise 40
Um bom partido 42
Rotina de beleza 43
A saúde do bebê 44
Arabelle (folhetim) 45

●

Êste mundo e o outro (caricatura) 22
A vida de Noel Rosa 31/33
O Profeta das Selvas 41

●

CAPA: Esther Williams (M. G. M.)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Reportagens: NAPOLEÃO AUGUSTIM LOPES — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933. Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

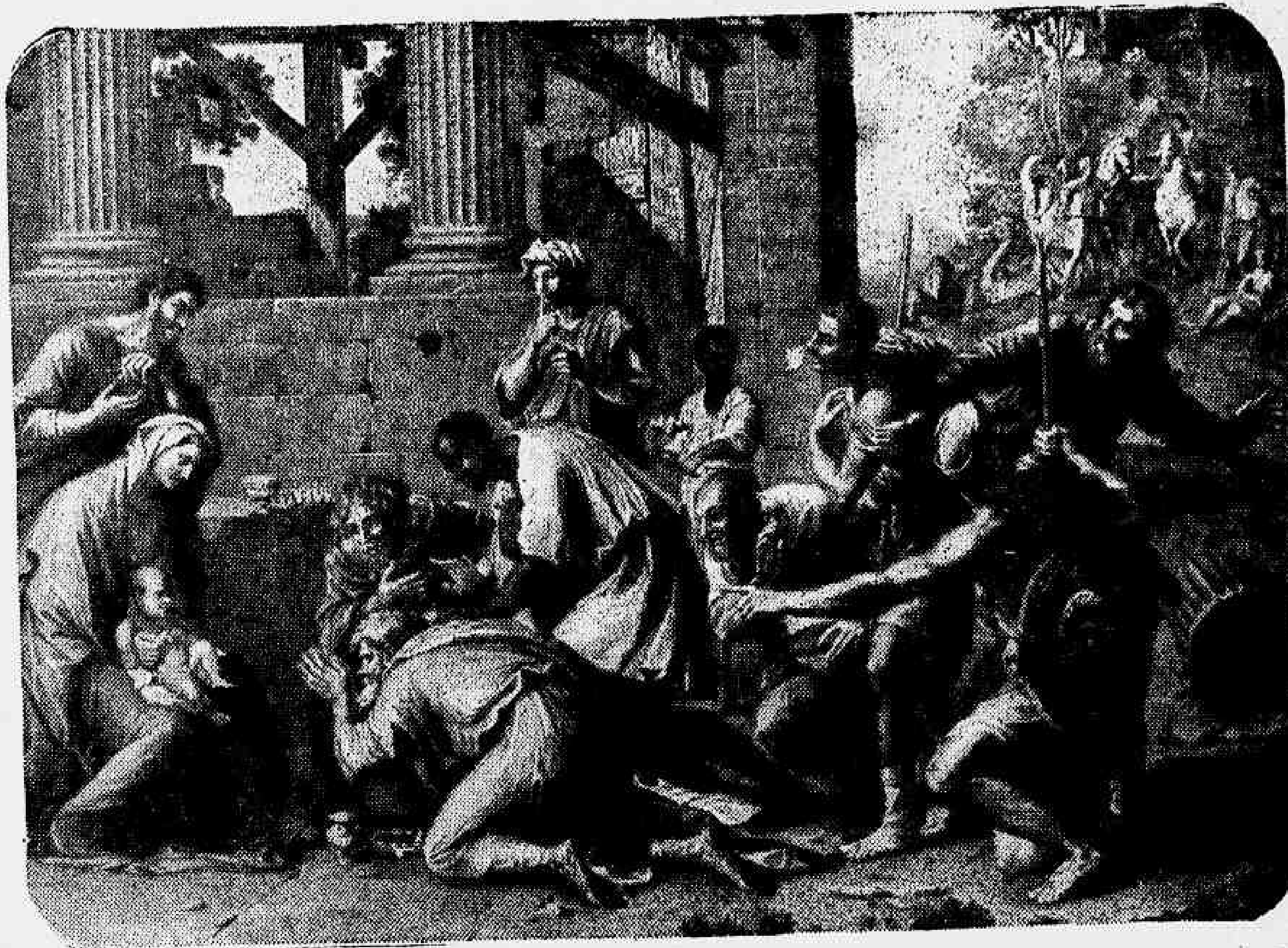
Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.



O Dia de Reis

DIZ-NOS S. Mateus, em seu Evangelho, que «depois do nascimento de Jesus Cristo, uns Magos, guiados por um sinal celeste, vieram do Oriente a Jerusalém para adorar o Rei dos Judeus, indo encontrá-lo em Belém, oferecendo-lhe ouro, incenso e mirra. Os três Reis do Oriente se chamavam Melchior, Gaspar e Baltazar, e voltaram à Arábia Feliz, recusando-se a denunciar a Herodes o Messias». Já houve época em que os três Reis Magos eram muito festejados. Os mais famosos pintores do mundo celebrizaram seu feito em telas memoráveis. André del Sarto, Perugio, Vealásquez, Caxes, Gômez, Memling, Boticelli, Durer e tantos outros artistas, fixaram em quadros imortais a magnitude dessa primeira adoração de Reis ao filho de humilde carpinteiro da Galiléia, nascido sôbre os retraços de uma reles manjedoura dos arredores de Belém. Quadros reproduzindo os Magos em seus camelos bem ajaezados, cruzando os desertos guiados pela luz do céu, estão em igrejas, catedrais, no Vaticano, em museus famosos. Mas, infelizmente, parou a comemoração dos três misteriosos árabes. Lá pelo nordeste do Brasil, em tempos passados, quando as gerações de hoje ainda não eram nascidas, o episódio era festejado de maneira encantadora e inesquecível. Nas proximidades do Natal, começavam a ensaiar os Reisados. Quando chegava o Dia do Nascimento de Jesus, os Reisados saíam às ruas de cidades, vilas e povoados, a visitar os principais do lugar, a exibir-se com suas cantorias folclóricas, tão ricas de motivos bíblicos e a rememorar as lutas entre fiéis e pagãos. Os Reisados têm origem africana e sofrem alterações de Estado a Estado, com algumas inovações regionais. Na essência, porém, o conceito é um só: homenagear a Jesus-Menino e terminar os festejos no Dia dos Santos Reis. Em cada casa havia uma «Lapinha» contendo o presepe. No dia de Reis, seis de janeiro, enquanto os Reisados dançam e cantam em louvor os donos das casas visitadas e desenvolvem todo um programa de batalhas e cenas pitorescas, com os «Mateus» a perseguir os meninos, o «doutor» a examinar o «boi», e os «Reis» a guiar todo aquêle luzidio cortejo multicor, cantam-se hinos nas «lapinhas», dançam as pastorinhas sua última noite, e todo o povo se despede com infinita saudade daquelas comemorações tradicionais, de poesia encantadoramente lírica. O Reisado nordestino é, porém, a festa culminante do Dia de Reis. De onde nos veio o Reisado? Incontestàvelmente sua origem é africana. Se os nossos governos quisessem ressuscitar os Reisados! Quanta beleza nessa tradição que já está quase morta por falta de quem lhe dê a nutrição das massas e a beleza das fantasias lendárias! Um povo sem lenda é um aglomerado de corpos sem alma. Da festa de Natal à dos Santos Reis, no Brasil, tudo já está desfigurado, sem poesia, sem graça, apresentando-se apenas como o mais sórdido meio de fazer-se negócio, de vender-se mais caro, de explorar-se o povo. Dia de Reis devia ser um dia de fulgurantes comemorações, com as velhas lapinhas reproduzindo a cena de Belém no sexto dia de vida de Jesus. Não seria preciso que o fenômeno fôsse imortalizado pelos mais famosos artistas da tela; bastaria que o nosso povo se encarregasse de restaurar os quadros vivos de Belém, nas telas animadas de suas realizações tradicionais. E quando os turistas dissessem que viram em Museus, Catedrais e no Vaticano, magníficas telas de pintores sôbre o Dia de Reis, nós poderíamos responder-lhes vitoriosamente: «Temos telas muito mais empolgantes. Venham vê-las nos Reisados».

RENATO DE ALENCAR

A PERSONAGEM da SEMANA



UM dos mais comentados episódios políticos do ano, já na última semana de 1952, foi a entrega do Plano do Executivo ao Legislativo, referente à reforma administrativa do país, elaborada pelo DASP. Uma comissão interpartidária, a convite do chefe da nação, compareceu ao Catete e recebeu o documento em que é sugerida a criação de vários ministérios. Mas o ponto alto do acontecimento foi o destaque especial em que se viu, antes e depois da cerimônia, a pessoa do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco, líder da U.D.N. na Câmara Federal. E' que a opinião pública vê e sente a encruzilhada em que se encontra o político mineiro. E tôda a imprensa se preocupou com isso, máxime depois que o Sr. Presidente da República dispensou ao líder democrático atenções indiscutìvelmente especiais. Assim, pois, o Sr. Afonso Arinos assistiu à saída de 1952 e a entrada de 1953 a braços com a interrogação da tragédia de Hamlet: «Ser ou não ser». E eis, de fato, a questão.



VITÓRIA DO ACORDEON — A recente festa de formatura dos alunos da Escola Nacional de Música do Rio, apresentou, êste ano, uma novidade: a primeira pessoa que conseguiu em nosso país diplomar-se em acordeon. Até então havia diplomados em piano, canto e violino; agora, porém, incluiu a Escola Nacional de Música o acordeon, cabendo a glória dessa inovação à professôra Maria Amália Tristão Tote, natural de Juiz de Fora, espôsa do dr. Honório Tote e filha do Cel. Alencar Tristão e de sua senhora, d. Olinda Coluci Tristão. Não era mais possível deixar o acordeon em situação inferior perante o piano e o violino, e a nova diplomada conseguiu brilhante vitória, não para si mesma, porém para a emancipação do belo instrumento.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição fisica lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a intéligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento fisico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos. tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

(Não esquecer nunca)

Ventre-Livre não é purgante

A MORTE DE TOTÓ



Em começos de setembro último apareceu prêsa a uns cercados de pescadores em Guaratiba, um animal estranho. Levaram-no para o Zoológico, que o comprou por bom dinheiro. Era um leão marinho, ou, cientìficamente, «Mirunga leonina». O animal se tornou a atração do nosso Zoo, e, em menos de três meses, dera um lucro de mais de trezentos mil cruzeiros. Contudo, não suportou o leão marinho a temperatura do Rio, apesar de tôdas as providências da administração do Jardim Zoológico. Morreu de insolação. Agora os cariocas e turistas só poderão ver de Totó o esqueleto, quando o mesmo fôr armado numa das seções do Museu Nacional. Uma coisa ficou provada: não era do sexo feminino, como diziam. Era «homem».



A SEMANA EM REVISTA

NATAL NO MARACANÃ — O estádio do Maracanã teve um dos seus grandes dias, quando d. Darcy Vargas, digníssima espôsa do sr. Presidente da República, no domingo, 21 de dezembro, acompanhada de auxiliares da LBA, distribuiu as festas a enorme multidão de pessoas que se muniram dos respectivos cartões. O aspecto era empolgante, tendo havido «shows» dedicados às crianças, números êsses executados por artista consagrado pelo nosso público. Estêve presente o Presidente Vargas, sendo saudado pela gurizada que enchia as dependências do maior estádio do mundo. Além de presentes para a meninada, foram entregues sacos com diversas espécies de víveres para as pessoas mais necessitadas.

AVENIDA AFRÂNIO DE MELO FRANCO — A 17 de dezembro foi inaugurada em Lima, capital do Peru, a avenida Afrânio de Melo Franco, diplomata brasileiro cuja atuação em prol da paz e harmonia entre as nações sul-americanas foi muito apreciada por todo o Continente. Para homenageá-lo, o Prefeito de Lima deu o seu nome a uma das novas ruas da capital peruana. Compareceram a solenidade o nosso Embaixador no Peru, dr. Caio de Melo Franco, o seu irmão, deputado Arinos de Melo Franco e o sr. João Neves da Fontoura, Ministro do Exterior convidado para o ato inaugural. Antes de desfilarem as alunas da Escola Republica del Brasil, falaram o sr. João Neves e o Prefeito de Lima, sr. Eduardo d. Dammert.



SISUDO E LACÔNICO, NÃO TIROU O PALETÓ ★ TUMULTO NO ENCERRAMENTO DA II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DOS LÍDERES SINDICAIS

Texto de RICARDO FREI

A fim de observar o andamento dos trabalhos da II Conferência Internacional da Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT), veio ao Brasil o líder dos mineiros norte-americanos John Lewis.

Homem experimentado em questões operárias, campeão de inúmeras greves, Lewis comanda, com seu prestígio, cêrca de 10 milhões de homens, soldados da frente civil americana, que atendem ao seu apêlo como o melhor indicado para a salvaguarda dos seus interêsses.

John Lewis, que já foi congressista, pertence à Academia Nacional de Ciências e é presidente da United Mines Workers, pôsto-chave na vida econômica e política dos Estados Unidos. Sua vinda ao Brasil, como observador, tem um alcance que ainda não foi devidamente apreciado. A importância do seu testemunho diante do nosso renome de país avançado em legislação trabalhista é decisiva, sobretudo depois do ambiente trepidante em que se encerrou a última sessão da Conferência da ORIT, que durou das 21 até às 4 da madrugada.

Reuniram na sede da AABB, ex-cassino Atlântico, cêrca de 25 delegados representando quase todos os países americanos. Foram debatidos assuntos pertinentes à classe operária, porém infrutiferamente. O Brasil atuou sem unidade, perdendo nossa delegação as oportunidades de têrmos aqui a sede da ORIT e a sua presidência, limitando suas discussões a assuntos de menor interêsse.

Lewis, que tudo observou, disse: "Realmente o Brasil tem uma legislação (teórica) muito desenvolvida, porém não pude vê-la posta em prática." Quanto à política nova (Ike) dos EE. UU., disse "que em nada afetaria o front trabalhista norte-americano".

Uma coisa ficou patenteada, no meio do ambiente agitado e ruidoso da Conferência: Lewis manteve uma calma extraordinária e, com seus dois olhos penetrantes, ao que parece, fotografou tudo. Nascido em Osceola (Pensilvânia) em 1876, com seus 76 anos de idade, mostrou-se rijo como um vetusto jequitibá. Não perdeu uma única sessão. E o comando moral fora de tôda dúvida, foi seu.

John Lewis — como bom mineiro — sabe ver no escuro. A luta no subsolo ensina que os acontecimentos passados cá fora têm pouca ou mesmo nenhuma importância para êle.

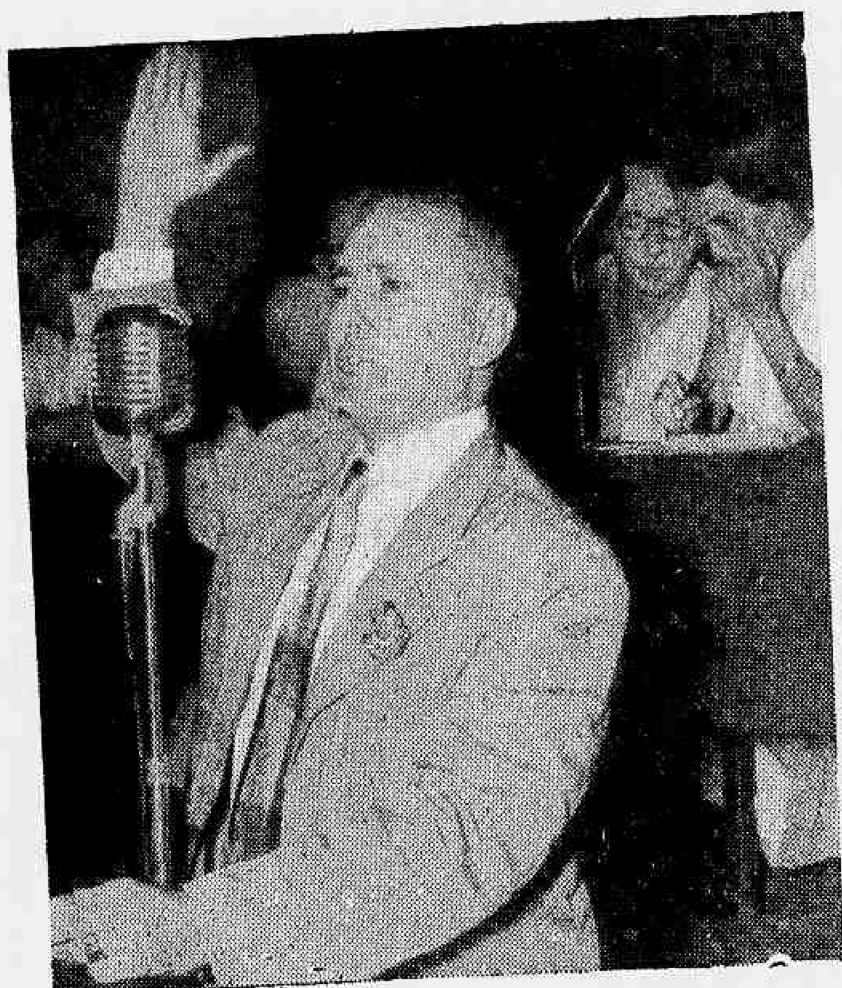
Lewis veio, viu e voltou!



Por essa mesma razão, apura o ôlho. Enquanto a Conferência discute e verbera, êle, John Lewis, líder dos mineiros, taquigrafa mentalmente tudo aquilo que vai dizer no seu relatório...



Como secretária particular trouxe sua filha dos Estados Unidos. E ela coopera 100 por cento.



De repente, a coisa esquentou. O delegado americano levanta sua mão e também a voz.



Enquanto a canícula do Rio de Janeiro punha à prova os delegados estrangeiros e os obrigava a tirar o paletó para se refrescar, John Lewis resistia estòicamente ao calor...

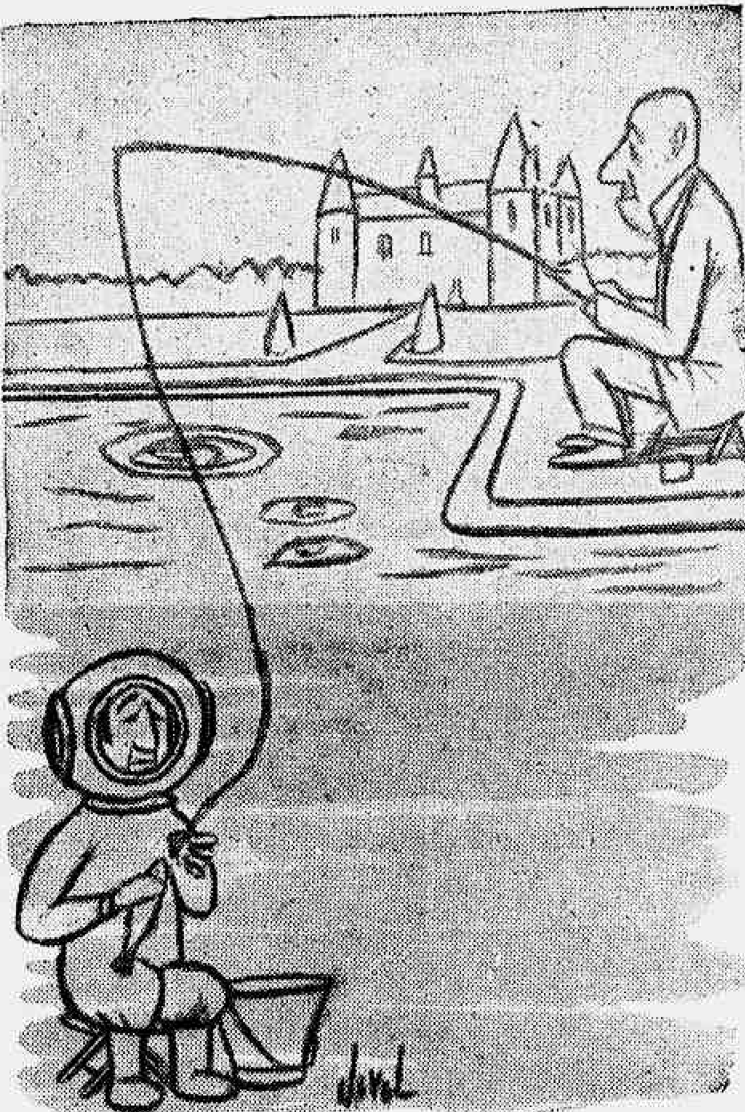


Antes do estouro final, houve muito conciliábulo. Talvez se as coisas tivessem sido ditas em bom som não teriam resultados os desentendimentos.



LIDO... VISTO...





Sem legenda

A PRIMEIRA JORNALISTA BRASILEIRA

Muita gente acha que, sòmente agora, depois de o mundo estar convulsionado por duas grandes guerras, foi que a mulher começou a lutar por seus direitos e colocar-se ao mesmo nivel mental dos homens. Nada mais falso. No Rio de Janeiro, em 1839 houve revistas escritas e dirigidas por mulheres, e em 1852, ainda nesta leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, aparecia um jornal inteiramente escrito e dirigido por mulheres, mas já não apenas um repositório de modas, anedotas ingênuas e sessão de charadas. Tratava-se de um jornal de combate, de energia e ação em prol dos direitos femininos: "O Jornal das Senhoras". Quem o fundara e dirigia? Uma baiana residente no Rio, Violante Atabalipa Bivar, de importante família ilustre e culta. Unindo seus ideais aos de uma intelectual argentina casada com um ator brasileiro, mantiveram as duas jornalistas o seu jornal durante algum tempo, quando a colega de Violante, não suportanto a campanha que faziam contra o jornal, desligou-se da redação. A baiana continuou sòzinha e manteve o "Jornal das Senhoras" até 1857. Mas essa primeira jornalista brasileira não se deixou abater e, em 1873, já com 56 anos de idade, lançava a público outro jornal: "O Domingo", o qual desapareceu com ela, quando a morte veio apagar todo o fulgor daquele espírito de mulher culta, inteligente e patriota, a 25 de maio de 1875. Onde está no Rio, ou na Bahia, uma rua ou praça com o seu nome?

•

RESOLVA SUAS DÚVIDAS DE LINGUAGEM

Está aberta nesta seção uma coluna destinada às dúvidas de caráter gramatical, sintático, de acentuação gráfica, etc. Se o leitor estiver em dificuldades para resolver algum embaraço sôbre problemas de nosso idioma, queira fazer-nos seus pedido e indicar o motivo das suas dúvidas. Faremos o possível para orientar os consulentes, dando-lhes explicações claras e atualizadas. Resolvemos abrir espaços para esta coluna, depois que, nesta própria Redação se estabeleceu aceso debate entre dois colaboradores, em tôrno desta expressão: "Aproveito da oportunidade para apresentar votos de Boas Festas". A dúvida estava naquele **aproveito da** oportunidade. Um dos colaboradores achou que estava errada a construção. O outro sustentou que estava correta. Então entregaram o caso a esta seção. Como ainda não tínhamos tratado do assunto, tivemos que abrir a coluna do "Resolva suas dúvidas de linguagem", e eis aqui a resposta do professor de vernáculo a quem recorremos:

"Aproveito da oportunidade" é sintaxe desaconselhável. O verbo aproveitar é transitivo, repelindo a presença da preposição **de.** O correto é: "Aproveito a oportunidade..." Se a pessoa, porém, fizer questão da preposição **de,** poderá dar outra forma à frase e escrever: "Aproveito-**me da** oportunidade..." Pelo visto, só devemos empregar o **de,** quando aproveitar vier com o pronome reflexivo: **Aproveitou-se disso, aproveitando-me da** ocasião, **aproveite-se do** caso, etc. Do contrário, é sem o **de:** Aproveito **a** oportunidade, aproveite **o** caso, aproveitando **o** momento, etc.

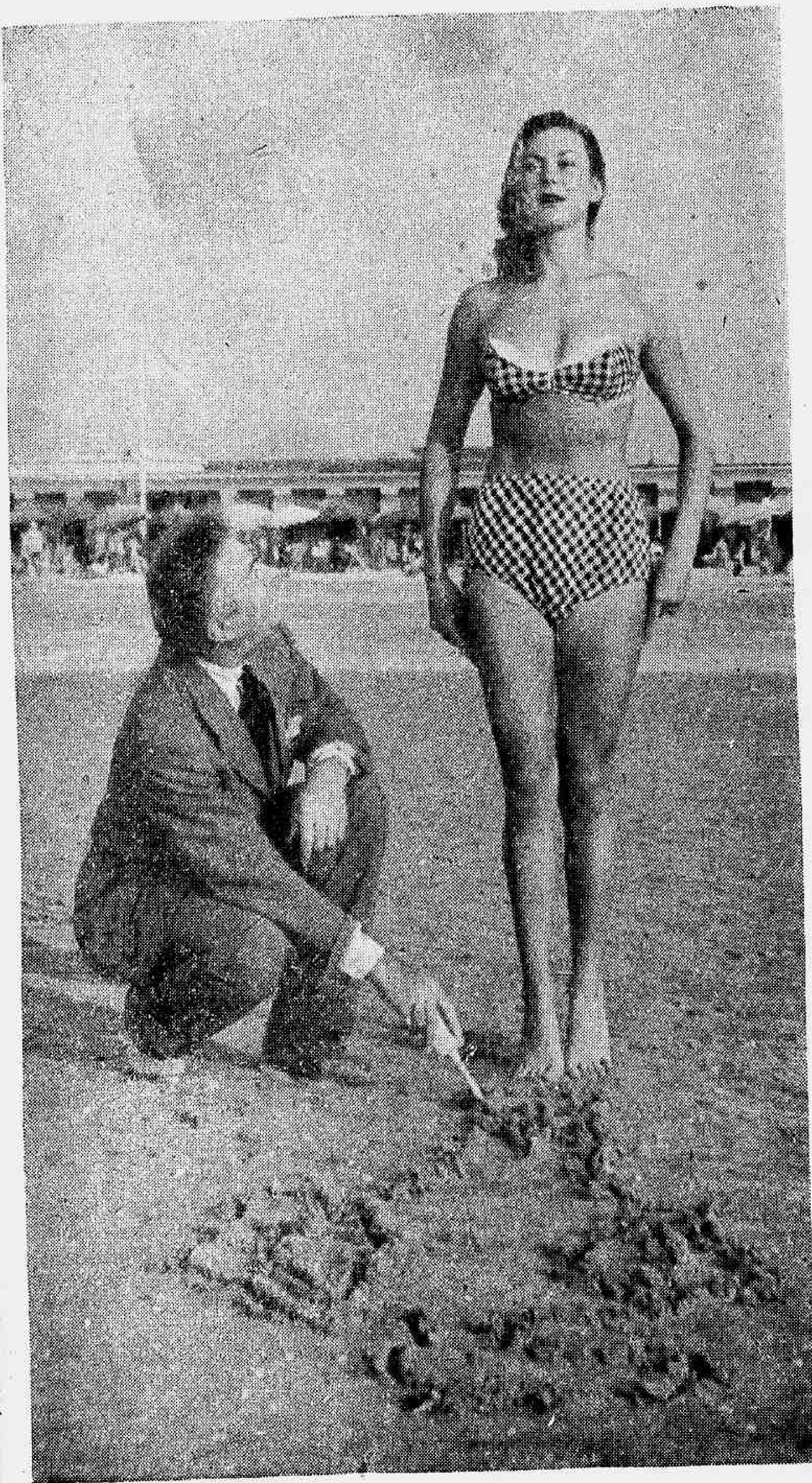
E quem não **se aproveitar** agora **desta** oportunidade, é mesmo porque não quer melhorar seu português...

CASO ÚNICO, NO MUNDO!



Um helicóptero não é lá coisa de espantar, nem há quem julgue tratar-se de «ataques marcianos» ao nosso querido planêta; mas, quando o leitor inteirar-se do significado desta gravura, chegará à conclusão a que também chegamos. Êsse helicóptero merece uma condecoração. O fato se deu desta maneira: o famoso clarinetista Sidney Bechet, conhecido no mundo inteiro, tinha que ir à cidade de Cannes, França, a fim de reger uma grande orquestra. Tomou o «Helicop-Azur» e partiu. À chegada, grande multidão acorreu a «La Croisette». E sucedeu então esta curiosidade absolutamente inédita em matéria de orquestras e regências musicais. Quando o aparelho estava a poucos metros do solo, o clarinetista deu início à música e regeu, dos ares, a orquestra de Claude Luter, que estava presente, à sua espera. O episódio despertou o maior entusiasmo a todos os circunstantes e aos próprios musicos, pelo seu ineditismo.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...



CASTELOS DE ARTE... NA AREIA

Anchieta, nas praias brasileiras dominadas pelos tamoios, escrevia poemas à Virgem, enquanto esperava a solução da paz entre lusos e selvagens. Mas o célebre pintor Touchagues desenha na praia de Deauville, outra espécie de poema, um poema-silhueta tendo como modêlo uma encantadora banhista. Não sabemos se, depois de executada a obra de arte plástica, saída do "pincel" de tão grande artista da tela, a banhista achou qualquer semelhança com sua divinal pessoa. Mas tudo isso é coisa para divertir em praias de banho, onde não apenas se fazem castelos na areia, e sim também perfis que as ondas levam...

●

MELHORE SEU PORTUGUÊS

Numa roda familial discutia-se o insucesso de certa senhora que fizera concurso para postalista e fôra reprovada em português. Procurava-se insistir na absoluta necessidade de todos estudarmos nosso idioma, não sòmente para podermos falar corretamente, como para casos como de que se tratava. Foi quando entrou na palestra uma outra senhora da vizinhança a quem transmitiram o «slogan»: «Melhore seu português». Mas a recém-chegada foi logo dizendo: «Impossível. Tenho feito tudo e aquêle infeliz não muda de vida. E' na sovinice...»

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa.	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE OUTRO NOME TEM O SARGAÇO DO MAR:

— Varegue?
— Mírpio?
— Pucumã?

2 — UMA PESSOA QUE FALA À TOA, É:

— Hemiplégica?
— Sibilina?
— Vaniloqua?

3 — URUTU É:

— Uma cobra?
— Uma ave?
— Uma árvore?

4 — EM QUE ESTADO FICA A CIDADE DE TRÊS CORAÇÕES:

— São Paulo?
— Bahia?
— Minas?

5 — COMO DEVEMOS DIZER E ESCREVER:

— Caminhão?
— Camião?
— Ou de ambas as formas?

6 — UMA PESSOA QUE MORRE FULMINADA POR UMA CORRENTE ELÉTRICA, É:

— Eletro-executada?
— Eletrocutada?
— Ou eletrocutida?

7 — QUAL FOI O POETA QUE TEVE O APELIDO DE "BÔCA DO INFERNO":

— Gregório de Matos?
— Camões?
— Cruz e Souza?

8 — DE QUE NACIONALIDADE ERA O POETA LÍRICO TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA:

— Espanhola?
— Portuguêsa?
— Brasileira?

9 — QUE NOME TINHA ANTIGAMENTE A CIDADE DE MARIANA:

— Ouro Fino?
— Serrinha?
— Ribeirão do Carmo?

10 — QUAL O MAIS BELO LIVRO DE AMOR DA LÍNGUA PORTUGUÊSA:

— Marília de Dirceu?
— Inocência?
— A Escrava Isaura?

11 — QUEM FOI MONTE ALVERNE:

— Um general?
— Um Governador Geral do Brasil?
— Um frade?

12 — DE QUE ESTADO ERA CASIMIRO DE ABREU:

— De São Paulo?
— Do Pará?
— Do Estado do Rio?

13 — A QUE ESCOLA LITERÁRIA PERTENCE O ROMANCE "INOCÊNCIA", DE TAUNAY:

— À Romântica?
— À Realista?
— À Simbolista?

14 — EM QUE ESTADO NASCE O GRANDE RIO JEQUITINHONHA:

— Em São Paulo?
— Na Bahia?
— Em Minas?

15 — QUEM PRIMEIRO VEIO COLONIZAR O BRASIL NOS TEMPOS COLONIAIS:

— Tomé de Souza?
— Martim Afonso de Souza?
— Duarte Coelho?

(Respostas na página 44)

A REVISTA há 50 anos

4 DE JANEIRO DE 1903

OS THEATROS — Na noite de sexta-feira da semana finda, em festa artistica de Ferreira de Souza, um dos artistas mais estimados e estimaveis do nosso theatro, foi representada pela primeira vez a comedia em 3 actos, original do sr. Arthur Azevedo — RETRATO A OLEO. A peça, ensaiada e enscenada a capricho, foi ouvida por um publico numeroso e escolhido, do qual fazia parte o sr. presidente da Republica, dando um bello exemplo de sympathia pelas cousas de espirito nesta terra, onde difficilmente ellas prosperam. Sinceras demonstrações de apreço ao auctor e beneficiado: o primeiro no final do 2.° acto; o segundo, desde a sua entrada em scena.

O RETRATO A OLEO, genero de manifestação muito frequente no Rio de Janeiro, serve de pretexto ao sr. Arthur Azevedo para variar, durante tres actos, o thema, velho mas nunca esgotado, de que a vaidade dementa a creatura mais sisuda, tornando-a passivel dos maiores infortunios.

A peça, sempre bem dialogada e externando as grandes qualidades litterarias do auctor apparece-nos, como factura theatral, scindindo as duas partes distinctas pela penultima scena do 2.° acto: até alli o RETRATO A OLEO é a coordenação natural, logica, bem observada, por vezes encantadora e sempre interessante de episodios da nossa vida burgueza. Depois, dir-se-ia que outro escriptor, um discipulo ainda balbuciante, lançou mão da penna para concluir o lavor começado pelo mestre e por este abandonado, em uma dessas crises tão frequentes nos homens de vida mental. E assim acontece que desde o final do 2.° acto até ao termo da peça, os typos perdem a sua unidade, os caracteres sãos se dissolvem em condescendencias ultra-romanticas, os máos não chegam a rehabilitar-se perante o publico e uma ultima "ficelle", transparente e pueril, deixa attonito o espectador, tão sympathicamente impressionado até á scena da manifestação.

A peça foi brilhantemente servida nas suas qualidades e defendida nos seus defeitos pelos artistas do Recreio Dramatico. Ferreira de Souza foi um protagonista "hors-ligne"; Grijó merece os mais calorosos applausos pelo talento com que compoz um personagem que parecia feito para compromettel-o. Pois ficou sendo um dos seus melhores trabalhos! Lucilia Peres agradou-nos francamente e, em algumas scenas do 1.° acto, satisfez-nos por completo. Olympio, Bragança, Barbosa, Alfredo Silva, Helena Cavallier e Georgina Vieira acompanharam os seus collegas na mesma altura e afinação. Muito bem a pequenina Odette, com intelligencia e vivacidade. Em papeis episodicos, Pepa, Carmen e Estephania Louro cumpriram o seu dever. Abriu o espectaculo com "lever de rideau", original de Filinto de Almeida: O DEFUNTO. Que delicia!

Ferreira de Souza foi muito cumprimentado, recebendo brindes valiosissimos.

TOURING-CLUB DO RIO

Terminou quarta feira passada o grande torneio de tiro ao alvo organisado pelo director da aula de tiro, sr. Adelino Soares. Neste grande certamen, que começou em 1.° de dezembro, inscreveram-se 17 atiradores, dois quaes só concluiram seis, que mantiveram renhida luta até ao fim. A commissão respectiva fez no dia immediato a apuração dos pontos e acclamou os vencedores. No proximo numero daremos circunstanciada noticia a respeito, publicando os retratos de alguns dos vencedores.

VELO-CLUB

Domingo passado os socios, completamente uniformisados e montando suas machinas, sahiram em passeiata pelos bairros do Engenho de Dentro e S. Christovão, sendo muito acclamado o Velo, que recebia de distinctas familias muitas palmas. O Club dos Destemidos offereceu aos sympathicos rapazes uma linda corôa de louros com significativa inscripção.

A noite foram entregues as medalhas, seguindo-se animada soirée que terminou á meia noite.

— Os socios reunem-se hoje á noite, no salão da secretaria, em assembléa geral, afim de eleger a nova directoria.

Podemos quasi affirmar que a actual, a quem o Velo muito deve pelo seu progresso, será reeleita.



Dr. Ataulpho Napoles de Paiva, Juiz da Camara Civil do Tribunal Civil e Criminal.

SPORT-CLUB

Para as grandes corridas de 18 de janeiro, 1.° anniversario deste novel club cyclista, acham-se abertas as inscripções. O projecto do programma consta de um torneio de tiro ao alvo, dividido em tres partes e de 10 pareos para pedestres e bycicletas. No torneio de tiro tomam parte gentis senhoritas, ensaiadas pelo sr. Manoel Dias de Carvalho, director da aula de tiro, e as 2 turmas de atiradores desta sociedade.

Nas corridas ha dous grandes premios — Imprensa — na distancia de 5.000 metros e — Sport-Club — na distancia de 20.000 metros, havendo medalhas de ouro para os vencedores destes dous pareos. Os corredores estão enthusiasmados e já começaram, no Campo de Sant'Anna, seus cotejos e ensaios. Prevemos desde já grande brilhantismo nas proximas corridas.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **VIOLA (Rio)**

SONHO: Ao penetrar numa sala, vi surgir uma entidade vestida de branco que me apresentou uma tábua, cuja parte superior era arredondada e encimada por uma rosa e ladeada de guirlandas de louros. Nela havia inscrições cuneiformes, iniciadas por meias-luas em quarto crescente. A entidade me apresentou a tábua, dizendo-me que lesse com atenção, pois era uma mensagem que o Mestre me enviava. Apesar da escrita simbólica, li a inscrição com facilidade, sentindo-me eufòricamente bem.

INTERPRETAÇÃO: Qual de nós não penetra, cada dia, numa sala e não recebe uma **mensagem**? A sala é sempre o nosso Eu superior e a mensagem uma advertência, um despertar de nossa alma, lembrando-nos que, talvez, estejamos afastados do caminho traçado. Com você, Viola, está acontecendo uma coisa muito comum às criaturas: está dando mais importância às coisas exteriores (tábua engalanada de louros e rosas) do que ao que há de mais belo dentro do ser humano: o Amor. A Tábua que você recebeu no seu sonho, representa a da Lei Mosaica, ou, sejam, os Dez Mandamentos da Lei de Deus, que se apresentaram em caracteres desconhecidos para você, mas legíveis para o seu espírito. Você, talvez, se esteja descuidando de observar determinadas práticas e estudos, preocupando-se com o supérfluo, sem se lembrar do essencial, que se acha no imo, na profundidade de tôdas as coisas (caracteres cuneiformes). Pela simbologia da Lua em quarto crescente, vê-se que, se você cumprir os preceitos da Lei de Moisés, sua vida se transformará e tudo se reajustará definitivamente em seu lar. Quer no íntimo, quer na vida de relação, tudo depende de nós e das interpretações que damos às circunstâncias do nosso meio social e familiar. Procure ler o que diz o Gênese sôbre as mensagens recebidas pelos Avatares e trazidas até nós pelos Livros Sagrados; só assim não se surpreenderá com o simbolismo de seus sonhos.

● **MADALENA (Rio)**

SONHO: Sonhei que, indo visitar uma de minhas amigas, encontrei-a deitada em companhia de outra moça, numa cama em tremenda desordem. Gritei-lhe da porta: — Levante-se, que seu príncipe vai chegar. — Ela riu incrèdulamente e eu insisti: — Levante-se! Já arranquei seu pé de brilhantina que estava murcho e plantei naquele vaso esta linda planta da fortuna. — Finalmente, consegui que minha amiga se levantasse e tomamos um carro, sempre acompanhadas pela outra moça que, no sonho, me parecia excessivamente morena. O carro era guiado por uma senhora que se sentava de costas para os cavalos; mas quem realmente o dirigia era eu que, pela fôrça do meu pensamento, determinava com absoluta segurança o nosso roteiro.

INTERPRETAÇÃO: De que se arrepende, minha boa Madalena? Não vejo em seu sonho motivo para tal... Pelo contrário, êle demonstra o seu grande desejo de ver felizes os seus amigos, e de fazê-los felizes quando está a seu alcance: estimula-os com palavras positivas (gritar da porta), concita-os a levantarem o ânimo e a crerem em si próprios. Digo mais: você os ajuda mentalmente. Retira-lhes as ervas sêcas do pessimismo, substituindo-as por plantas da fortuna (alegria de viver). Você é feliz, Madalena, pois consegue realmente acordar os adormecidos encantos das almas desiludidas e integrá-las no ritmo da vida (carruagem puxada por cavalos) e creiam que sua mente é bastante forte e capaz de conduzi-los a um reajustamento final. Quanto à outra moça, acredito que você desejaria aclarar-lhe certas particularidades da vida, razão pela qual, em seu sonho, ela parecia escura.

● **SARI — (Rio)**

SONHO: Estava em meu quarto, quando bateram à porta; como eu não quisesse abrir, as pancadas redobraram de violência. Então, receando que entrassem, embora não soubesse quem batia, tirei a chave da fechadura e guardei-a... na bôca. Não era, entretanto, uma pequena chave moderna, mas uma chave imensa, dessas que só existem nas fazendas coloniais. A sensação foi tão nítida, que cheguei a sentir na bôca o gôsto da ferrugem.

INAERPRETAÇÃO: Seu desejo de isolamento é um fato tão claro que chega a refletir-se em seus sonhos com uma nitidez incrível. Você deve ser um dêsses tipos misântropos que receiam até falar, para não dar a conhecer o seu eu secreto. Há uma certa fixação em seu psíquico (a velhice da chave). Quer-me parecer que você se arrepende de ter sido, às vêzes, um pouco falastrona, e gostaria de voltar a um passado, não muito remoto (chaves antigas) em que **alguém** servia de carcereiro (portas pesadas) a seus possíveis momentos de indiscrição. Êsse desejo é tão forte que você promete a si mesma, num arrependimento total de seus momentos de loquacidade, não mais expandir-se, para não sentir êsse travo amargo na consciência (ferrugem). Você julgava que nunca chegaria a ser amável e gentil criatura que deve ser hoje... Por que êsse isolamento, Sari?



O desaparecimento de JULIA WERTHEIMER

KARL, no escritório do Delegado de Segurança Pessoal, ouviu, desatento, o relato do homem nervoso que se esforçava para comover o Delegado, êle, Karl, e Brígido, o outro detective, na narrativa que fazia. Karl olhava a fumaça do cigarro que subia em aspirais até o teto e começava a fazer profundas meditações sôbre o hábito do fumo e outros hábitos que a fumaça do cigarro lhe sugeriam. As paredes nuas e pouco higiênicas do gabinete, o matraquear monótono da dactilógrafa e o ruído das buzinas de automóveis que passavam pela rua, seis andares lá em baixo, tudo isto adquiria extraordinária importância naquele fim de tarde, quando um detective da Delegacia de Segurança Pessoal remoia seus próprios pensamentos, espiava o relógio seguidamente e esperava ansiosamente que marcasse a sua hora de encerrar o expediente do dia. O velho, um alemão que falava um português tremendo (Karl lembrava seus pais, quando chegaram no Brasil, quando êle era apenas um garôto de olhos enormes que fixava tudo com um espanto extraordinário) insistia. Sua mulher, Júlia Wertheimer, desaparecera de casa sexta-feira e não dera mais sinais de vida. Estavam na segunda-feira. A loura Júlia desaparecera como por encanto.

— Como é ela?

— E' pequenininha. Tem vinte e três anos. Cabelos louros, usava um vestido verde escuro quando desapareceu.

— Tem sinais particulares?

— Tem, sim senhor...

O velho fêz uma pausa. E falou com muita seriedade:

— Tem. Mas não à vistá, senhor doutor.

Karl riu, malgrado seu. Brígido largou uma piada obscena que o delegado respondeu com um «Feche o bico!» enérgico. O velho, Johan Wertheimer, não deu mostras de ter notado o pequeno incidente familiar no gabinete policial. E prosseguiu numa choramingueira, sem maior interêsse. O delegado ouvia tudo com aquela atenção beneditina que Karl tão bem conhecia. Apertou um botão e o escrivão entrou.

— Tome nota da queixa dêsse «cara», Mathias.

Johan Wertheimer, alemão de origem, estava no Brasil há apenas três anos. Casara-se um mês antes de vir, com Júlia Desingher, que se passou a chamar júlia Wertheimer. Johan tinha cinqüenta e dois anos. Júlia vinte e três. Tinham dois filhos, Karel e Franz, nascidos aqui mesmo em S. Paulo. Johan Wertheimer ganhava a vida como administrador de uma fazenda em Casa Grande.

O homem falava no seu portugués estropiado e o escrivão tinha dificuldades em anotar tudo no livro de queixas. Vez por outra, Mathias lançava um olhar suplicando socorro a Karl, mas êle fazia que não entendia, concentrando tôda a sua atenção nas aspirais do cigarro que subiam até ao teto...

Uma nova espiada no relógio avisou Karl de que já passavam dois minutos das seis. Era o diabo, havia dado mais dois minutos do que o tempo regulamentar ao Govêrno. Levantou-se da cadeira, apanhou o chapéu e o capote sôbre a cadeira e já ia saindo quando o delegado chamou-o.

— Karl.

Karl voltou-se, mostrando no semblante que tinha pressa em deixar o mais ràpidamente possível o edifício da polícia.

— Karl — repetiu o delegado. Você está com muita pressa?

— Já passam das seis.

— Terminou seu turno? Que o diabo

(Cont. na pág. 40)

Conto de PÉRICLES LEAL

Ilustração de RAMON

MEMÓRIAS DO Príncipe YUSSUPOFF

OS BOLOS COM CIANURETO FICAM PRONTOS

EU OLHAVA COM TERROR A MINHA VITIMA

Uma imensa piedade por êsse homem se apoderou de mim, num instante. Senti vergonha dos meios abjetos, da horrível impostura de que eu havia lançado mão.

Eu olhava com receio a minha vítima, tranqüila e confiante diante de mim.

Que era feito de sua clarividência? De que lhe servia o dom de predizer o futuro, de ler o pensamento dos outros, se não via a terrível traição que lhe armavam? Dir-se-ia que o destino houvera lançado um véu sôbre seu espírito... para que a justiça se fizésse.

Mas, num instante, eu revi, como num filme, tôdas as fases da vida infame de Rasputin. Meus remorsos de consciência e minhas emoções de arrependimento se desfizeram em segundos.

Saímos por um patamar escuro e Rasputin fechou a porta pelo lado de fora.

Ouvi novamente o ranger de ferrolhos na escada. Estávamos numa escuridão absoluta. Senti dedos que se agarravam em minha mão, de maneira brutal, enquanto êle dizia:

— Eu te conduzirei melhor por aqui.

A pressão de sua mão me fazia mal. Tive vontade de gritar e de fugir; mas uma espécie de entorpecimento se havia apoderado de mim. Não me recordo mais do que êle me disse então, nem do que eu lhe respondera. Em tal momento eu não desejava senão uma coisa: sair daquela escada o mais depressa possível, rever a luz, e não mais sentir o contato horroroso daquela mão.

Quando chegamos lá fora, meu terror se desfizera.

Subimos ao carro e partimos.

Olhei para trás, a fim de ver se estávamos sendo seguidos por agentes de polícia. Mas nada vi. Tudo estava deserto.

Capítulo VIII

Ao entrar em casa ouvi as vozes de meus amigos, assim como uma cançoneta americana ao gramafone. Rasputin fitou o ouvido.

— Que é que há? Dão festa aqui? — indagou.

— Não. E' minha mulher que recebe alguns amigos que vão partir dentro em breve. Vamos esperá-los na sala de jantar, e tomar uma xícara de chá.

Rasputin suspende sua peliça e se põe a examinar o mobiliário, com curiosidade. Nesse instante supremo êu fiz uma derradeira tentativa para persuadi-lo de deixar São Petersburgo. Sua recusa decidiu a sua sorte. Ofereci-lhe vinho e chá. Com grande desapontamento meu, êle começou por não aceitar nem um, nem outro. Teria êle suspeitado de alguma coisa? Pensei eu com os meus botões. Mas eu estava decidido, houvesse o que houvesse, a não deixá-lo sair com vida daquela casa.

Sentamo-nos à mesa e a conversação se entabola.

Depois de ter esgotado seus assuntos habituais de conversação, Rasputin pediu que lhe desse chá.

Apressei-me a atendê-lo e lhe ofereci um prato com biscoitos. Sòmente depois de alguns





— Não faz mal, bota aqui, te digo eu.
Era preciso ceder sem muita insistência.

Nesse instante eu fiz cair, como por descuido, o copo no qual êle havia bebido, e então aproveitei o ensejo para despejar do Madeira em um copo contendo o veneno. Rasputin não opôs nenhuma objeção.

Eu me mantinha de pé em frente dêle e seguia cada um dos seus movimentos, esperando, a todo instante, vê-lo cair fulminado.

Mas êle continuava a beber lentamente, a pequenos goles, degustando o vinho como sòmente os conhecedores sabem fazê-lo. Sua fisionomia não se alterava em nada. Apenas, de tempos a tempos, levava a mão à garganta, como se sentisse certa dificuldade ao engolir. Ergueu-se e deu alguns passos. Ao perguntar-lhe o que sentia, respondeu-me:

— Nada de mais; apenas uma coceira na garganta.

Tomei então um outro copo com cianureto, enchi-o de vinho e estendi a Rasputin.

Esvaziou-o como fizera aos outros, sem qualquer novidade.

Ficamos assim, um diante do outro, a beber em silêncio. Êle me fitou. Seus olhos tinham uma expressão de malícia. Parecia dizerem: «Vê lá, rapaz. Tens boa pinta, não podes fazer nada contra mim».

Sùbitamente, sua fisionomia toma uma expressão de cólera feroz.

Nunca o vira tão espantoso.

UM TORPOR SE APODERA DE MIM

Um silêncio de mau agoiro impera na sala. Pareceu-me que êle sabia o motivo por que eu o convidara a ir a minha casa, e tudo o que eu estava executando. Deu-se entre nós uma espécie de luta surda, silenciosa, estranho e terrível. Um minuto mais e eu me consideraria vencido, aniquilado. Sob o pesado olhar de Rasputin, eu sentia que o meu sangue-frio me abandonava. Um torpor indizível se apoderou de mim. A cabeça rodava...

Quando recobrei a calma, vi-o sentado no mesmo lugar, a cabeça entre as mãos. Não lhe vi os olhos.

Eu adquirira novamente a calma e lhe ofereci uma xícara de chá.

— Ponha, diz-me êle com voz desfalecida, tenho muita sêde.

Ergueu a cabeça. Tinha os olhos amortecidos e me pareceu que procurava evitar olhar-me.

O relógio já marcava duas horas e meia da madrugada...

Já havia duas longas horas que durava êsse pesadelo.

Lá em cima parecia que já perdiam a paciência. O ruído que chegava até nós não fazia mais do que aumentar o nervosismo.

— Por que fazem tanto barulho? — Pergunta-me Rasputin, levantando a cabeça.

— Deve ser a despedida de meus convidados, que se vão, respondi-lhe eu, acrescentando: — Vou até lá em cima ver o que se passa.

Lá em cima, em meu gabinete, Dimitri, Pourichkevitch e Soukhotine, de revólver em punho, precipitaram-se para mim e me crivaram de perguntas.

E ficou decidido que, todos nós, devíamos descer e nos precipitar sôbre Rasputin, estrangulando-o. Mas eu consegui convencer os meus amigos, não sem contrariedade, que deviam deixar que eu agisse só. Empunhei o revólver de Dimitri e desci ao subsolo.

Rasputin continuava sentado no mesmo lugar em que eu o deixara. Tinha a cabeça caída para a frente e respirava com dificuldade.

Aproximei-me docemente dêle e me sentei ao seu lado. Não prestou nenhuma atenção à minha chegada. Depois de alguns minutos de aflitivo silêncio, reergueu lentamente a cabeça volta para mim seus olhos amortecidos, como os de quem olha sem ver nada.

— Sente-se mal? — perguntei-lhe.

instantes foi que lhe ofereci um outro prato com os bolos envenenados.

— Dêsses eu não gosto, — diz êle — são muito doces.

Entretanto, apesar disso, não demora e toma um, depois outro... Eu o olhava com assombro. O efeito do veneno devia manifestar-se imediatamente; mas, para minha estupefação, continuava êle a conversar comigo como se nada de mal houvesse na comida.

Propus-lhe então que experimentasse de nossos vinhos da Criméia. Recusa novamente. E o tempo passava. Eu me tornava nervoso. Apesar de sua negativa, eu enchi dois copos. Mas, como eu havia feito precedentemente com os biscoitos, eu evitava apanhar um que contivesse veneno. Mudando de opinião, êle aceita o copo que eu lhe havia oferecido. Vi-o beber com prazer. Tomou-o com prazer, a seu gôsto, e perguntou se nós fazíamos bastante dêle na Criméia. Ficou admirado quando eu lhe disse que tínhamos adegas cheias dêsse vinho.

SIRVA NO MESMO COPO

— Veja-me agora um pouco do Madeira, diz-me êle. Eu quis então lhe dar um dos copos que continham cianureto, mas êle protestou.

— Não. Sirva no mesmo copo.

— Isso não se faz, Gregory Efimovitch, respondi eu. Não se deve misturar êsses dois vinhos.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25'00

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:

"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ
Maravilhosamente ilustrado, a côres, por Fortunio Matania

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO: CRISTÃO — CATÓLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPÉTUO — PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS: CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO — AGRÍCOLA

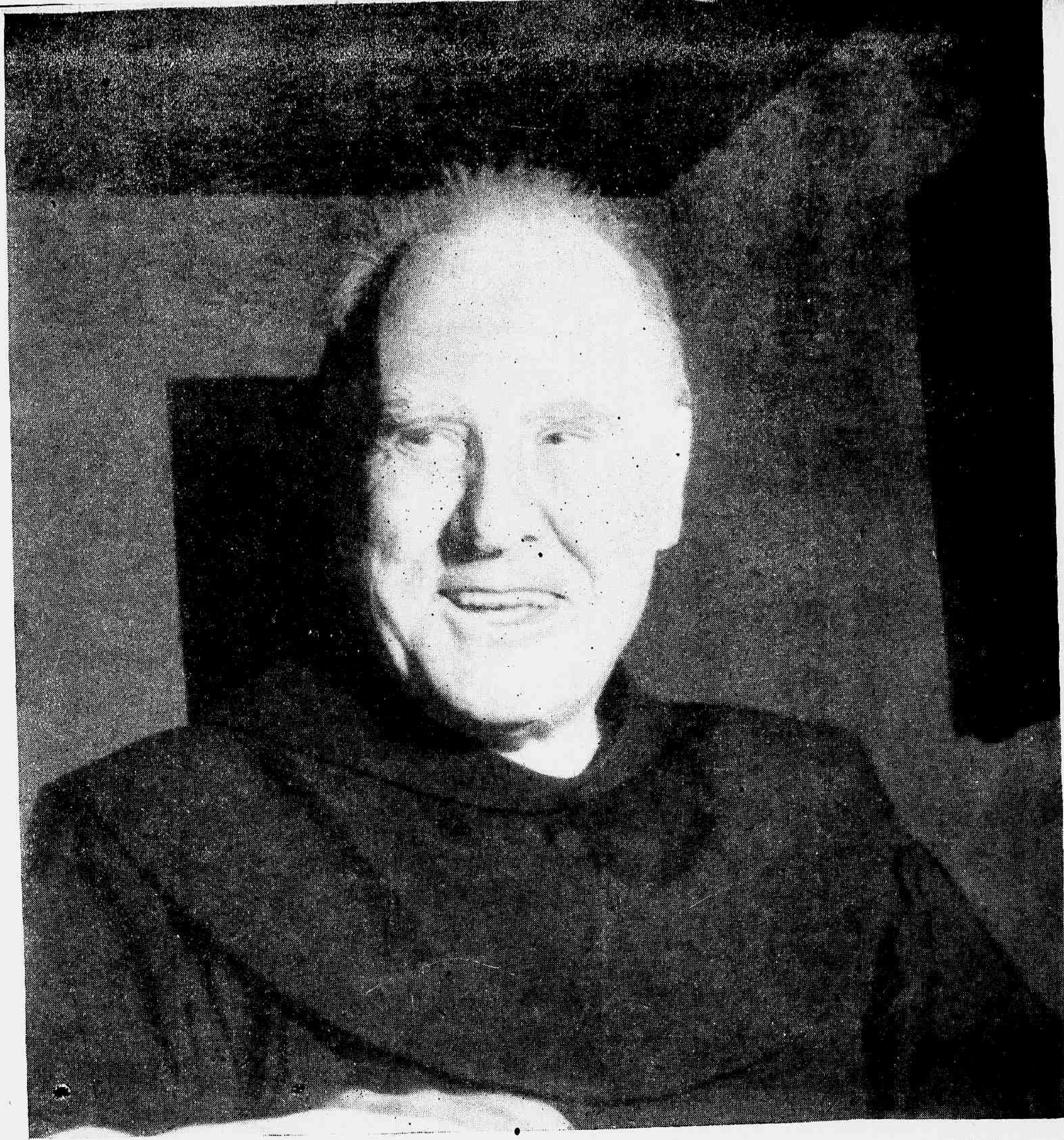
INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953: TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMÊÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

Almanaque 1953

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



O riso aberto de Frei Pedro Sinzig é um testemunho da perfeita alegria» predicada por S. Francisco de Assis, sua alma era musical e transparente.

VIDA E MORTE DE FREI PEDRO

COM EUCLIDES DA CUNHA EM CANUDOS ★ CONSTRUIU UM ÓRGÃO ★ ESCREVEU 50 LIVROS ★ COMPÔS UMA ÓPERA ★ DIRIGIU 11 REVISTAS

Reportagem de **NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA** e **ALEXANDRE MIRANDA**

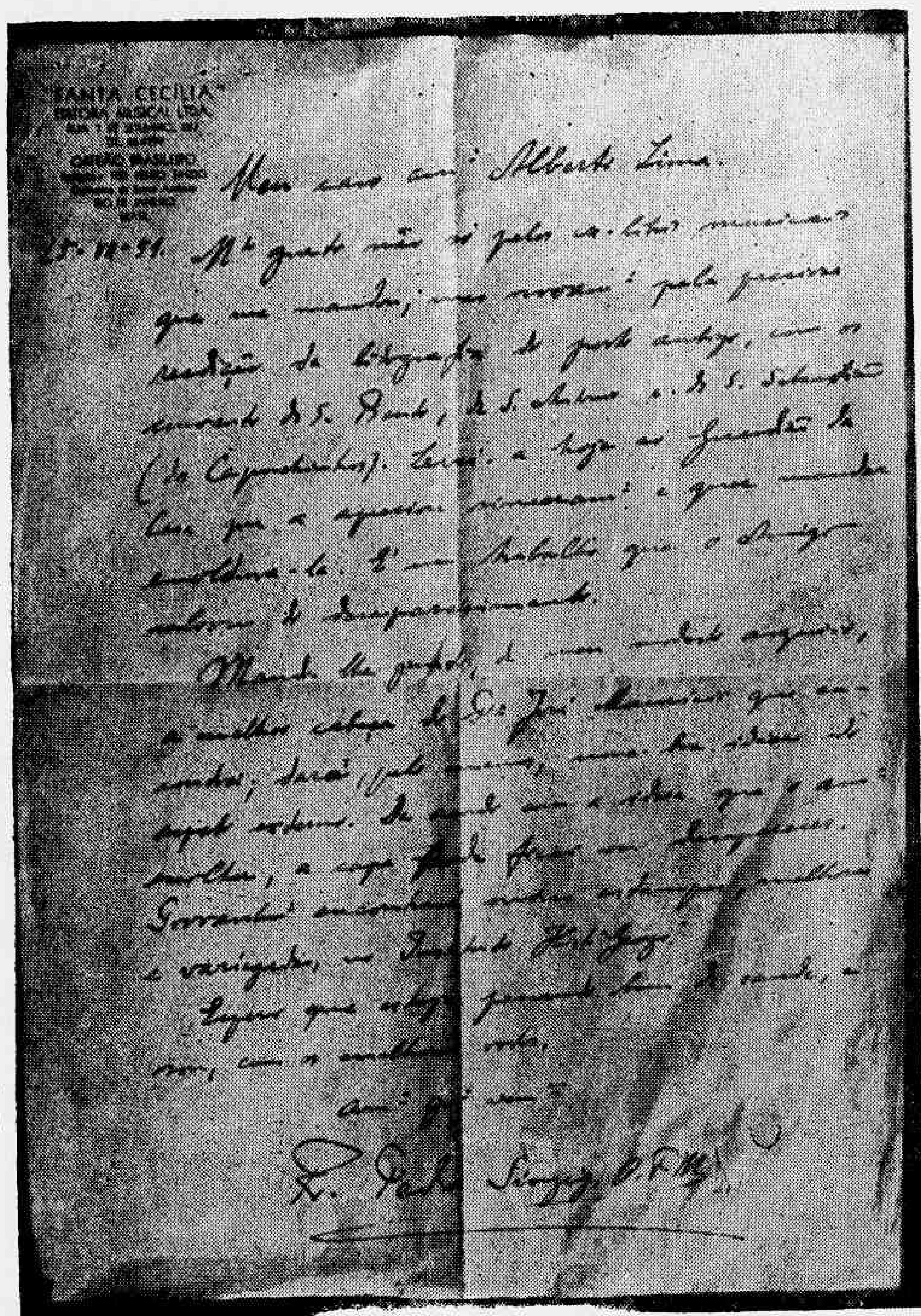
COM a morte de Frei Pedro Sinzig, ocorrida em Dusseldorf no dia 8 de dezembro último, o clero brasileiro perde uma de suas figuras de maior relêvo pela obra e pela personalidade do extinto franciscano.

Frei Pedro nasceu na romântica cidade de Linz, às margens do Reno, em 1876. Desde a mais tenra infância revelou pendor musical e uma nítida vocação religiosa. Um dia, atendendo a um irmão leigo que lhe batera à porta pedindo esmola, sentiu viva vontade de acompanhar o filho de S. Francisco a fim de lhe imitar as virtudes. E assim o fêz. [illegible] distinguindo-se na qualidade de diácono para o Convento de São Francisco, da Bahia.

Cedo começou sua obra de compositor. Com a edição de algumas cantatas escritas em Salvador iniciou uma carreira musical que haveria de lhe cobrir de louros e elevar o nome do Brasil musical às mais altas esferas culturais da Europa.

Por ocasião da sangrenta campanha de Canudos, Frei Pedro foi destacado, juntamente com o capuchinho Jerônimo, para assistir os feridos daquela [illegible]. Ali [illegible] autor de "Os Sertões" que menciona a ação caridosa dos dois franciscanos, embora omitindo o nome do nosso compositor.

Em 1925 conseguiu reger, no Teatro Municipal, a monumental obra sinfônica "A Criação", de Haydn. Acontecimento êsse que marcou época, dada a grandiosidade e a dificuldade da obra. No Rio Grande do Sul repercutiu seu esfôrço e ali, como um fato único na história cultural do sul do país, essa sinfonia foi novamente executada, desta vez sob a regência de Frei Meinolfo, seu companheiro de convento.



Dusseldorf, 25-VIII-1951.

Meu caro amigo Alberto Lima:

Muito grato não só pelos ex-libris musicais que me mandou, mas novamente pela reedição da litografia de porte antigo, com os conventos de S. Bento, de Santo Antônio e de São Sebastião (dos Capuchinhos). Levei-a hoje ao Guardião da Casa que a apreciou sinceramente e quer mandar emoldurá-la. E' um trabalho que o amigo salvou do desaparecimento.

Mando-lhe junto, do meu modesto arquivo, a melhor cabeça do Pe. José Maurício que encontrei; dará pelo menos uma boa idéia do aspecto externo. De acôrdo com a idéia que o amigo escolher, a capa pode ficar ou desaparecer. Provavelmente encontrará outras estampas melhores e variegadas, no Instituto Histórico e Geográfico.

Espero que esteja passando bem de saúde, e sou com os melhores votos,

Amo. Gr. Adm.

(a) Frei Pedro Sinzig, O.F.M.

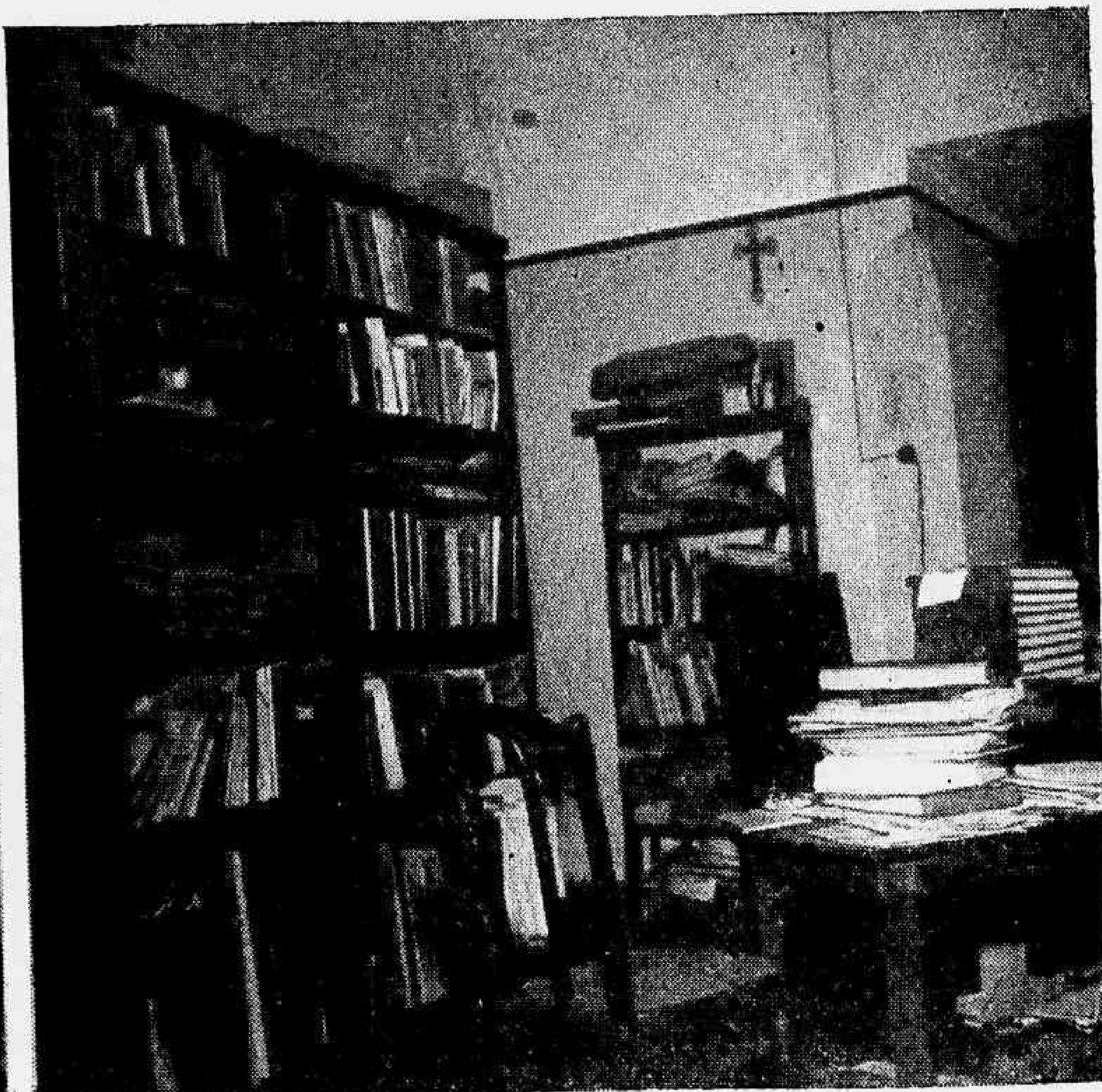
Fac-simile de uma das últimas cartas: preocupa-se pela música brasileira. O texto honra o desenhista, que colaborou na obra do compositor.

Frei Pedro fundou ainda 11 revistas, tendo dirigido pessoalmente 7 delas. A que ainda continua a ser publicada, é a mais completa da América do Sul — "Música Sacra", repositório de tudo quanto se tem feito de útil em matéria de música religiosa.

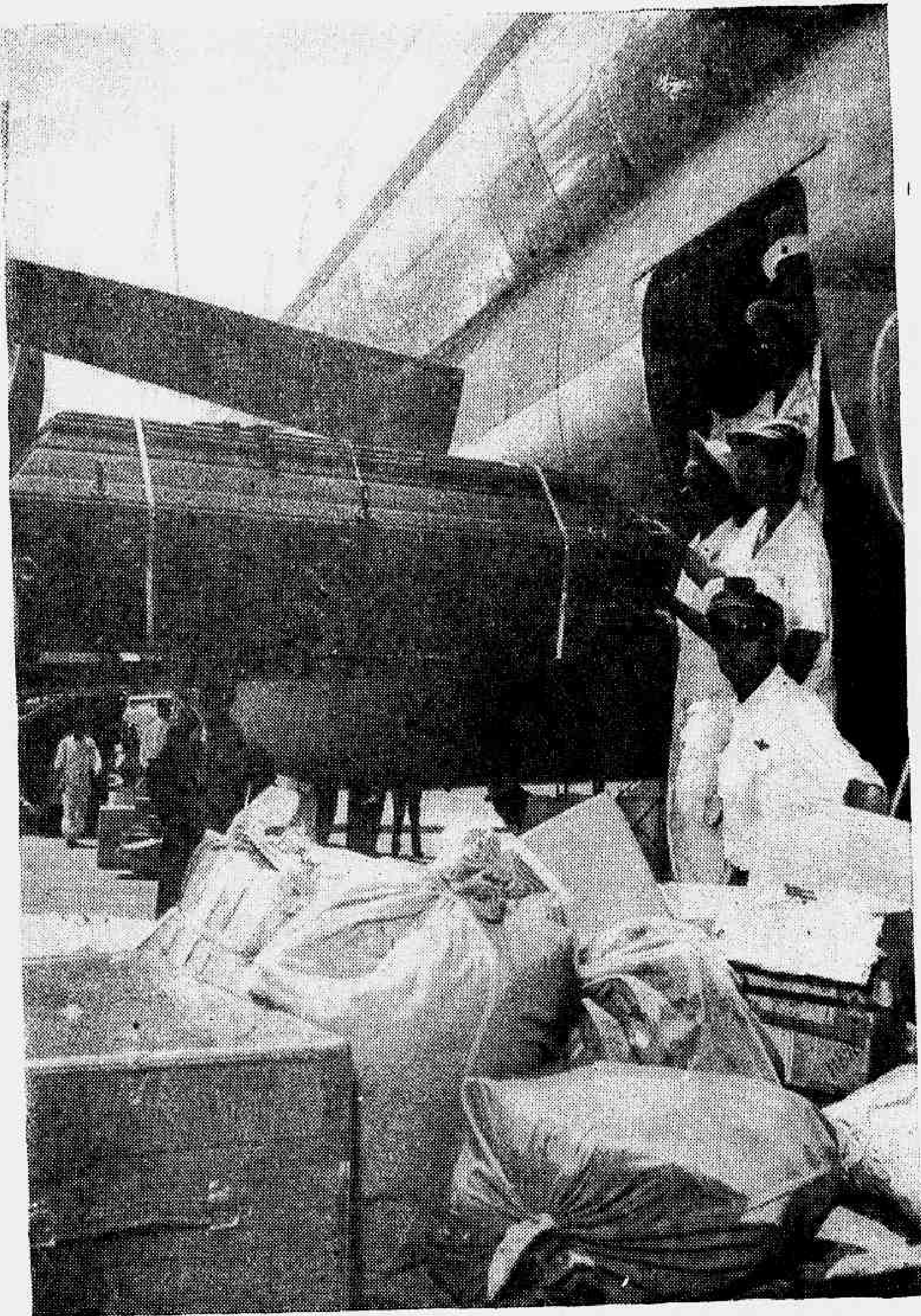
Entre outros trabalhos dêsse eminente filho de São Francisco, destaca-se a construção de um órgão inteiramente feito nas oficinas do Convento. São dois teclados duplos, com duas séries de flautas monumentais que constituem uma relíquia da cidade. Escreveu inumeráveis artigos de jornal e revista, tem sua assinatura posta em cêrca de 50 livros, deixando, entre êles, um que é considerado por todos os críticos responsáveis como uma obra única — o seu "Dicionário Musical". Compôs também uma ópera — "Frei Antônio" — que se encontra ainda em manuscrito.



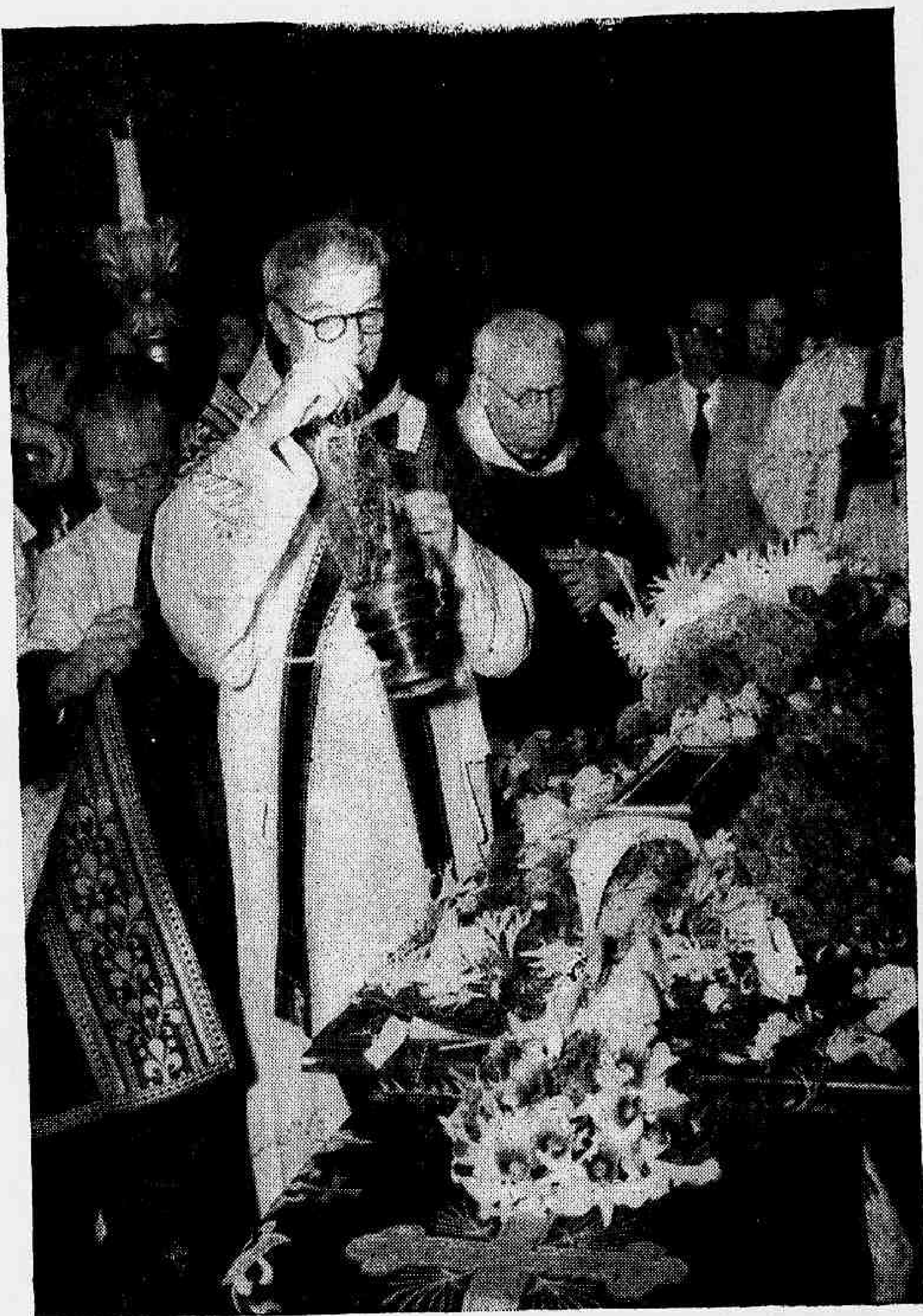
O Museu foi criação de Frei Pedro. No primeiro plano vê-se o seu busto.



Esta foi a cela do grande trabalhador. Livros, sobriedade, santa pobreza.



Coisas desta vida: depois de tanto mérito, veio da Europa como carga...

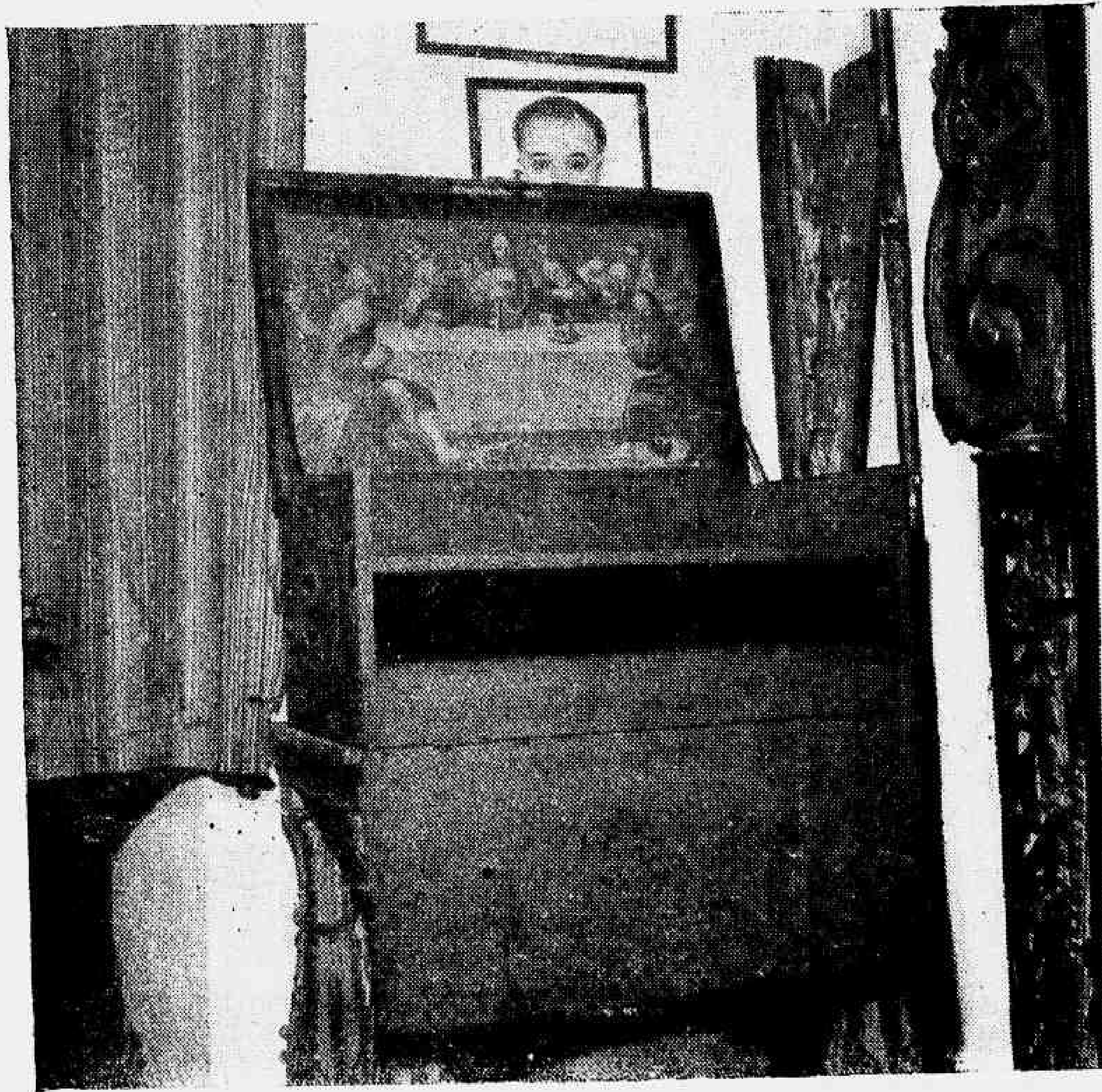


As honras fúnebres e o sentimento do povo compensaram a humilhação.

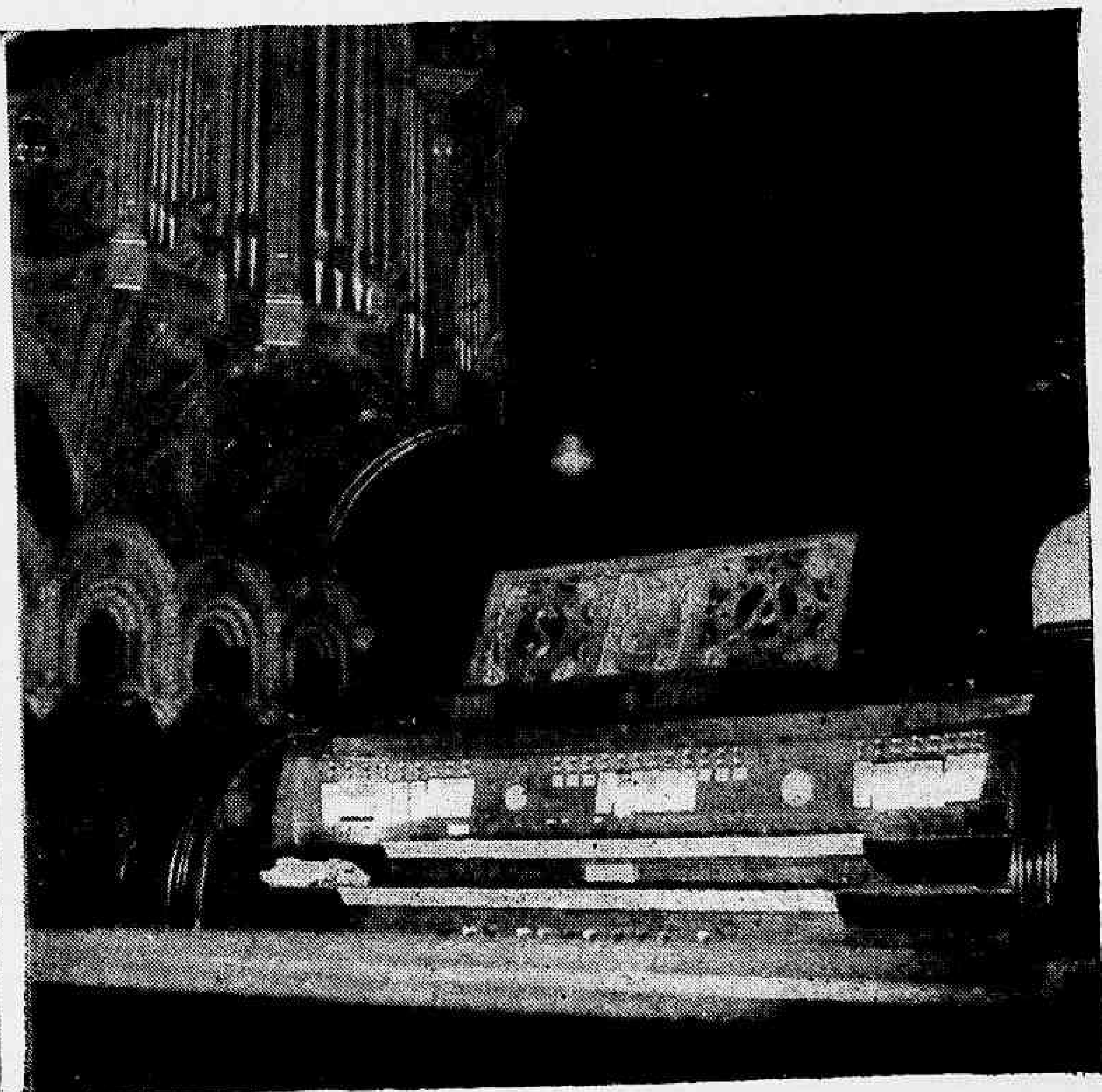
Frei Pedro pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico e à Associação Brasileira de Imprensa.

Tendo embarcado em 1951, para Dusseldorf, a fim de ser submetido a rigoroso tratamento, desde ali mantinha correspondência com o Brasil, incentivando com seus conselhos a inumeráveis artistas que lhe devem gratidão pelo estímulo que nunca lhes negou e como testemunho de seu amor ao Brasil, mandou pedir ao nosso colega de trabalho um ex-libris em que figurasse a efígie do Padre Maurício, o nosso mais legítimo compositor de música sacra, a fim de estampar em nova obra que pensava dar à publicação.

A morte dêsse ilustre sacerdote e artista vem abrir um claro nessa seqüência de trabalhos artísticos que enriqueceram o patrimônio histórico e artístico do Brasil.



O Altar portátil da guerra do Paraguai. Caxias ouvia Missa em campanha.



O órgão do Conv. de S. Antônio é uma obra-prima. Construiu-o Frei Pedro...

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

BOAS ENTRADAS



Os acqualoucos incarnam o bom-humor carioca. Com sua indumentária «fin-de-siècle» êles divertem a valer. Nota alegre da inauguração...



Esta graciosa nadadora revelou-se em plena forma. Elegante, com um equilíbrio digno de uma sereia, fêz evoluções ao ritmo do «jazz».



OS ACQUALOUCOS

A tarde convidava para um banho de mar quando se deu a inauguração da nova piscina do Glória, na praia do Russell. As mais lindas senhoritas da nossa sociedade e as damas da nossa mais alta **cotterie**, compareceram com seus vestidos vaporosos e embalsamaram a tarde em suavíssimos perfumes. Foi uma festa social das mais bonitas.

Servido o «cocktail» e os salgadinhos, ao som da orquestra, entram dois serventes do hotel e se dispõem a limpar o trampolim. Todos fixam os olhares nêles que se arriscam até à beira d'água. E quando ninguém suspeitava, bamboleando, caíram ruidosamente com roupa e tudo. Risos. Mas eis que não voltam à tona. Cavalheiros heròicamente despem seus paletós e se dispõem ao heroísmo (refrescante) de uma operação de emergência. Mas... êles saem rindo do fundo das águas transparentes: são os Acqualoucos que vieram alegrar a inauguração com suas peripécias.

Os cinco moços começaram então a saltar e a fazer acrobacias, as mais extravagantes. Sua indumentária já é cômica e seus improvisos são as melhores caricaturas dos saltos que oficialmente consagram os campeões olímpicos do gênero. Um sucesso.

Logo depois, vieram dois grupos de senhoritas que executaram o «ballet» aquático, número de grande beleza plástica. Nadando com ritmo perfeito, sem demonstrar o esfôrço que representa manter-se n'água nas posturas que ao mesmo tempo mantêm a flutuação e representam figuras, desenhos coloridos pelas águas e pelos reflexos de seus «maillots».



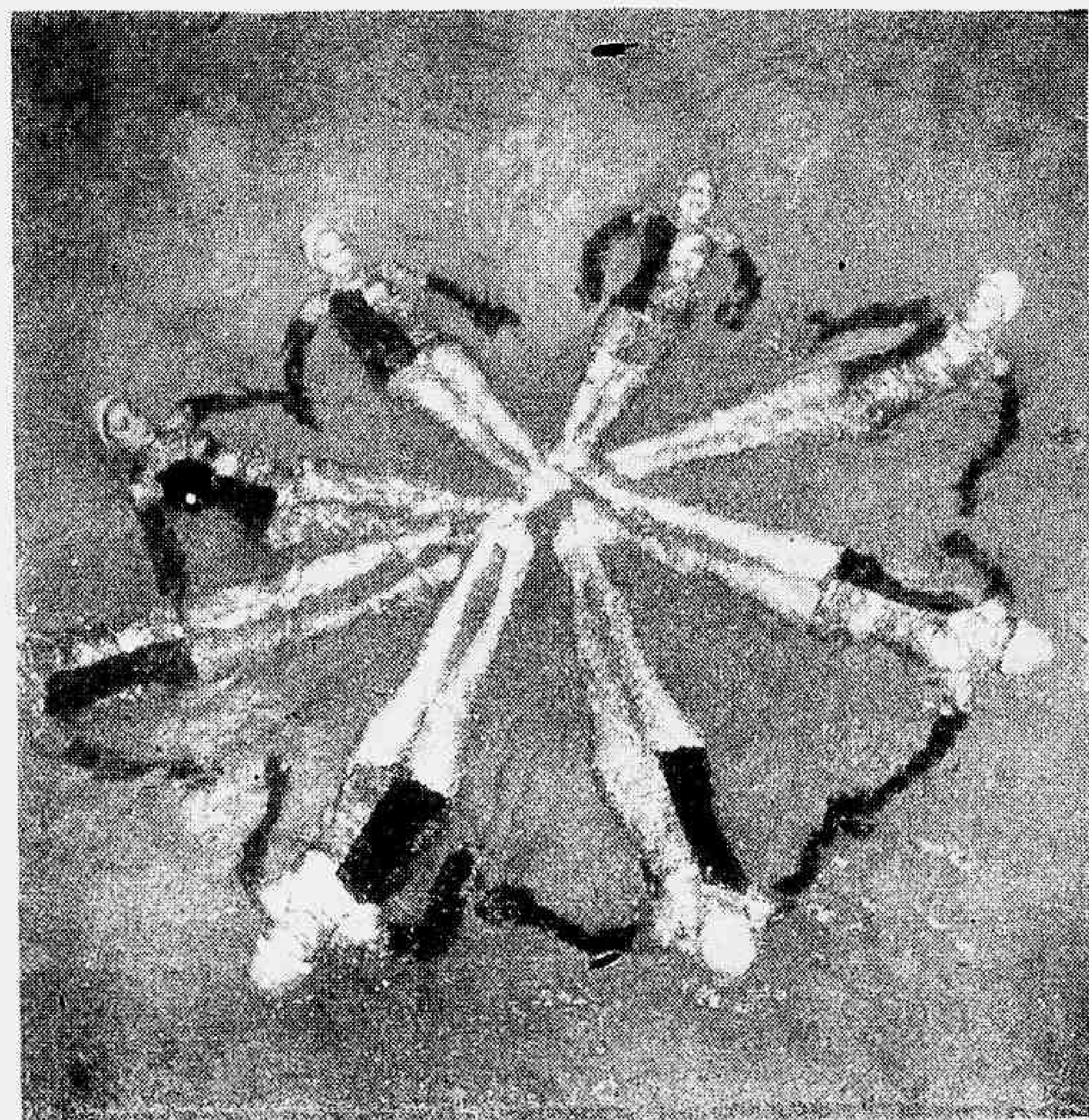
Sob as águas transparentes, de luvas e maiôs de grande efeito, as «acquaballerinas» compõem figuras geométricas. Rosto sereno. Respiração calma.



Em linha, sem sinuosidades, elas vão deslizando suavemente, impecáveis,

Abrilhantou ainda a festa a senhorita Lia Fontenelle, do Ceará, que dançou um solo aquático com maestria digna de uma campeã, e recebeu, com tôda a justiça, as melhores palmas da tarde.

Acesos os refletores à bôca da noite, o efeito foi ainda mais interessante. O azul da piscina recortada em estilo moderno com os reflexos dourados das luzes abriu aos olhos de todos um quadro de grande efeito. Oxalá se repitam festas dêsse gênero gracioso.



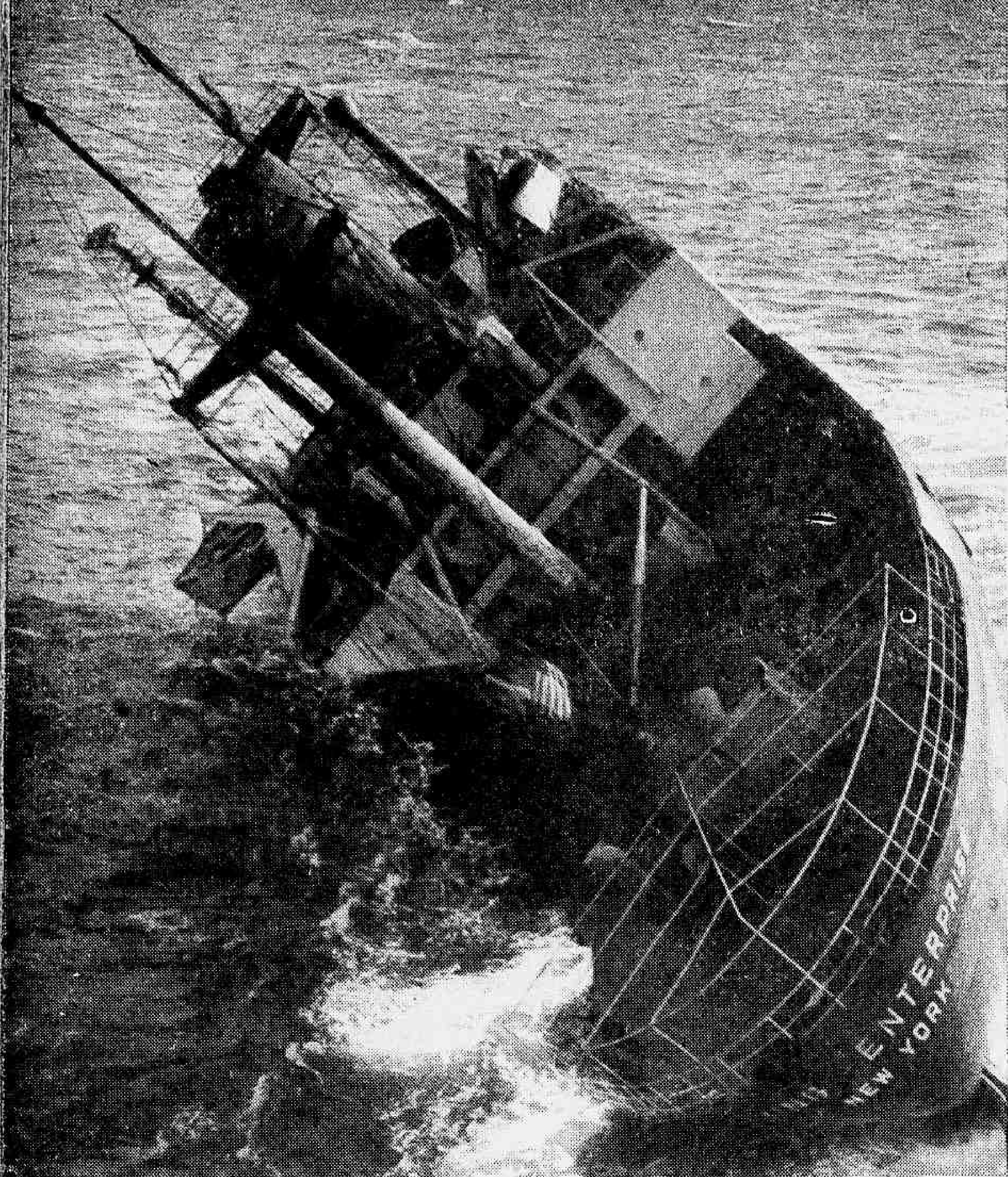
Ou compõem uma rosácea multicolor. Elas são um exemplo de simetria,



Mas os aqualoucos abafam. Cinco gêmeos do manicômio para a piscina...

OLHANDO P

Legendas de R





JANEIRO

1952 começou com um naufrágio. E não foi um simples naufrágio. Foi o "Flying Enterprise" que lutou bravamente no Mar do Norte e, adernado, vogou durante três dias ao sabor das vagas, com o seu bravo comandante a bordo. Todo o mundo viveu êsse "suspense". O comandante Kurt Carlsen foi festejado como herói.





MARÇO

A Cidade Maravilhosa mais uma vez veste fantasia. Desta vez o Rei Momo ganha altura. Um colossal boneco é levantado na Avenida Getúlio Vargas. Sôbre sua cabeça, à guisa de coroa, foi colocado o globo. E sob suas pernas o povo passa cantando suas músicas preferidas. Um carnaval de rua... Enquanto isso os bravos jangadeiros nordestinos chegam a Pôrto Alegre, após percorrerem quase tôda a costa do Brasil numa frágil jangada, em cuja vela estava pintada a imagem da Virgem. Foi um acontecimento notável que redundou em melhoria de vida para todos os pescadores do Norte.

PARA TRÁS...

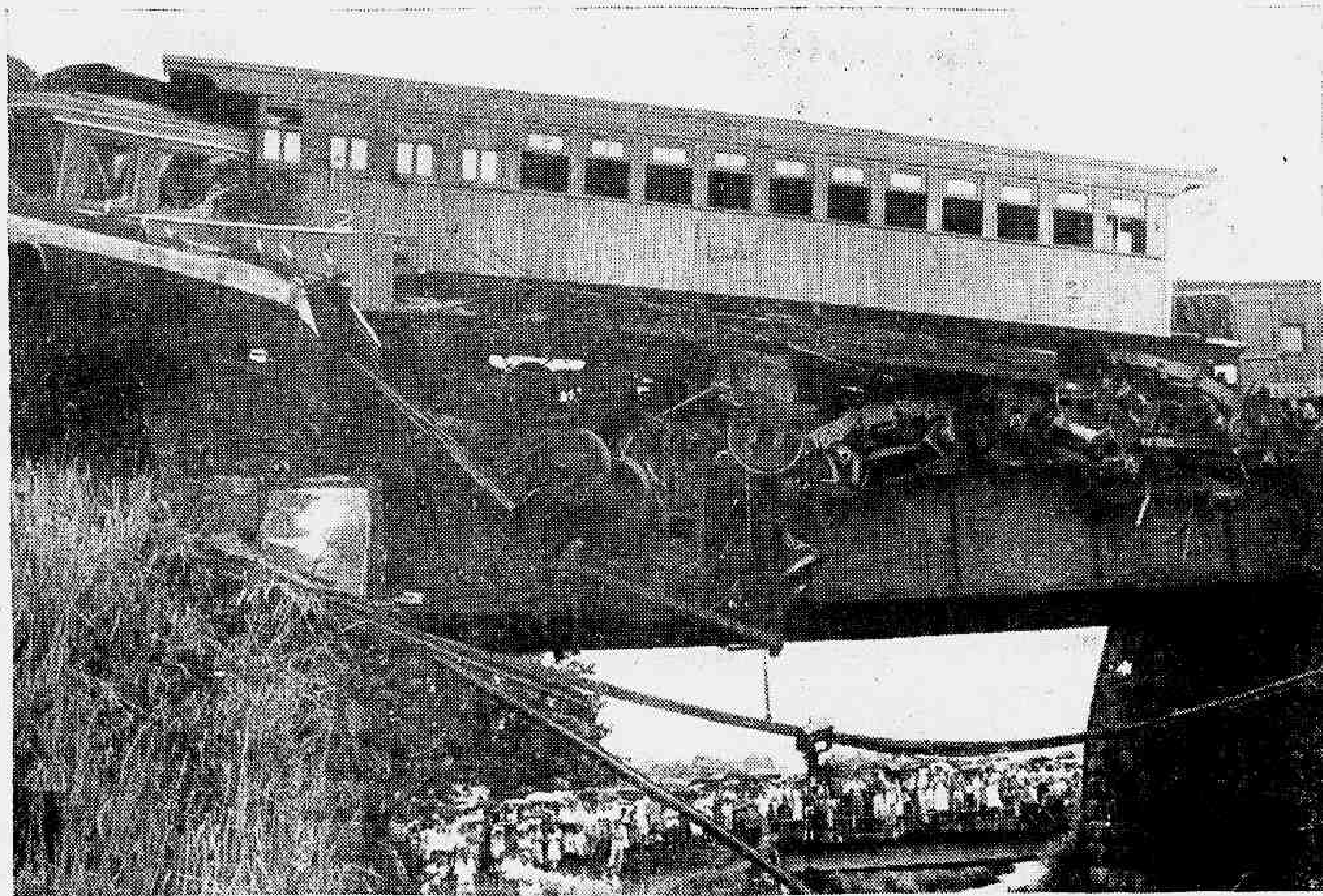
de RICARDO FREI





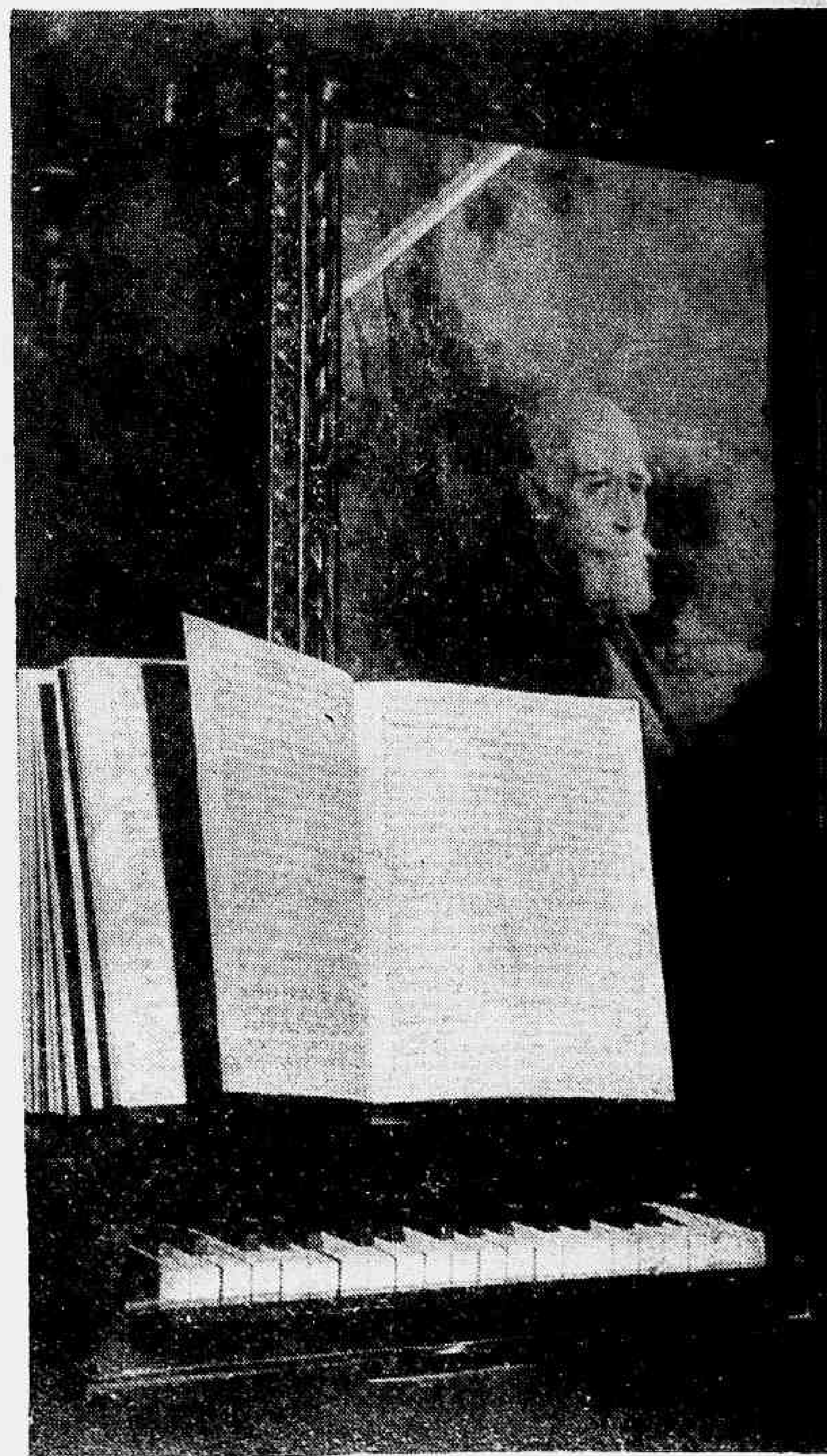
FEVEREIRO

A Inglaterra perde o seu rei. Morreu George VI. Viva a Rainha! Gritava o povo... Consternado, o povo britânico acompanhou os restos mortais do seu soberano ao túmulo. ★ No Egito, os movimentos nacionalistas e reinvidicadores preparam o ambiente para o espetacular golpe militar chefiado por Naguib. O rei Farouk é deposto.



ABRIL - MAIO

Uma das mais violentas e cruentas colisões dos anais da E.F.C.B., próximo a Anchieta. Uma composição do noturno mineiro chocou-se, em plena ponte, com um elétrico. Cômputo doloroso da tragédia: 75 mortos e 200 feridos. A cidade se mobilizou para depositar seu socorro no Banco de Sangue. ★ O mundo musical comemorou o centenário de nascimento do maestro Henrique Oswald, autor de volumosa obra que inclui páginas para orquestra, piano, violino, órgão, canto, violoncelo, além de inúmeros quartetos para conjuntos de cordas. Henrique Oswald, era suíço-brasileiro, nascido no Rio.



co-
colo-
l de
erem
gem.
orte.



Realiza-se em Santiago do Chile o Campeonato Pan-Americano de Futebol. E o Brasil, invicto, sagrou-se Campeão das Américas. O acontecimento foi marcante nos anais esportivos e o povo recebeu os jogadores brasileiros como verdadeiros heróis da Pátria. Com êles, veio a taça Pan-Americana absoluta.



Cai nas selvas de Goiás o stratocruiser "President". Todos mortos. Durante vários dias procedeu-se uma busca trabalhosa. Pára-quedistas de São Paulo saltaram na jungle e a nação inteira acompanhou sua jornada entre os perigos da mata. Os despojos foram dados à sepultura provisória, piedosamente.

JUNHO



←

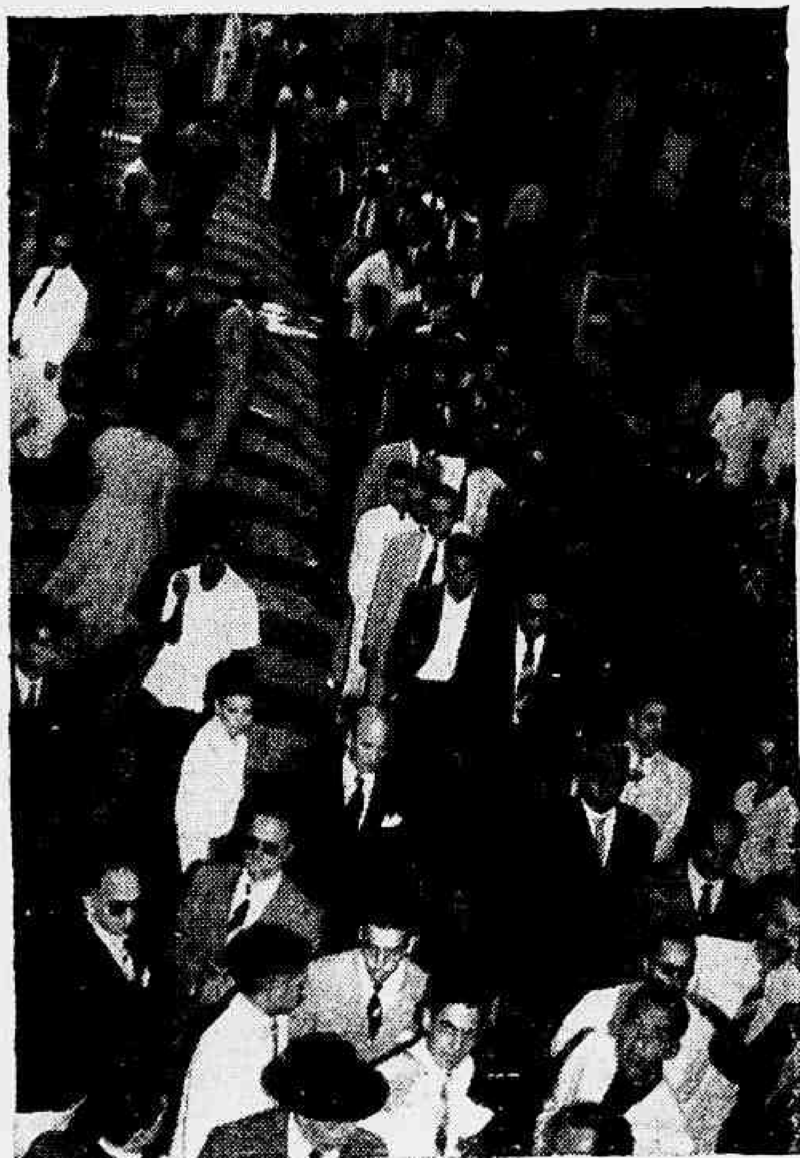
Comemora seu centenário a Santa Casa de Misericórdia. A veneranda instituição tem sido, através dos tempos, desde a sua fundação pelo Padre Anchieta, uma verdadeira escola de grandes médicos.

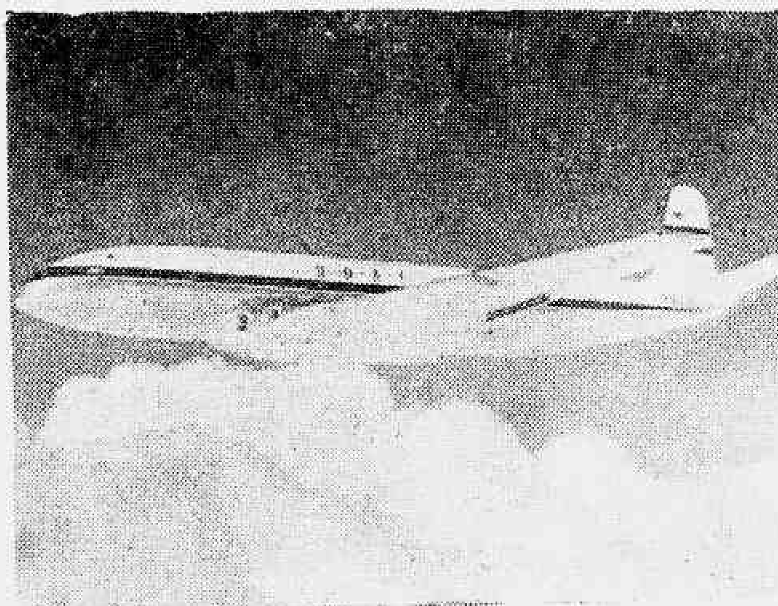
→

Chega à Guanabara o novo encouraçado "Tamandaré", da Marinha Brasileira. A unidade é das mais modernas e rápidas. 10 000 toneladas. 186 metros de comprimento. 49 canhões e oito metralhadoras.



JULHO





O primeiro avião comercial a jacto, parte de Londres com destino à África do Sul. Trata-se de um quadrimotor que alcança uma velocidade acima do som. E gasta, naquele itinerário, o mesmo tempo que gastamos para ir do Rio até Belo Horizonte. Segundo informam, não sofre trepidação alguma...

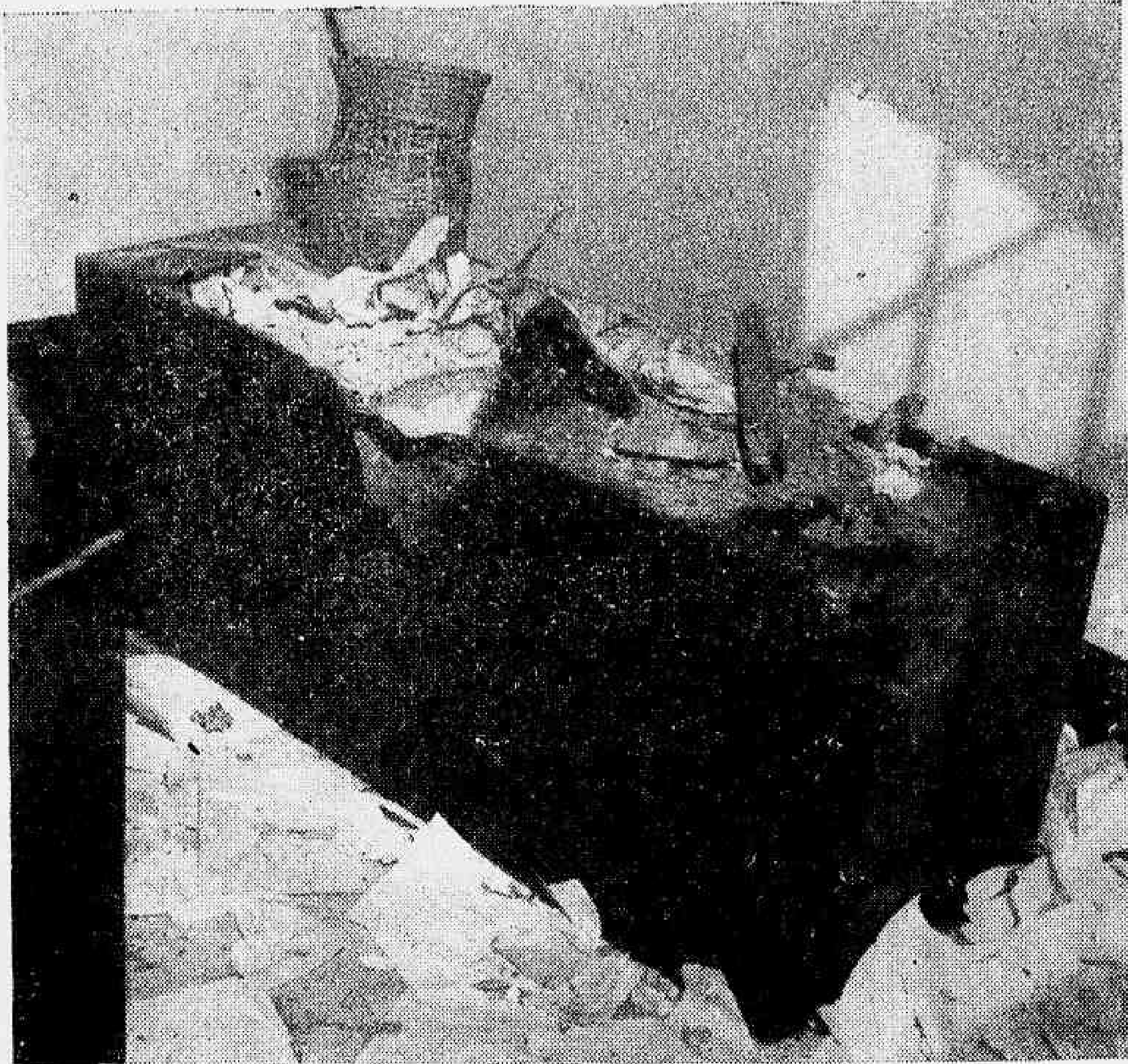
←

Eleições no Clube Militar. Grande agitação na imprensa. Verdadeira batalha civil em tôrno de duas correntes políticas. Venceu o gen. Etchegoyen.

→

A cidade amanheceu sob a surprêsa de uma chuva de pedras de gêlo. Vidros e telhados quebrados, em quantidade. Os prejuízos não tiraram o bom humor.





Rebelam-se os presos de Anchieta. Armados, venceram a guarda e partiram para o continente, pondo em alarma as vilas de Parati e Ubatuba. Refugiados na serra da Bocaina resistiram alguns dias à perseguição policial. Foram numerosas as mortes de presos e policiais. Mas foram todos recapturados.



Êste mês foi movimentado. Dean Acheson vem ao Brasil em visita de cortesia. O Secretário de Estado da América do Norte foi sóbrio em suas declarações. Mas foi expansivo nas festas que lhe dedicaram. Uma delas foi no Cosme Velho. Houve batucada, com danças típicas afro-brasileiras.

AGOSTO



Eva Peron, depois de uma prolongada agonia morre, enlutando o povo argentino. Foi uma das mortes mais sentidas do ano. Toneladas de flores cobriram o seu ataúde. Foi visitada por milhões de pessoas.



Na madrugada de 24 de agôsto faleceu, no Recife, o sr. Agamenon Magalhães, governador do Estado de Pernambuco. Foi Ministro do Trabalho e interino da Justiça. Era um grande amigo da imprensa.

SETEMBRO



O atleta brasileiro Ademar Ferreira da Silva consegue, para o Brasil, uma vitória olímpica, em Helsinki, a qual foi, também, mundialmente registrada. Seu espetacular salto tríplice não teve competidor. O jovem atleta paulista recebe do Embaixador Jorge Latour o graço dos desportistas brasileiros.



Na França, um vovô pára-quedista dá lição de coragem ao mundo. Com 84 anos de idade, salta, com êxito, de grande altura. Seu nome: Bernard Mc Fadden. Não resta dúvida de que o seu organismo é privilegiado, pôsto que as exigências feitas aos candidatos dessa especialidade são rigorosíssimas.





OUTUBRO

Na estrada Rio-São Paulo, vítima de colisão automobilística, morre o cantor de rádio Francisco Alves. Seu entêrro foi um grande espetáculo popular.

Foi prêso em São Paulo, um dos tarados mais cínicos dos anais do crime: Benedito Moreira de Carvalho, que matou inúmeras jovens, por estrangulamento, depois de abusar de suas vítimas. Condenado a 330 anos de prisão.

NOVEMBRO

Aos 96 anos, faleceu em Roma o jurista e político italiano Vittorio Emanuel Orlando, que foi um dos signatários do Tratado de Versalhes. Teve ação destacada na diplomacia do seu tempo e tomou assento na extinta Liga das Nações. Era o último sobrevivente dos Quatro Grandes da I Guerra Mundial.





O povo se reúne em praça pública para protestar contra o projeto mil. Êsse projeto motivou a renúncia de vários vereadores dos seus respectivos partidos. A celeuma não terminou com o ano. A razão está no custeio de obras de grande vulto coincidindo com o aumento geral dos impostos.



DEZEMBRO

Vinda da tribo dos Kalapalos, a índia Diacuí casou-se no Rio, com muita publicidade, no civil e no religioso. Pretório e Candelária foram os recintos onde o povo deu larga à sua curiosidade. A índia, porém, teve um comportamento muito mais civilizado do que os espectadores. Foi uma noiva discreta.



Rebelando-se contra a decisão da Justiça do Trabalho que lhes deu um aumento de salário de 42 por cento, se puseram em greve os tecelões das diversas fábricas do Distrito Federal. Deram-se agitações e correrias, tendo um dos grevistas perdido a vida por essa ocasião. Espera-se uma solução.



A VIDA de NOEL ROSA

Contada por ALMIRANTE



CAPÍTULO XII (Conclusão)

ÚLTIMOS TEMPOS ★ "EU SEI SOFRER" ★ BLOCO DE RASCUNHOS ★ BATUQUE DE DESPEDIDA ★ NASCE MAIS UMA LENDA ★ LÁPIDE MENTIROSA ★ HOMENAGEM PÓSTUMA

NOEL Rosa nunca se iludiu com relação à moléstia que contraíra. Desde 1934 quando, apressadamente, viu-se obrigado a seguir para Belo Horizonte, conhecia, perfeitamente, o próprio estado.

Seu ânimo se conservava de pé e tinha ainda forte convicção de que ficaria completamente são. Tôdas as suas esperanças estão contidas numa curiosa carta que dali escreveu a seu médico, dr. Edgard Graça Melo, vasada no estilo humorístico que tanto o caracterizou, no início de sua carreira de compositor.

★

Sòmente após sua estada em Friburgo, pela segunda vez, em fins de 1936, a despeito de melhor aparência, seus padecimentos físicos se reavivaram, acompanhados dos sintomas iniludíveis das tosses, das febres e dos escarros sanguíneos.

Para agravar seus sofrimentos, uma fístula num dente produziu-lhe enorme abcesso na face esquerda, obrigando-o a dolorosa operação, praticada por seu amigo e vizinho, o dentista dr. Bruno de Morais, já falecido. Grato à dedicação do profissional, Noel dedicou-lhe um de seus últimos sambas, o "Quantos beijos", composto em outubro de 1936.

Não eram, entretanto, as dores físicas que mais o faziam sofrer.

O afastamento de Ceci, as cruciantes saudades daquela que era sua grande paixão e de quem, mais do que qualquer outra razão, a enfermidade o afastava, geraram a angustiada filosofia que se fixou nos versos de uma de suas derradeiras produções — o samba "Eu sei sofrer":

Quem é que já sofreu mais do que eu?
Quem é que já me viu chorar?
Sofrer foi o prazer que Deus me deu!
Eu sei sofrer sem reclamar.
Quem sofreu mais que eu não nasceu;
Com certeza, Deus já me esqueceu...

Mesmo assim não cansei de viver
E na dor encontro prazer.
Saber sofrer é uma arte,
E, pondo a modéstia de parte,
Eu posso dizer que sei sofrer.

Quanta gente que nunca sofreu,
Sem sentir, muitos prantos verteu.
Já fui amado e enganado,
Senti, quando fui desprezado.
Ninguém padeceu mais do que eu...

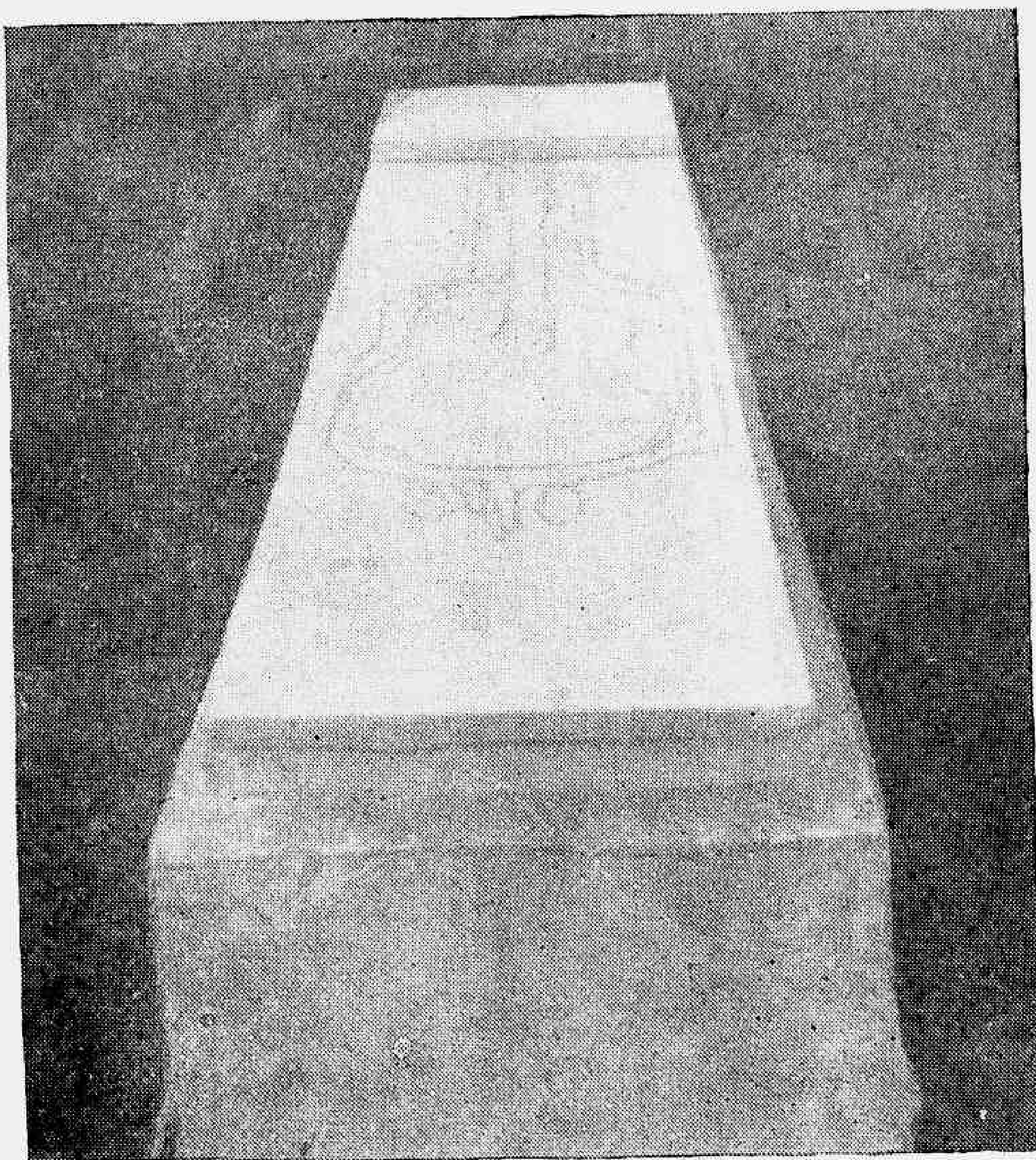
A perseguição das mentiras e o espinho do desprêzo, mais do que as dores do corpo, tornavam o "filósofo do samba" no grande sofredor.

★

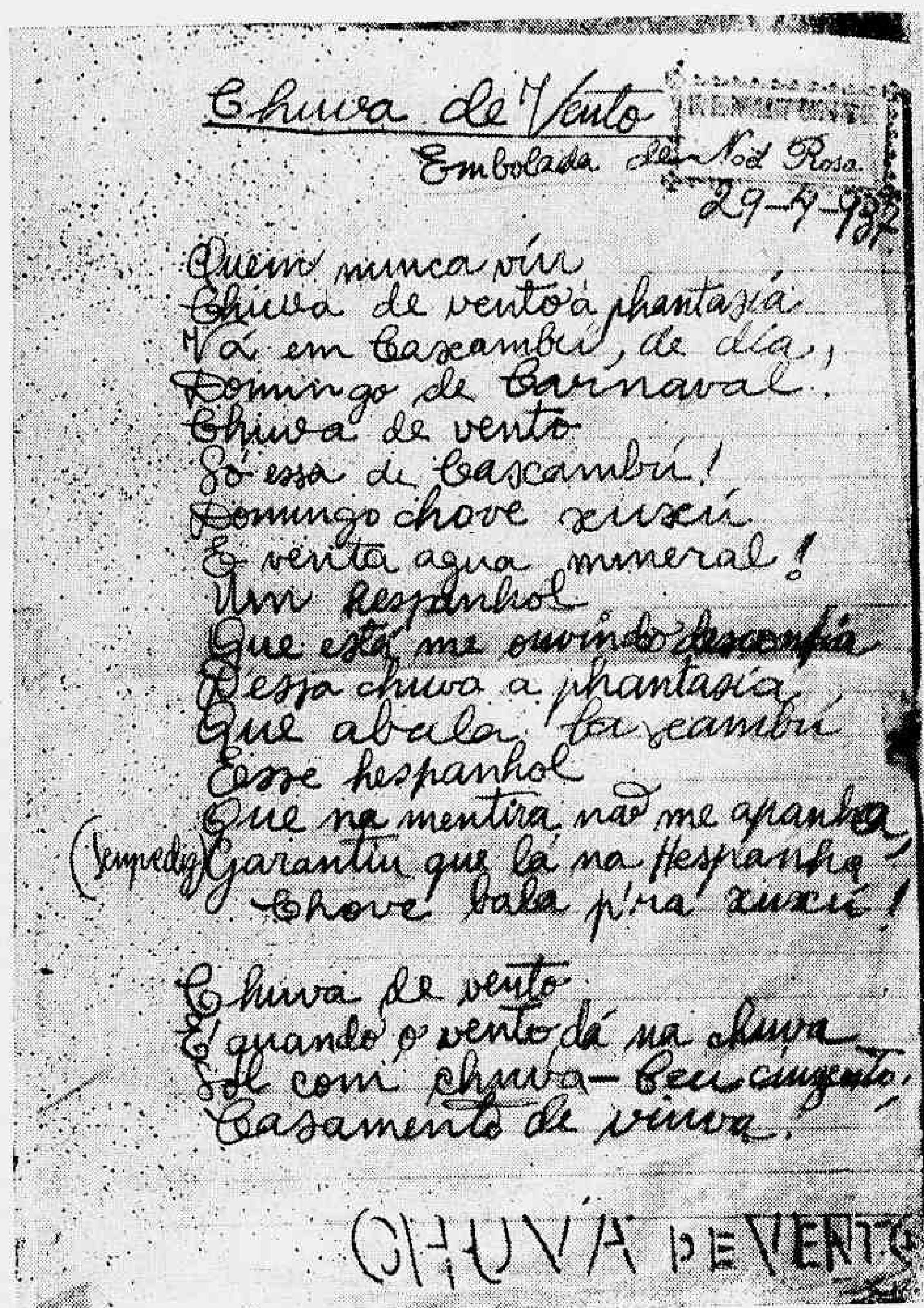
Na segunda quinzena de abril de 1937, seguindo conselhos ansiosos de parentes e amigos, Noel, mais uma vez, saiu do Rio, em busca de descanso e de ares mais saudáveis. Alguém lhe teria indicado a cidade de Piraí, que não era, positivamente, o lugar mais aconselhável. Noel e a espôsa partiram para a cidade fluminense, hospedando-se num hotel.

Noel levava a maior parte do tempo estirado numa cadeira de verga, e raramente saída do hotel.

A fôrça interior que o compelia a versejar, não se extinguira e, no bloco de papel de cartas cujas fôlhas marcara na ponta direita superior com um carimbo em que se lia: **Remetente — Noel Rosa** — escrevia, ininterruptamente. Eram versos, esboços de sambas, produções completas ou incompletas e que, decerto, sonhava aproveitar mais tarde. Para aquêle bloco, naqueles dias, foi transcrita a embolada "Chuva de vento",



Humilde sepultura guarda, gravada na lápide, no Cemitério do Caju, os restos mortais do «filósofo do samba». A data de sua morte está errada: Noel faleceu a quatro e não a cinco do mês de Maio.



Chuva de Vento
Embolada de Noel Rosa.
29-4-937

Quem nunca viu
Chuva de vento á phantasia
Vá em Cascambú, de dia,
Domingo de Carnaval.
Chuva de vento
Só essa de Cascambú!
Domingo chove xuxú
E venta agua mineral!
Um hespanhol
Que está me ouvindo desconfia
Dessa chuva a phantasia
Que abala Cascambú
Esse hespanhol
Que na mentira não me apanha,
(Sempre diz) Garantiu que lá na Hespanha
Chove bala p'ra xuxú!

Chuva de vento
É quando o vento dá na chuva
Sol com chuva — Céu cinzento,
Casamento de viuva.

CHUVA DE VENTO

Nas fôlhas do seu bloco de cartas, em momentos de repouso, na cidade de Piraí, Noel escrevia incessantemente. Recordando-se de antiga embolada ainda inédita, ali a escreveu, cinco dias antes de morrer.

cujo estilo autoriza a suposição de se tratar de produção de época muito anterior. A data, do próprio punho de Noel — 29-4-937 — cinco dias antes de sua morte, significará, sòmente, a do dia em que, recordando-se da antiga e inaproveitada composição, a teria escrito em seu bloco de cartas.

O sábado, 1.º de maio de 1937, foi luminoso e fresco. Noel, animado pelo tom feliz daquela manhã, resolveu visitar a reprêsa do Ribeirão das Lajes, nas proximidades de Piraí. Durante o passeio, em companhia da espôsa, apesar de bem agasalhado, sentiu vários arrepios, provocados pelas rajadas de vento frio, à beira dos imensos reservatórios de água. E, ao regressar, no bondinho desprotegido, os arrepios se acentuaram, sobrevindo a febre. No hotel, foi acometido de forte hemoptise. Lindaura, sobressaltada, apressou o regresso e, no dia seguinte, ambos se achavam em casa, no Rio. O estado de Noel era crítico.

A notícia correu célere, fazendo convergir para sua casa amigos e colegas.

Nenhum socorro lhe foi de valia, naquelas circunstâncias e, à tarde, no dia 4, o enfêrmo caíra em completa prostração, mal dando acôrdo de si. Visitantes não mais eram permitidos em seu quarto.

Pela casa, a triste quietude dos sussurros e dos rumores abafados.

Por volta das nove e meia, enquanto d. Maria e Lindaura, no portão, se despediam de amigos de Noel, seu irmão, Hélio, vigilante à cabeceira, notou que o doente abria os olhos, esgazeadamente. Parecia querer dizer algo. E como Hélio lhe indagasse o que sentia, respondeu, em voz quase imperceptível:

— Estou me sentindo mal... Quero virar para o outro lado...

O irmão o ajudou a voltar-se na cama. Ao fazer o movimento, a mão de Noel se estendeu para a mesinha de cabeceira e, no se utampo, como que obedecendo a um tique nervoso, ficou batendo pancadas surdas mas ritmadas, que se foram esmorecendo, num ralentado. Por fim, a mão quedou, imóvel.

Estava morto o maior compositor de sambas do Brasil.

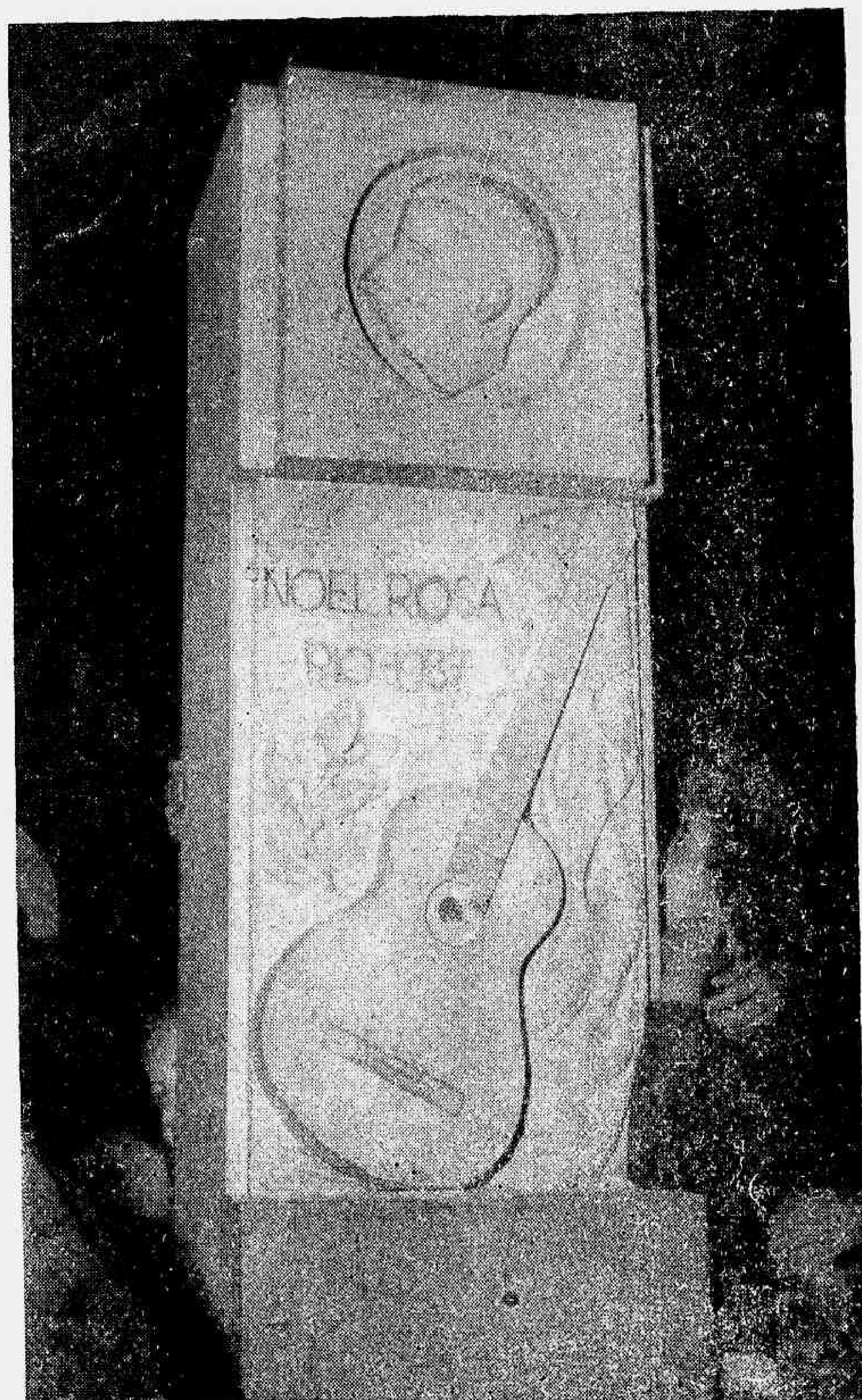
Estranha coerência entre a vida e os últimos instantes daquele que tanto amou o gênero musical que foi glória e grande razão de sua existência; estranha coerência que transformou a derradeira manifestação de vitalidade num movimento que pareceu significar o seu adeus em ritmo de samba.

★

Meia hora, se tanto, passada sôbre sua morte, chegam à casa de Noel, Araci de Almeida e Benedito Lacerda. Ali compareciam para lhe dar a alegre notícia de que o samba "Eu sei sofrer" fôra, por ambos, gravado em discos, naquela tarde.

★

Em casa fronteira, moradia



A efígie de Noel em sua herma, na Praça Barão de Drumond, faz supô-lo mais feio do que realmente era. Êle mesmo, porém, não se revoltaria contra tal figura e talvez pensasse que naquela pedra se poderia ter gravado sua quadrinha: «Eu nascendo pobre e feio,| Ia ser triste o meu fim.| Mas, crescendo, a «bossa» veio...| Deus teve pena de mim!

Meu dedicado medico
e paciente amigo
Edgar.
Um abraço.
Si tomo a liberdade de
roubar mais uma vez,
seu precioso tempo, é
porque tenho certeza de
que você se interessa
por mim muito mais do
que eu mereço.
Assim sendo, vou passar
a resumir as noticias
que se referem á marcha
do meu tratamento.
E, para amenizar as agruras
que tal leitura offerece,
resolvi fazer uso das
quadras, que se seguem:

Já apresento melhoras:
Pois levanto muito cêdo
E... deitar às nove horas,
Para mim, é um brinquedo!

A injecção me tortura
E, muito medo me mette;
Mas... minha temperatura
Não passa de trinta e sete!

Nessas balanças mineiras
De variados estylos
Trepei de varias maneiras
E... pesei cincoenta kilos!

Deu resultado commum
O meu exame de urina.
Meu sangue: — noventa e um
Por cento de hemoglobina.

Creio que fiz muito mal
Em desprezar o cigarro:
Pois não ha material
P'ra meu exame de escarro!

Até agora, só isto.
Para o bem de meus pulmões
Eu, nem brincando desisto
De seguir as instrucções.

Que meu amigo Edgar
Arranque deste papel
O abraço que vae mandar
O seu amigo
Noël

N.B. Endereço:
Rua São Manoel, 181
Caixa Postal, 142
Bello Horizonte.

Carta de autoria de Noel Rosa a seu médico, citada no texto.

de Vicente Gagliano, mais conhecido em Vila Isabel pela alcunha de Vicente Sabonete, realizava-se pequena festa.

A coincidência favoreceu o aparecimento da lenda que apresentou Noel morrendo ao embalo de seu samba "De babado".

O espírito popular, fértil na criação de episódios poéticos encontrou na simultaneidade de fatos, excelente motivo para a formosa versão. Na verdade, no baile, volta e meia, por motivos óbvios, eram executadas as músicas de Noel. Era o grande compositor da moda e todos, ali, sabiam que sua residência era próxima e que êle se achava enfêrmo...

Mal circulou a notícia de seu passamento, a música silenciou respeitosamente e a festa terminou tristemente.

★

No dia seguinte, na aglomeração que se verificou na pequena residência do compositor, deu-se um fato deplorável: de uma gaveta foi roubada modesta quantia, doada à família pela Sociedade de Autores, destinada a custear os funerais do glorioso sócio.

★

Ao sair o cortejo rumo ao cemitério de S. Francisco Xavier, o féretro foi conduzido à mão, pelo povo, que o fêz penetrar na igreja de Nossa Senhora de Lourdes, na Avenida 28 de setembro, onde Noel se batizara. Eram os moradores de Vila Isabel na tocante intenção de que o corpo de Noel se despedisse do bairro querido e seu espírito, ainda nêle, recebesse as bênçãos de Deus, antes de atravessar os umbrais da eternidade.

★

Um túmulo humilde e desprezado guarda, no cemitério do Caju, os restos de quem foi glória da música popular brasileira. Em sua lápide, além das datas de nascimento e morte (esta errada, aliás!) aparecem a figura do violão com o simbolismo das cordas partidas e a quadrinha de transcendente conceito filosófico-amoroso do samba "Silêncio de um minuto":

Luto prêto é vaidade,
Neste funeral de amor;
O meu luto é a saudade,
E saudade não tem côr.

★

Logo após a morte de Noel, seus amigos, à frente dos quais, Orestes Barbosa e Nássara encetaram um movimento no intuito de imortalizar sua figura, num logradouro público, em Vila Isabel.

A idéia recebeu as mais entusiásticas adesões do meio musical e, poucos mêses depois, a praça Tobias Barreto, em Vila Isabel, ostentava original marco, em que ressaltavam o perfil inconfundível do sambista e o instrumento que tanto o auxiliara a compor as endeixas em que exaltava seu bairro.

Mais tarde, em 1946, sua herma era transferida para a Praça Barão de Drumond, onde permanece até hoje, alvo da curiosidade — não dos cariocas — mas de quantos — brasileiros ou estrangeiros — tenham tido notícias de um tal de Noel Rosa que, em sua modéstia, falando a linguagem sincera dos sambas, fêz com que o bairro de Vila Isabel se agigantasse sôbre os demais do Rio de Janeiro, como a pedra mais preciosa de uma jóia rara.

FIM

Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

a moda atual



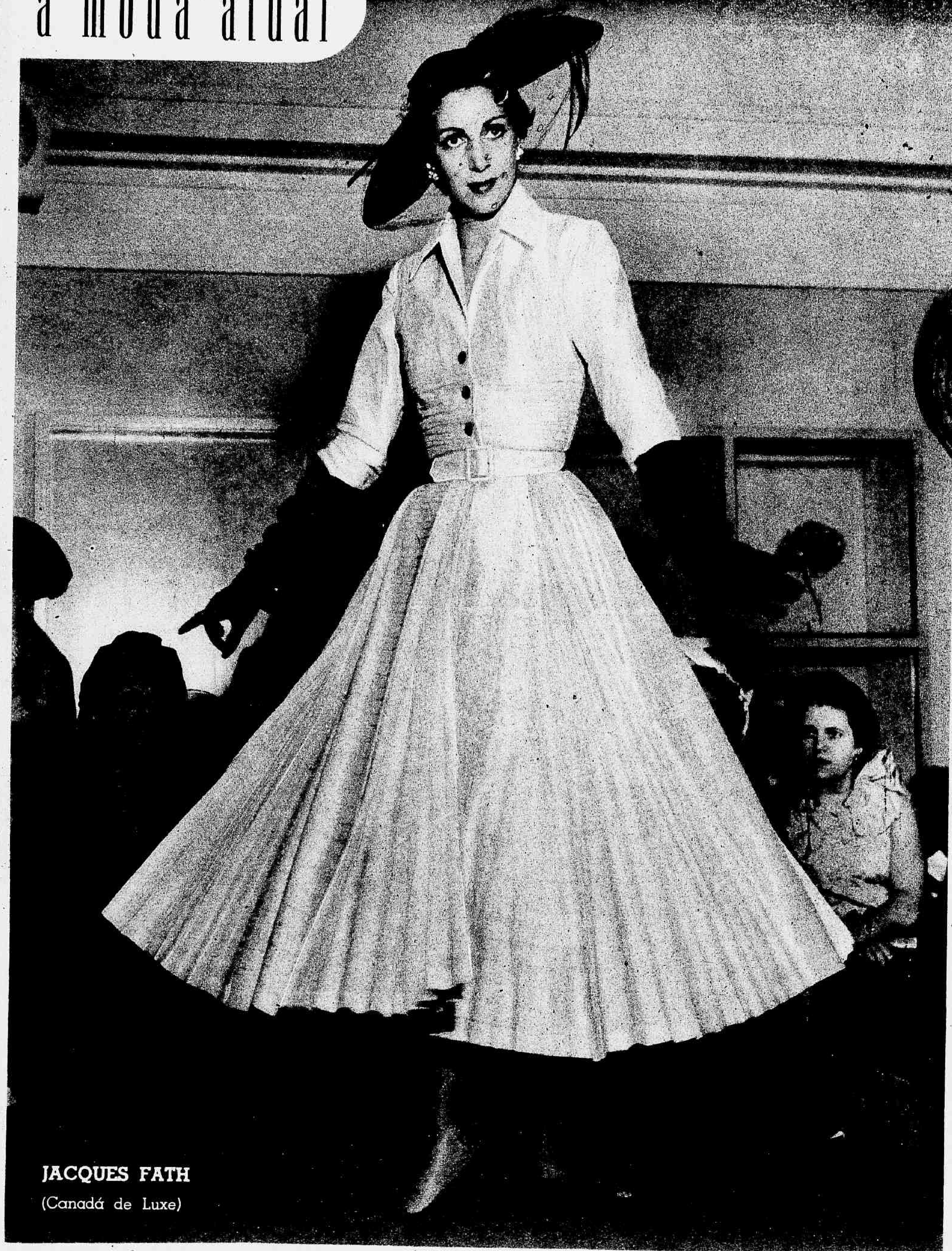
J. GRIFFE
(Canadá de Luxe)



GIVENCHY
(Canadá de Luxe)

O momento presente da moda se caracteriza por uma grande variedade de tendências, salientando-se alguns detalhes que dão o toque inconfundível de novidade. Para a rua, nos famosos vestidos «trotteures» parisienses, a linha dominante é a colante. Nas silhuetas estreitamente moldadas, a cintura deixa de ser marcada por um cinto, ou êsse cinto é passado pelos quadris, cortando a figura para dar o efeito de longos blusões e saias menos longas.

Entretanto, a verdade é que as saias são mais compridas, isto é, a menor distância do chão. Além do novo estilo acima mencionado, con-



JACQUES FATH
(Canadá de Luxe)

LAFAURIE
(Canadá de Luxe)





BALMAIN
(Canadá de Luxe)



tinuamos a ver os modelos de inspiração clássica, indiferentemente estreitos ou amplos. E Balenciaga, Dior, Fath, Balmain prestigiam as criações que só parecem cintadas ou apenas ajustadas na frente para se fazerem folgadas nas costas. Os modelos que foram por último lançados para o verão constam em geral de um vestido sem alça e outra peça para cobrir os ombros. Esta outra peça nem sempre é um bolero: há as estolas que pérmitem variedade de arranjo e também certas golas

BALENCIAGA
(Canadá de Luxe)



MANGUIN
(Canadá de Luxe)





BALMAIN
(Canadá de Luxe)

BALMAIN
(Canadá de Luxe)

a moda atual

de enfiar pela cabeça e que, às vêzes, fazendo a volta nos ombros, são metidas só para a frente ou só para trás.

Tanto as saias justas como as muito amplas podem ser escolhidas e são inúmeras aquelas que combinam os dois gêneros, por meio de uma saia rodada, em forma, pregueada ou plissada sobreposta a um «fourreau» estreito. Os tecidos para o verão são de preferência de algodão. Os vestidos não estampados apresentam em muitos casos bordados dos materiais mais diversos, inclusive ráfia, que anda em grande voga.



CHRIS DIOR
(Canadá de Luxe)

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

MUNDO DAS LETRAS

O POETA Lício Neves estêve no Rio e em S. Paulo, tendo tido lá e cá, a melhor acolhida. O estimado vate de Caruaru teve, da "Revista Branca", a justa qualificação de "grande figura".

★

OTÁVIO de Faria vem de publicar mais um romance da série da "Tragédia Burguesa" que êle iniciou em 1937, com "Mundos Mortos". O volume de agora se intitula "Os Loucos" e é o sexto do ciclo em que se positivam os dotes de um grande romancista ao mesmo tempo que se faz a crônica da angústia contemporânea.

★

LÚCIA Machado de Almeida vem de publicar um interessante "Passeio a Sabará", com ilustrações de Guignard. É um comovido roteiro da velha cidade mineira colonial. Também de Lúcia, a Hipocampo lançará em breve uma novela: "Constança".

★

PARA assinalar a passagem do cinqüentenário da publicação de "Os Sertões", o govêrno paulista e a Academia Paulista de Letras promoveram uma série de solenidades expressivas e que cobriram um largo programa. Entre essas solenidades, destacou-se a da entrega à cidade de São Paulo da réplica da choupana em que Euclides escreveu seu livro imortal.

★

ERA crença de que essa história de listas dos melhores e maiores havia terminado. Agora, vem um conselho de 16 escritores franceses de escolher os doze melhores romances franceses do século passado. São êles: "Adolphe", de Benjamin Constant; "Le Rouge et le Noir", de Stendhal; "La Double Meprise", de Merimée; "Le Père Goriot", de Balzac; "Madame Bovary", de Flaubert; "Dominique", de Eugène Fromentin; "Les Pleiades", de Gobineau; "L'Enfant", de Jules Valles; "Germinal", de Zola; "Le Disciple", de Bourget; "L'Ecornifleur", de Jules Rénard; "En Route", de Huysmans.

Agora estão abertos os debates. — **FRADIQUE.**

FORA DO PRELO

● O CAPITÃO FELIZ — Contando as peripécias do descobrimento do Brasil, Tales C. de Andrade escreveu o livrinho "O Capitão feliz", já em 5.ª tiragem das Edições Melhoramentos. Volume 15 da série Encanto e Verdade, apresentado em novo formato e com muitas ilustrações a côres.

● AVENTURAS DUM MARINHEIRO — Figura curiosa é a de Frederik Marryat, romancista e novelista inglês que serviu sob as ordens do almirante Cochrane; participou da segunda guerra da independência dos EE. UU.; comandante da Ilha de Santa Helena... A despeito de sucessivas honrarias, pediu baixa do serviço ativo da Marinha e dedicou-se, exclusivamente, às letras. E' autor de trabalhos muito populares. Pois dêsse curioso Capitão Marryat acabam as Edições Melhoramentos de publicar, em sua Coleção de Aventuras, uma novela empolgante: "Aventuras dum marinheiro", que a mocidade apreciará com entusiasmo.

● HISTÓRIAS DIVERTIDAS — Vicente Guimarães, que se está especializando em literatura infantil, aliás com evidente êxito, volta às mãos dos leitores com a quarta edição de "Histórias Divertidas", através das Edições Melhoramentos. Obra de palpitante interêsse, traz excelentes ilustrações de P. de Lara.

● QUANDO OS DEUSES AMAM — Lycurgo Cardoso vem de editar sua peça em três atos sob êste título e de intenções sociais. O principal personagem é um "poeta revolucionário e orador de multidão", com vinte e quatro anos e um título de bacharel. A peça é bem armada e sua mensagem poderá comover pelos seus acentos de inconfundível sinceridade.

● A SINGULAR HISTÓRIA DE PETER SCHLEMIHL — Adelbert von Chamisse tornou-se imediatamente célebre com a publicação da fantástica história do homem que perdeu a sombra. Quase todos os países traduziram a obra-prima, de evidente fôrça atrativa, pela originalidade. Só agora, entretando, a nossa língua divulga êsse trabalho, traduzido por Otto Schneider: as Edições Melhoramentos acabam de publicar "A Singular História de Peter Schlemihl", realmente muito curiosa. E' o livro 6, das Novelas do Mundo, daquela editôra. Ilustram o volume as xilogravuras de Karl Heinz Hansen.

UM AUTOR:

ADALGISA NERY



ANTES de terminar o ano, deu-nos Adalgisa Nery seu novo livro de poesia: "As fronteiras da quarta dimensão". Aqui encontramos a sua poesia retemperada, como inspiração e como fôrça, na forma e no conteúdo, em beleza e emoção. Não é preciso dizer que se sua voz tem cantado muitos dos mais belos poemas de amor da nova poesia brasileira, aqui se encontram os de mais altos acentos, o que torna a obra particularmente interessante. O livro ainda marca uma nova etapa desta poesia tão singular e de tanta significação, original e forte. De 1937, quando publicou seu primeiro livro, "Poemas", Adalgisa evoluiu muito: hoje é um poeta na posse integral de sua condição lírica, como de sua técnica.

Nascida no Rio a 29 de outubro de 1905, Adalgisa Nery foi uma vocação poética desde a infância. Casada em primeiras núpcias com o pintor e poeta Ismael Nery, é certo que naquele harmonioso convívio com um dos mais belos espíritos que conhecemos, com aquêle artista puro, sua vocação se desenvolveu sem indecisões, sem experiências torturantes. Por isso sentimos em sua poesia essa espécie de facilidade íntima que marca os verdadeiros poetas. Os problemas técnicos nunca preocuparam esta artista de nascimento. Aparecendo quando já a poesia se libertara das exigências formais, Adalgisa foi um poeta afortunado que não teve que situar sua inspiração, os acentos poderosos e comunicativos de seu lirismo, dentro dos limites da artinha. Seu gênio poético floresceu assim na hora propícia em tôda a sua fôrça e ela naturalmente se tornou uma das mais significativas figuras da nossa poesia.

Traduzida em várias línguas, aclamada no Brasil e no estrangeiro, com cinco livros publicados (Poemas, A Mulher Ausente, Ar do Deserto, Cantos da Angústia, Og e, agora, As Fronteiras da Quarta Dimensão) Adalgisa Nery é muito justamente um dos mais altos valores de nossas letras e uma das vozes femininas de maior prestígio da poesia contemporânea. .. ....

UM LIVRO:

"CONTEMPLAÇÃO DO ETERNO"

ENTRE os grandes livros de poesia publicados em 1952, figura "Contemplação do Eterno", de Tasso da Silveira. Não seríamos exagerados, repetindo que êsses grandes livros pertencem, em sua maioria, aos poetas de 22, Jorge de Lima, Carlos Drumond de Andrade e Tasso. Se "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima, é um largo vôo na direção nacionalista da poesia de Jorge de Lima, se "Claro Enigma" é uma depuração dos elementos da lírica drumondiana, acrescidos de outras aquisições, "Contemplação do Eterno", conservando os caracteres essenciais da poesia de Tasso, é também uma renovação, pelo apuramento da forma, pelo domínio do meio técnico, pela maior concisão dos versos, pela nitidez e pela clareza dos pensamentos e das imagens. E' curioso observar que Tasso da Silveira quem, entre os modernistas, foi dos que cultivaram o poema longo mais habitualmente, assim evitando aquêle parnasianismo a que raros escaparam em sua geração, volta aqui ao poema curto, às grandes sínteses, elemento moderno, atual, de particular agrado dos novos dêste tempo, isso como uma imposição de ordem, de clareza e de harmonia, com que os poetas atuais reagem ao hermetismo e à pompa, à insegurança formal e à vacuidade:

> "Na água dormente da piscina
> os peixes passam, silenciosos e harmoniosos
> como os serenos pensamentos de beleza
> na alma dos poetas."

Êsses quatro versos do poema 11 de "Canções para Marily" exprimem ao mesmo tempo, tanto a arte atual de Tasso da Silveira, como seu conceito de poesia. Poderia o poemeto intitular-se "Arte poética", mas Tasso deulhe apenas um número — o que é ainda a marca de seu abandono de tôda a ênfase, do seu ideal de extrema simplicidade, de pureza absoluta, essa pureza que precisa os contornos marcados de sua lírica atual, renovação do cantor que se integra no momento, tanto pela forma, como pela temática.

E' certo que o poeta de tão profundo sentimento cristão ainda ergue sua voz diante do Eterno e o mistério divino com sua fôrça poderosa e sua generosidade sem limites, ainda é o tema principal de sua poesia. E' Deus, como sempre, que encontramos na obra de Tasso da Silveira. Sua poesia encontra nessa invocação o supremo consôlo. Tasso da Silveira é um crente, um poeta em Cristo. Êle tudo sente em função de Deus. Seus harmoniosos pensamentos de beleza voltam-se para o Eterno e daí o título tão expressivo dêste grande e comovido livro de poemas. Acentuam-se aqui, neste místico que, mais do que ninguém, entre nós, retomou as altas tradições do misticismo poético e herdou o legado de Mallarmé, do nosso Alfonsus, renovando-o e atualizando-o, em sua fé autêntica e pura, sem a preocupação simbólica — o pensamento filosófico, a nitidez lógica, além da concisão formal. Ganha assim o poeta em tôdas as suas qualidades essenciais, apresentando-se atual, sem fugir às dominantes da lírica que lhe é própria e que tão grande lugar lhe fêz na poesia brasileira contemporânea.

"Contemplação do Eterno" é uma obra emocionante de poesia, de serenidade, de beleza.

À LUZ DA PSICANÁLISE

OS SEGRÊDOS DA ALMA

E. C., de Recife, escreve-nos pedindo que lhe corrija uma interpretação que fêz dum sonho e que, em conseqüência, vem lhe provocando um certo sofrimento. A tendência à inversão, mercê da qual somos obrigados a conceber todo movimento para frente que se produz no sonho como um recuo, isto é, como um movimento regressivo, lança uma luz sôbre uma multidão de situações características de certos sonhos, que até hoje se mantiveram incompreensíveis; e ela demonstra igualmente que as funções psíquicas aparentemente superiores, aquelas em virtude das quais concebemos a forma, a orientação e tudo o que se relaciona com o tempo, estão ligadas aos desejos inconscientes mais profundos, tanto, senão mais, como as funções puramente somáticas (sensações, posições, etc.). A interpretação «funcional» de certos elementos do sonho, nos quais sempre suspeitamos uma «resistência», uma oposição contra a interpretação analítica, revela-se aqui como sendo um efeito imediato da tendência a fugir ao que se chama pròpriamente recalcado.

Esta tendência segue, aliás, trajetos psíquicos já trilhados, os mesmos que segue o desenvolvimento psíquico individual e que conduzem do recalcamento do traumatismo primitivo à evolução das funções chamadas superiores.

● E' assim que se explica a repulsão que certas pessoas sentem em estar sentadas no sentido oposto ao movimento de um veículo. E' pelo mesmo recalcamento primitivo que se explica a proibição feita a certas personagens da mitologia de se voltarem para trás, assim como a atitude humilhante imposta a certos heróis quando os passeavam a cavalo, de costas viradas para a cabeça do animal. Encontramos a situação voluptuosa correspondente nas crianças quando brincam de viagens; a ausência da progressão que caracteriza êstes folguedos e que provoca o sorriso desdenhoso dos adultos representa, precisamente, se queremos interpretá-la bem, colocando-nos do ponto de vista da situação que E. C. discute, o elemento em relação com a satisfação do desejo.

● O homem pode repelir as delícias que se lhe apresentam; pode aquilo, para que os animais são impotentes; pode recusar transmitir a vida. O prazer não lhe é impôsto e, se se abandona à lei, não é porque ela tenha fôrça irrecusável para êle; não é por seu encanto; é porque a pode converter em virtude. Neste ponto as advertências da natureza são positivas; não deixam pretexto algum às nossas paixões; condenam todos os excessos: o celibato, como a devassidão; e a ordem se estabelece nas graciosas harmonias da virtude e do prazer. — **DR. LUIZ FRAGA**



COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas **livrarias do Rio e Livrarias e Casas de** Música de São Paulo

O DESAPARECIMENTO DE JÚLIA WERTHEIMER

(Cont. da pág. 15)

carregue com auxiliares da sua espécie!

Grunhiu um palavrão entre dentes e afundou na poltrona, escondendo-se atrás da fumaça do charuto.

— Que é que o senhor quer comigo?

— Se você puder esperar um pouco, lhe digo.

— Mas já passam...

— Vá para o diabo!

Karl tornou a depor o chapéu e o capote sôbre a cadeira e deixou-se cair numa poltrona, suspirando, resignado. Mentalmente, remoeu uma série de palavras sonoras contra a honesta mãe do chefe e outros parentes próximos seus. Apanhou outro cigarro no fundo do bôlso e pensou em Greta, a suave promessa de amor que devia estar esperando por êle em casa. Imaginava o que desejava o chefe: ia encarregá-lo do caso do alemão. Sendo Karl filho de alemães, era natural (pelo menos no raciocínio do delegado) que fôsse encarregado de procurar a jovem espôsa do velho administrador alemão. Pelo menos era isto o que imaginava. E já antevia a chatice que representavam as buscas até localizar a loura Júlia morando com um mulato brasileiro num quarto fétido do Brás. Estava farto dêsses casos estúpidos. Já resolvera uma centena dêles. Olhando direito para a cara de suíno de Johan Wertheimer, resolveu mentalmente que, se êle fôsse a jovem Júlia, teria feito o mesmo. Devia ser detestável viver com aquêle idiota. Johan Wertheimer devia roncar e talvez sofresse dos intestinos. Sem dúvida, que...

— Karl.

Karl voltou-se para onde vinha o som da voz. O delegado despediu o escrivão com um gesto sêco.

— Êste homem vai se encarregar do seu caso, seu João.

— O senhor, doutor, não pode imaginar... — foi dizendo o velhote.

— Não sou muito forte de imaginação, seu João. Fale com êle. E pode ir. Karl, acompanhe seu patrício.

— Sou brasileiro, chefe.

— E eu sou Cleópatra — fêz o delegado, acendendo a ponta de charuto apagado.

Novamente as palavras sonoras vieram à mente de Karl. Saiu seguido do velho alemão, que lhe contava, pela milésima vez, como sua mulher desaparecera...

★

Greta voltou-se na cama e fitou Karl de frente. Êle fumava, os olhos fitos nas telhas do teto, parecendo ausente de tudo. Greta chegou-se para êle e mordicou-lhe o lóbulo da orelha.

— Em que está pensando, Karl?

O homem voltou-se para a mulher, como se tivesse regressado de uma longa viagem pelo espaço. Não respondeu logo. Foi preciso algum tempo até que os olhos, as faces e os lábios de Greta tomassem forma aos seus olhos. Beijou-a e murmurou:

— Em Júlia.

E antes que sua companheira tivesse tempo de dar qualquer interpretação tendenciosa aos seus honestos pensamentos (as mulheres adoram fazer cenas de ciúme), êle contou o fato ocorrido no gabinete do delegado. Terminou por perguntar se Greta conhecia alguma pessoa com êsse nome. Não conhecia. Em seguida, Karl notou mais uma vez (era a terceira naquele princípio de noite) que Greta era muito bonita e que o seu busto tinha uma deliciosa côr rósea como tinha v. em muito poucas mulheres. E esqueceu-se de Júlia Wertheimer.

Quando o sol entrou pela janela do apartamento, na manhã do dia seguinte, Karl acabou de tomar o café, de pé, como sempre fazia desde o tempo em que trabalhava na fábrica e dando uma derradeira espiadela para o quarto, onde Greta ainda dormia (era realmente muito bonita naquela confusão de lençóis que se espalhavam por tôda parte), Karl lamentou que não houvesse mais tempo para dizer certas coisas ao ouvido da companheira.

A manhã estava fria e caía uma garoa acinzentada sôbre a cidade. Êle ergueu a gola do casaco e acendeu um cigarro enquanto esperava que passasse um táxi. No fundo do veículo, aconchegou-se cômodamente nas almofadas e voltou a pensar em Júlia Wertheimer. Amaldiçoou a jovem espôsa que abandonara o marido sem satisfação. Por que ela não dissera para o velho que estava farta dêle e que ia viver com um sujeito com quem havia «topado»? Teria resolvido a coisa em dois tempos e não estaria agora amolando a polícia.

O carro pulava de buraco em buraco até que, afinal, Casa Grande apareceu como um oásis diante do pára-brisa. O chofer buzinou três vêzes. Um rápido tempo de espera e o próprio Johan Wertheimer apareceu no alpendre, vestido num macacão de côr duvidosa. Recebeu Karl com uma intimidade e uma alegria que o deixou com vontade de dar um sôco na cara do velhote. Cada vez gostava menos daquele sujeito.

Johan levou-o até o quarto onde dormia com sua espôsa. Mostrou-lhe um retrato de Júlia (era muito bonita, apesar da mediocridade da pose e da falta de inspiração do fotógrafo barato) e tudo que lhe pertencia. Com ar profissional, sem se deter muito tempo a examinar os objetos que lhe caíam sôbre os olhos, Karl foi remexendo num montão de objetos pertencentes à desaparecida. Frascos de perfume barato e um monte de revistas de moda, juntamente com uma ou outra peça íntima de bom preço (que deviam ter custado os olhos da cara do velho Johan) fêz Karl perceber que classe de mulher era Júlia: uma serigaita vaidosa que sonhava com outro mundo além da estreiteza da vida com o velho espôso. Devia ser namoradeira, vaidosa e excitante. Apesar destas conclusões que Karl ia tirando mentalmènte, enquanto remexia tudo, Johan Wertheimer ia informando gratuitamente que sua mulher era uma santa, excelente cozinheira, lavadeira de primeira mão e uma dona de casa exemplar. Gostava muito dos dois filhos, apesar de não lhe agradar sair com êles. Fraulen Júlia, por certo, preferia andar sòzinha, sem os filhos para atestarem que ela já não era Fraulen. Karl conhecia muito bem esta espécie de sirigaita.

Terminada a revista na casa, deu uma volta pela estância. Interrogou os dois sujeitos que trabalhavam na casa: o jardineiro, um negro beiçudo e boçal, de nome Paulada, que respondia a tudo com uma careta imbecil. Disse que não tinha nada que ver com a mulher do alemão e outras coisas mais que se pode imaginar de pouco recomendável a uma senhora. Karl não gostou do jeito do negro falar e intimou-o a aparecer na delegacia. De propósito, mandá-lo-ia recolher ao xadrez, **por engano**, e havia

(Cont. na pág. 44)

O PROFETA DAS SELVAS

ANDA pelas ruas cariocas um cidadão excêntrico chamando a atenção de todos pela sua indumentária rara, pelos seus grandes olhos azuis, sua cabeleira de faquir e seu cavanhaque de barba de milho; um novo profeta. E' o Profeta das Selvas.

Êle não acredita na cultura nem na civilização. Acredita nas fôrças naturais que emanam da selva. Come uma vez por dia, declarou, por economia e porque é mais saudável. Mas come alho cru em quantidade espantosa. E' o manjar por excelência, que faz parte de sua linha de conduta filosófica, algo panteísta, ainda que se negue a dizer-se panteísta.

Perguntamos: você é panteísta? «Não», replicou «Panteísmo é religião e eu sou contra qualquer religião. A religião escraviza o homem. O trabalho também escraviza o homem. E o homem deve ser livre, livre como as fôrças naturais que emanam da selva.»

Nessas respostas está tudo dito e está também o seu parentesco com o «yogui» hindu Hataoygi Rao, que também está dizendo coisas parecidas aos inglêses de Picadilly Circus. Enquanto o Rao só vive de arroz e leite, o nosso Profeta das Selvas prefere o alho em suas prodigiosas manifestações curativas.

O Profeta das Selvas diz que é filho da lenda. Não quer saber de comentar nada que recorde sua família. Nem sua cidade natal, nem seu próprio nome. Mora «no corpo» e viaja como meio natural de subsistência e de vida. Nos pés, sandálias, na batata da perna, uma tatuagem que representa um índio lutando contra um tigre. Fala com uma dolorosa saudade do Amazonas. Ali, parece, foi onde se encontrou mais à vontade. Sobretudo para resolver seus problemas amorosos.

«No Amazonas, no Norte em geral, a vida é melhor. Tudo mais brato e o amor, desinteressado. Aqui tudo é caro e o amor é pago. Lá não se trabalha na indústria, que é máquina que escraviza o homem. Lá tudo é tomado da natureza. Tudo é maravilhoso. A cidade grande faz o homem ficar artificial em tudo. Êle se esquece que é feito de terra e que à terra terá que voltar. Para apodrecer.»



«O homem está longe da natureza, daí vêm todos os seus males» — diz o Profeta. — «Precisamos acabar com a religião, que é uma invenção inútil.» — Conclui sua frase.



Esta é a sua tatuagem preferida: um tigre das selvas morde o gasganete do caçador.



E aqui o seu perfil: — testa larga, cabelos compridos. Olhar melancólico e saudoso...

Onde você aprendeu essas coisas? — perguntamos. «Eu freqüentei pouca escola. Leio tudo o que me vem às mãos. Mas não gosto de livros. Os livros não ensinam tudo o que a natureza ensina. Na natureza não há melhor livro que o que ela ensina caladamente. Mas sou contra o Cristo. Sou contra a Igreja, qualquer igreja. As religiões são invenções humanas. Foram inventadas para consolar o homem de seu temor de morrer! O homem teme a morte e isso o leva a ser religioso.»

E onde você dorme? «Eu durmo em qualquer lugar. Prefiro a rêde. Estico minha rêde onde me deixam e ali durmo se a polícia não incomoda.»

E você não pensa em se casar? «Penso. Um homem que não tem um filho não deu o que a natureza lhe pede. Um homem pode ter também muitos filhos, se a natureza quiser. Eu quero me casar. Mas não posso me casar com uma mulher qualquer. Preciso de uma mulher que tenha capacidade de compreender as fôrças da selva. O amor nas grandes cidades é muito caro.»

E você bebe álcool? «Não sou um bêbedo. Acho cordial beber quando alguém oferece um trago. Gosto de cerveja. Mas agora a cerveja subiu. Na selva a gente bebe água e as bebidas fermentadas puras. E' melhor.»

(Cont. na pág. 44)

ao
nra

CONVERSA DE MULHER

UM BOM PARTIDO



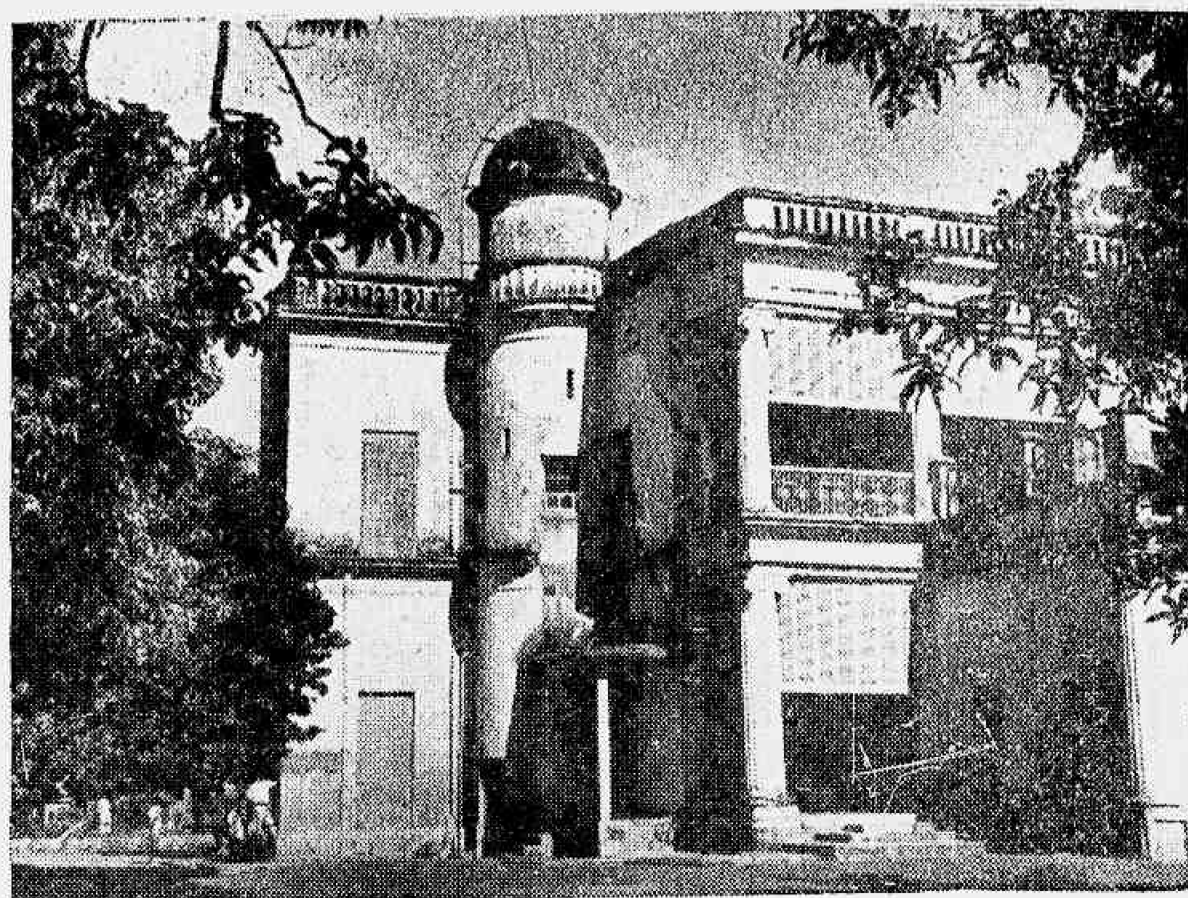
BERTRAND Russell (Arthur William) é engenheiro, matemático, filósofo, autor de cêrca de trinta livros do mais alto interêsse para o conhecimento humano. Vejamos alguns títulos de livros seus para dar à leitora desprevenida, uma noção de sua obra: "História da filosofia ocidental", "Princípios de matemática", "O elogio da preguiça", "A conquista da felicidade", "Casamento e moral", "Princípios de reconstrução social, "Inquérito sôbre significação e verdade". E' detentor de várias medalhas dos mais altos institutos científicos, membro honorário de muitos outros, conferencista oficial em diversos, foi professor de filosofia em Harvard, na Universidade de Pequim, de ciências econômicas e política, em Oxford, novamente de filosofia nas universidades de Chicago e Los Angeles, além de haver dado cursos de conferências em Uppsala, Copenhague, Barcelona, na Sorbonne, etc., etc. Um fato interessante de sua carreira é que, em 1940, foi judicialmente pronunciado indigno de lecionar no Colégio da Cidade de Nova York — mancha que vai ser difícil lavar na história espiritual dos Estados Unidos.

● Êsse homem, notável segundo o mais puro e justo dos critérios, cota agora oitenta anos bem vividos. Casou-se quatro vêzes. E' defensor da prática de um período de experiência prévia de vida em comum para o casamento. Já declarou que a maioria dos casais de meia-idade optaria pela separação se, na predominância dos casos, não se deixasse tolher por considerações de ordem econômica.

O último casamento de Bertrand Rüssel foi realizado há pouco mais de um mês. Sua atual espôsa e ex-secretária — cujo casamento é o primeiro — pode ser considerada bastante jovem para o marido, pois tem 52 anos, o que dá uma diferença de idade, entre ambos, de vinte e oito anos. Pelo menos, essa deve ser a opinião geral, embora desconheçamos a do matemático que pode favorecer, talvez, no ponto de vida em que se encontra e de um ângulo todo pessoal, uma relação ainda mais distanciada de idades para o amor. O que sabemos, ao certo, pois êle o manifestou aos jornais do mundo, é que se seu penúltimo casamento durou quatorze anos, espera que êste dure muito mais. — ISOLETTE



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO



«A Casa da Paz e da Luz», construída pelo pai do poeta Tagore.

SANTINIKETAN

Por ÉDOUARD BAILBY

HÁ cem anos atrás, o pai do grande poeta indiano, Rabindranath Tagore, numa de suas freqüentes viagens pela Índia, atravessou uma região deserta e imensa, situada a cêrca de cem milhas ao oeste de Calcutta. Diziam que aquêle lugar era predileto dos «dacoits», os famosos ladrões asiáticos, e de fato foram descobertos mais tarde ossos humanos a alguns centímetros debaixo da terra. Não havia nenhuma vegetação, exceto duas árvores, sob cujos ramos o Maharshi, o Grande Sábio, como era êle chamado pelo povo, ia passar horas a fio em meditação silenciosa. Foi nesse lugar solitário que o pai do poeta construiu êle próprio uma casa de dois pavimentos, à qual deu o nome de Santiniketan, «a Casa da Paz e da Luz».

Em redor dessa casa, criou o filho a sua escola, baseada em princípios revolucionários no ensino até então administrado na Índia. Tagore declarou não ter sido nenhuma nova teoria de educação que o levou da poesia para a pedagogia, mas sim a triste recordação dos dias passados no colégio. De fato, o poeta não teve uma educação diferente das outras crianças pois que, o sistema de ensino instituído pelos britânicos na Índia fôra calcado sôbre o molde inglês e, portanto, era distante do caráter indiano e improdutivo. Tagore estava decidido a evitar aos seus filhos a miséria da vida de colégio, que suprimia por completo a personalidade do indivíduo.

Contudo, havia um propósito mais profundo no espírito de Tagore ao levar o risco de fundar uma escola residencial segundo os seus planos. O efeito destruidor do sistema indiano de educação feria-o no seu íntimo e o poeta lembrava-se com nostalgia dos antigos «tapovanos», que não eram nem escolas nem mosteiros, no sentido moderno da palavra. Aí, o estudante não sòmente estudava a gramática e a lógica, como também, vivendo em contatos íntimos com a Natureza, aprendia a grande lição da Vida. Tagore estava convencido de que sua escola se destinava a servir a qualquer propósito diferente de uma fábrica educativa e devia deixar de ser «uma gaiola morta na qual mentes em vida são nutridos com comida artificialmente preparada», devia ser uma escola ao ar livre, na qual o estudante e o mestre viveriam juntos a compartilhar os benefícios da cultura.

Já faz meio século que a escola abriu



Bailarinas hindus se exercitam ao cam à dança desde sua mais tenra

(Cont. na pág. 43)

suas portas a cinco rapazes a cargo de cinco professôres. Juntou o fundador um pequeno capital de alguns milhares de rupees, hipotecando as jóias de sua espôsa e vendendo seu «bungalow». Ia ser-lhe uma carga financeira grande, pois que, devido a antigas tradições indianas, nenhum dinheiro podia ser recolhido dos estudantes. Naquela época, os seus livros não lhe traziam nenhuma regalia substancial. A sua principal fonte de renda consistia na mesada que seu pai lhe mandava, como direitos seus sôbre as terras da família. As suas dívidas subiram de ano para ano e foi sòmente depois de sua vitoriosa «tournée» literária através dos Estados Unidos que êle pôde pagá-las. Gastou o dinheiro do seu prêmio Nobel em cobrir as despêsas sempre maiores de sua escola.

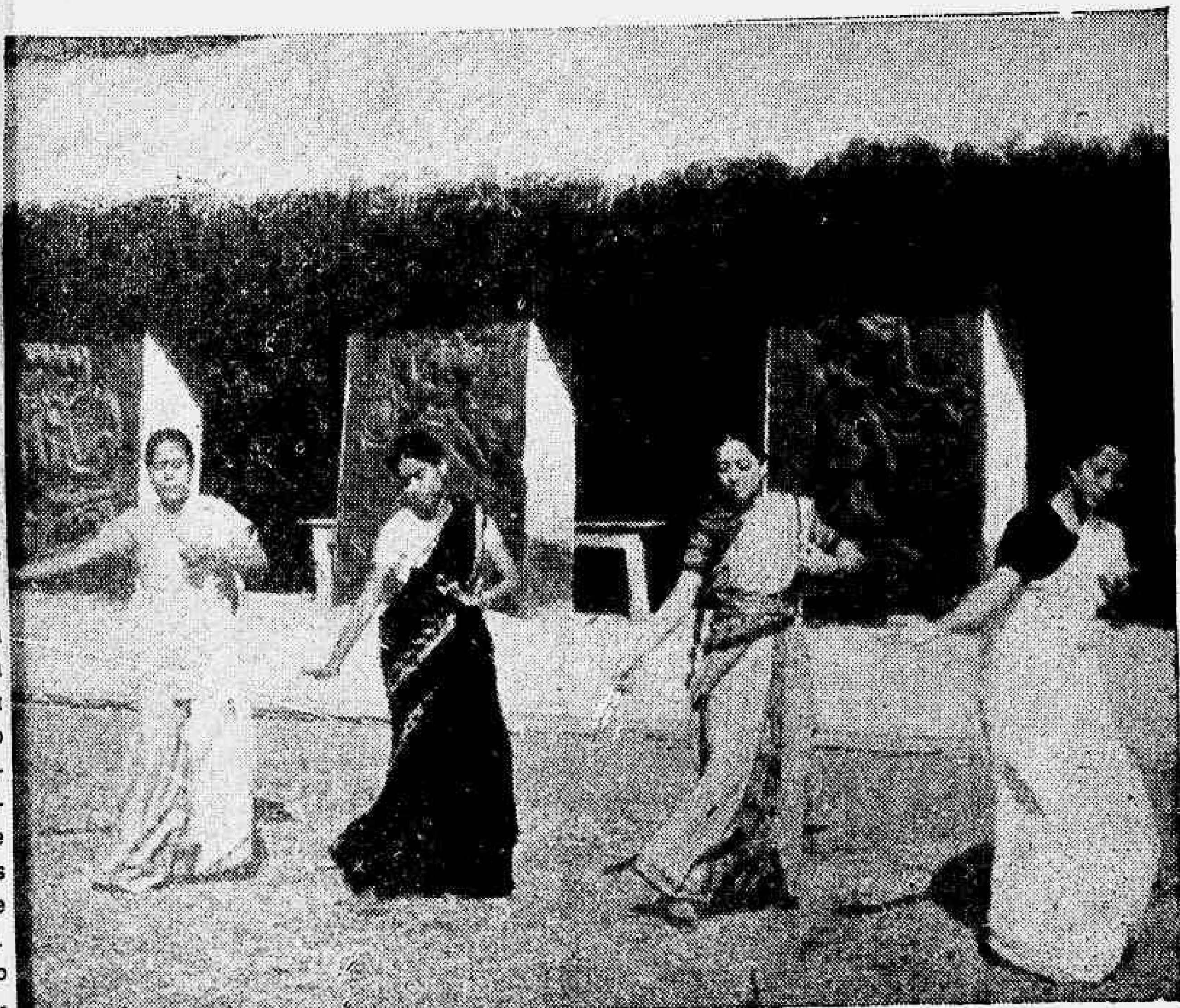
A Santiniketan ashrama está localizada em ótimo lugar. Hoje em dia é um pequeno mundo. Durante os vinte primeiros anos, ficou a escola sob o contrôle pessoal do poeta. Foi entregue por êle a um «trust» público, em 1921, e aí foi criado o núcleo de uma universidade internacional denominada «Visva-Bharati» e destinada a estudar o espírito do Homem nas suas realizações mais concretas. O contrôle executivo da Visca-Bharati está a cargo de um conselho eleito de governadores, dirigido pelo presidente, o Acharya.

Esta universidade única, ao mesmo tempo educacional e residencial, mantém diversos departamentos de estudos e pode vangloriar-se de possuir uma das melhores bibliotecas universitárias de todo o país. A sua escola de Belas Artes, Kala-Bhavana, dirigida por Nandalal Bose, talvez seja uma das academias mais nacionalistas da arte indiana. A Visca-Bharati tem um colégio separado de estudos sino-tibetanos com uma biblioteca esplêndida, onde importantes pesquisas do passado da India estão sendo levadas a efeito com a cooperação de estudantes indianos e chineses. A sua escola de dança e música, Sangit-Bhawana, ocupa justamente um lugar de destaque na vida cultural do país. Um dos últimos acréscimos à Santiniketan foi um departamento separado, reunindo obras e material sôbre a vida e o trabalho do fundador.

Vêm estudante de tôdas as partes do país e do exterior, bem como de tôdas as classes sociais. Aí não existem barreiras de casta, crença, raça e religião. Ninguém pode ter privilégios especiais, sob pretexto algum. Nessa atmosfera de igualdade e fraternidade, o príncipe e o camponês comem o pão juntos e vivem sob o mesmo teto.

A vida na Ashrama sempre tem sido extremamente simples. Achava Tagore que viver no luxo é viver num mundo de realidades menor. A pobreza é um grande mestre cujas lições são de muito valor na vida. E' a razão pela qual o padrão de vida, em Santiniketan, é muito simples. As aulas são dadas ao ar livre, junto a árvores seculares; começam na parte da manhã e o único material usado é o quadro negro. Estudantes e professôres sentam-se juntos num círculo amistoso, cada qual no seu pedacinho de tapête. São pequenas as turmas e todos se conhecem. A Visva-Bharati orgulha-se em poder proclamar: «Aqui o mundo descobre seu próprio ninho». E' uma família alegre, uma comunidade viva de estudantes à procura da verdade e do conhecimento. Como o nome indica, Santiniketan é a casa da Paz e da Luz.

E, sobretudo, mais uma testemunha concreta do valor do povo indiano, que fêz um esfôrço para adaptar-se à vida moderna e tornar-se uma grande potência, educando a juventude com novos métodos inteligentes e eficazes.

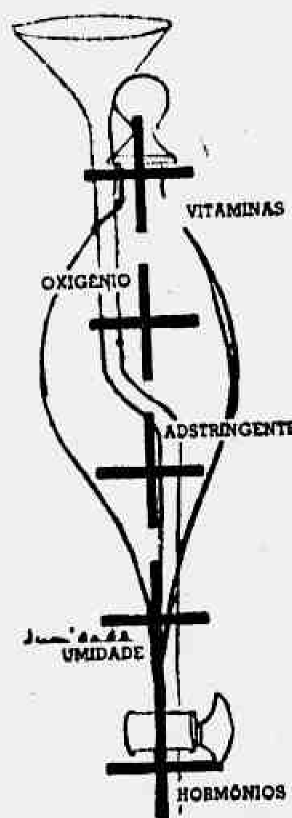


ar livre. As jovens que aparecem na gravura que estampamos se dedi-
infância. A dança na India é uma expressão da alma de seu próprio povo.

pág. 44)

ROTINA DE BELEZA

TRATAMENTO DA PELE



VAMOS nos ocupar dos fatôres mais importantes para o tratamento da pele. Recentemente, os químicos especializados em produtos de beleza descobriram que certos novos ingredientes terapêuticos ativos adicionados às fórmulas básicas podem fazer desaparecer muitos males que enfeiam a cútis. As mudanças de tempo, saúde precária, glândulas desèquilibradas e a passagem dos anos, eis alguns poderosos inimigos de uma bela pele — como também o trabalho excessivo, a fadiga. A química mais moderna dos tratamentos de beleza se encarrega com sucesso de combater os mais diversos estragos cutâneos. O seu é um problema específico? Haverá um creme, um óleo ou uma loção com indicação específica para o caso. Citaremos cinco ingredientes que foram aprovados na cura e na prevenção de diversos defeitos da pele:

● VITAMINAS — As vitaminas misturadas a um bom creme têm provado ser um ótimo tratamento para lesões e queimaduras. As vitaminas A e D, usadas conjuntamente, são absorvidas fàcilmente pela pele e parecem ter um efeito regenerativo sôbre as células. Os cremes vitaminados são igualmente excelentes para impedir a aspereza da pele nos cotovelos, calcanhares, cutículas. E como seu efeito é também estimulante combate as rugas dos cantos dos olhos, da bôca e do pescoço.

● OXIGÊNIO — Os produtos òxigenados são de resultados antisséptico e emoliente, portanto calmante. Clareiam e parecem dar nova vida à pele, que perde a secura.

● ADSTRINGENTES — Os bons adstringentes, indicados em certos casos, acalmam e estimulam no primeiro tratamento. São excelentes para as peles fatigadas e que parecem não se renovar. Misturados a uma loção ou pasta apropriada podem servir para base de um maquillage correto e de longa duração.

● UMIDADE — Algumas peles necessitam de ingredientes que as mantenham úmidas, especialmente as das mulheres que já passaram dos trinta anos. A pele úmida é a pele da juventude. Tais ingredientes existem em alguns cremes de noite e em certas bases para maquillage.

● HORMÔNIOS — O uso de hormônios em cremes nutritivos não é novidade; esta consiste na generalização de seu emprêgo. A razão é simples: a maioria das mulheres que usam com regularidade cremes de hormônios obtêm excelentes resultados. As fórmulas contendo hormônios são indicadas para conservar ou recuperar a juventude dos tecidos, e algumas já foram postas à prova por mais de quinze anos.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

A SAÚDE DO BEBÊ

FATOR Rh e ERITROBLASTOSE

ESTUDOS bem fundados de há muito mostraram que o sôro de animais erclmente aglutina e dissolve os glóbulos vermelhos do sôro humano, mas também que êste, entre indivíduos da mesma espécie, a miúde faz o mesmo. Ora, antes de nada é preciso lembrar que, no mesmo indivíduo, embora existindo glóbulos vermelhos e sôro, não se passa a aglutinação; portanto, em todos aquêles indivíduos nos quais reciprocamente pudessem coexistir harmônicamente glóbulos e sôro, isto é, sem que se verificasse a aglutinação e a hemilise, (dissolução) indivíduos eram êsses do mesmo grupo sanguíneo ou ao menos compatíveis entre si, isto é, com de outros determinados grupos.

Distinguem-se na base dêsses estudos 4 grupos: o grupo I, que só não aglutina os de seu grupo; o grupo II, que não aglutina os glóbulos de outro grupo II, ou I; o grupo III, idem para o III e I; e, finalmente, o grupo IV, que não aglutina nenhum outro grupo.

A classificação dos grupos se faz por meio de dois tipos de sôro A ou I e B ou II.

● Os indivíduos do grupo I podem receber sangue de todos os dos outros grupos (são considerados, por isso, **receptor universal**), mas sòmente podem dar sangue a indivíduos do mesmo grupo. Os do grupo II podem receber sangue dos indivíduos do mesmo grupo (II) e IV, mas sòmente podem dar sangue aos do seu grupo (II) e I. Os do grupo III podem receber do mesmo grupo (III) e IV, mas só podem dar sangue aos indivíduos do seu grupo (III) e I. Os do grupo IV, finalmente, sòmente podem receber dos de seu próprio grupo, mas podem dar para todos dos demais grupos: é o **doador universal**. Não obstante a compatibilidade dos sangues, segundo êstes conhecimentos, nas transfusões, observaram-se fenômenos de hemolise, por vêzes, que sòmente com o conhecimento do fator Rh vieram a ter uma explicação satisfatória. E' uma aglutinina existente no macaco **Rhesus**, e que em presença do sangue humano, de qualquer grupo, tem a propriedade de dissolver-lhe os glóbulos vermelhos, no fenômeno da hemolise. Ora, está hoje provado que, em determinadas circunstâncias, subsiste esta aglutinina no sangue humano e daí que ela contraindica a prática das transfusões mesmo que feitas com os cuidados prévios de classificação do sangue transfundido e transfusor. Em pediatria, o conhecimento do fator Rh veio esclarecer a existência de recém-nascidos sujeitos a hemorragias profusas intradérmicas, urinas sanguinolentas, dissolução das hemácias em plena massa sanguínea. E' a Eritroblastose. Moléstia grave, pôsto que dando uma mortalidade de 50 por cento, felizmente só ocorrendo na proporção de 1 para 300 nascimentos.

● Uma particularidade da Eritroblastose é que ela ocorre, em geral, após os primeiros filhos, sendo a explicação disso, que a mulher se sensibilizou com os primeiros e daí por diante a vinda de fetos eritrobáticos vai-se acentuando até confundir-se com o estado de abôrto em série. Nos casos de eritroblastose o fator Rh existe num dos cônjuges e no outro não. Se, por exemplo, um indivíduo Rh positivo se casa com uma mulher Rh negativa, o feto em geral será Rh positivo. Assim o sangue materno passa a elaborar os princípios hemolizantes que fazem o quadro da Eritroblastose, que acima do segundo filho é geralmente incompatível com a vida fetal, interrompendo-se a gravidez de maneira cada vez mais precoce. — **DR. SABÓIA RIBEIRO**

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

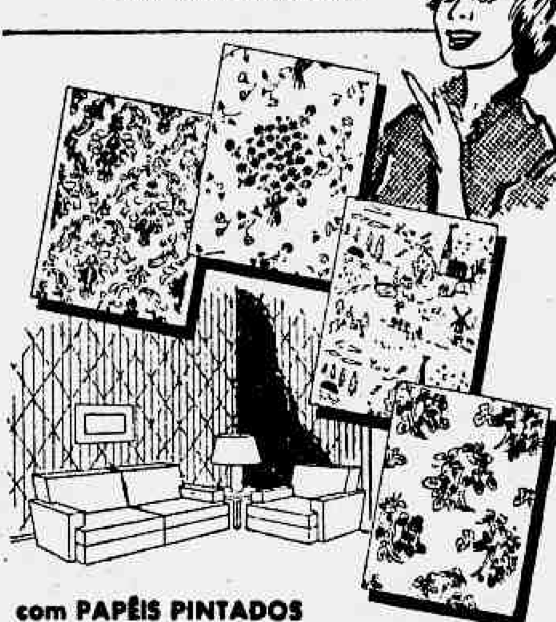


Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

TORNE SEU LAR MAIS ALEGRE



com PAPÉIS PINTADOS

MODERNISSIMO EM NEW YORK, ROMA, PARIS E LONDRES
ESTA CONSTRUINDO OU VAE CONSTRUIR?
NÃO CONSINTA QUE AS PAREDES DE SUA CASA SEJAM COMUNS.
... CASA DAVID ... PAPÉIS PINTADOS ...

PARA O INTERIOR

CASA DAVID

INFORMAÇÕES
Telefone, 49-9191

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

O DESAPARECIMENTO

(Cont. da pág. 40)

de deixá-lo amadurecendo uns dias por lá. O segundo a depor era o ajudante de Johan, um Martim de tal, mulato claro, que se mostrou nervoso quando Karl disse que era da polícia. Tentou tapiar o detective e começou dizendo que não sabia nada, que era um sujeito decente, um brasileiro com todos os seus direitos, etc. Karl deixou-o falar por alguns minutos e depois disse simplesmente:

— Está prêso. Vamos comigo para a delegacia.

Martim titubeou e caiu de joelhos diante do detective.

— Seu autoridade, não me leve pro xadrez. Eu não fiz nada!

— Melhor ainda para você. Vai só ser interrogado. E passamos uma vista na sua ficha.

O mulato amaldiçoou-se dez vêzes e confessou que a Delegacia de Furtos estava procurando por êle pelo desaparecimento de uma certa quantia da casa de um comerciante de Jabaquara. Mas jurava, batendo no peito, que não tinha nada com o desaparecimento da mulher do administrador. Terminou por pedir proteção a Karl contra os «tiras», esquecendo que Karl era um «tira».

Quando o tintureiro encostou na casa, Martim e Paulada foram convenientemente conduzidos até o seu interior pelo punho vigoroso de Karl. Depois, sentado à boléia, respondeu com monossílabos pouco amigáveis ao velho Johan, que lhe perguntava se achava que um dos dois havia feito alguma coisa à sua espôsa.

— E' apenas rotina, Wertheimer. Espere.

Quando o carro arrancou, Blotero, o chofer, destampou a sua curiosidade:

— Apanhou os «pássaros»?

— Nada disto. O negro beiçudo deve ter alguma sujeira no livro de queixa. O outro é procurado por furto. Não têm nada com o desaparecimento da mulher. Não sei que diabo o pessoal da Delegacia de Furtos faz que eu tenho que prender os «meninos» que êles procuram.

Na delegacia, Karl sentou-se diante de Martim e interrogou-o durante quatro horas seguidas. Brígido ajudava-o na inquirição cerrada, repetindo de cinco em cinco perguntas as mesmas interrogações feitas antes, a fim de experimentar as respostas do mulato. No interrogatório, ficou sabendo que Júlia havia sido sua amante, dez dias após sua chegada à estância. Mas que a aventura não tivera maiores conseqüências. O mulato não gostava de mulher loura... Nada mais puderam arrancar dêle que interessasse, além de certos detalhes escabrosos a respeito dos hábitos de Júlia quando se encontrava com êle, no seu barracão, vinte metros atrás da casa do administrador.

Se o interrogatório não serviu de grande coisa, pelo menos confirmou as suspeitas de Karl sôbre que espécie de mulher era Júlia Wertheimer. Isto consolidou o seu palpite de que o caso não teria maiores novidades. Tinha apenas que localizar a mulher. Para isto, entretanto, precisava de uma pista.

Paulada entrou na sala com cara de poucos amigos. Para acostumá-lo ao ambiente, Karl deu-lhe um sopapo e Brígido acendeu uma luz de duzentas velas na sua cara. O negro respondia a tudo com os mesmos meus modos que mostrara na estância. Os dois detectives a princípio exasperaram-se e aplicaram alguns sopapos no negro. Mas logo ficaram convencidos de que o negro era absolutamente inofensivo, apesar da sua rudeza. Era apenas burro e não perigoso, como pensava Karl. Não adiantou nada, além do que já se sabia. Disse horrores a respeito de Júlia Wertheimer, o que em parte era despeito porque ela nunca lhe dera confiança. Na tarde de sábado, Paulada vira quando a mulher do administrador saíra para fazer compras no lugar mais próximo, Parelheiros. Fôra esta a última vez que a vira.

O delegado chegou no final do interrogatório. Ficou a um canto, escutando tudo com o charuto na bôca. Terminada a sessão, mandou recolher o negro ao xadrez, sob suspeita. Atrás das grades já se encontrava Martim, à disposição da Delegacia de Furtos.

No seu gabinete, o delegado interrogou Karl:

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou êle.

— Só que espécie de mulher era Júlia Wertheimer.

— Que espécie?

— Uma sirigaita.

— Continue trabalhando. Brígido pode ir com você.

— Não precisa.

— Quem manda aqui sou eu. Acho bom ir até Parelheiros. Era pra lá que a desaparecida ia quando a viram pela última vez.

— Eu ia fazer justamente isto.

— Mas ainda não fêz.

Karl mordeu o lábio. O chefe era, positivamente, um sujeito desagradável. Tinha saudades da fábrica onde não era obrigado a ter pela frente um sujeito chato como aquêle. Mas, na fábrica, havia um capataz e... deu de ombros. Foi saindo quando o delegado falou ainda:

— Tome um carro da polícia. O Govêrno não está disposto a emitir papelmoeda para pagar suas contas de táxis.

Já estava disposto a replicar, dizer que deixasse êle agir a seu modo, que sempre saíra bem sucedido. Mas preferiu mandar (mentalmente) o chefe a um lugar pouco recomendável e saiu com o detective Brígido.

— O velho é um chato, hein, Karl?

(Conclui no próximo número)

O PROFETA DAS...

(Cont. da pág. 41)

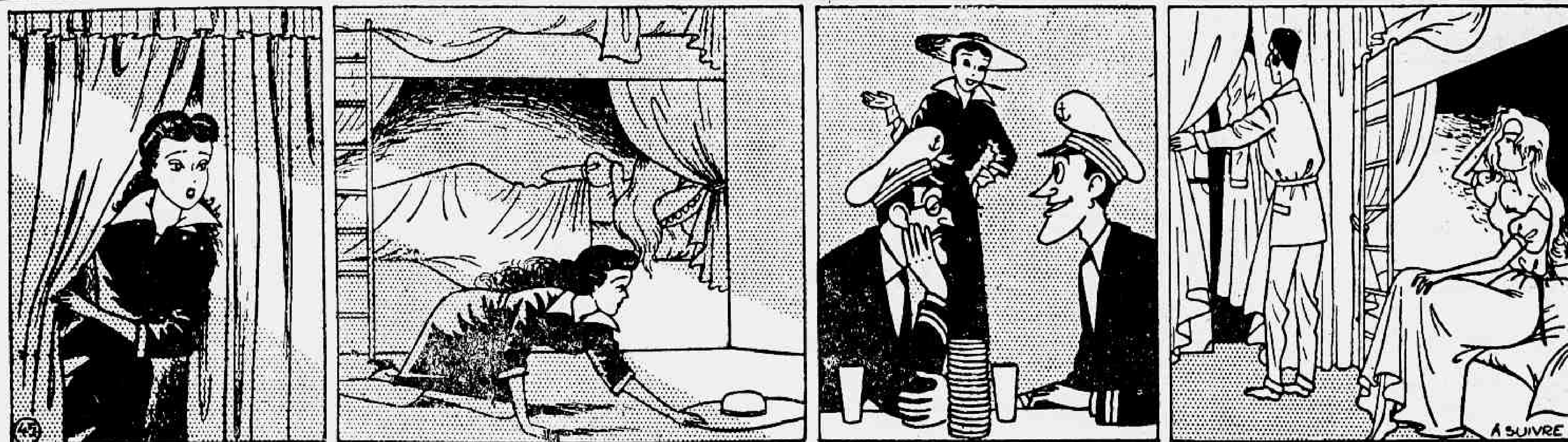
E você de que vive? «Eu sou um intelectual. Vivo de vender meus folhetos que dizem os mistérios da vida na selva. Aviso o que se deve fazer e o que se deve evitar para ser feliz. Mas aqui no Rio encontrei um ambiente panteísta muito bom. Vou fundar aqui uma escola filosófica porque a gente aqui gosta de andar nua nas praias e gosta da vida da natureza. Acho que vou ter êxito. Estou planejando tudo direitinho. Quero publicar um livro. E pago a edição em dólar. Além do que, sou boliviano e nós somos bons vizinhos.»

Assim ouvimos o Profeta das Selvas. Apresentamos suas idéias na pureza de suas próprias palavras sem comentar nem adulterar. Insistimos em saber seu nome, mas se negou a isso peremptòriamente.

Respostas ao teste

1—Varegue
2—Vaniloqua
3—Uma cobra
4—No de Minas
5—Camião
6—Eletro-executado
7—Gregório de Matos
8—Portuguêsa
9—Ribeirão do Carmo
10—Marilia de Dirceu
11—Um frade, grande orador sacro
12—Estado do Rio
13—A Romântica
14—No de Minas
15—Martim Afonso de Souza.

ARABELLE, a ultima sereia

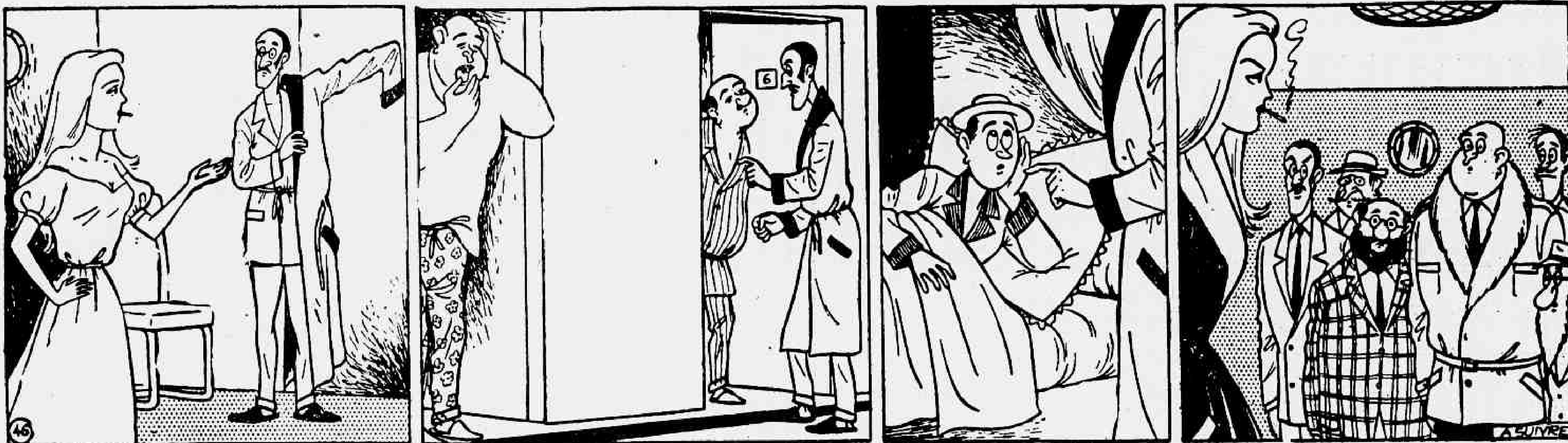


Arabelle então projeta um plano de fuga. Retira do guarda-roupa da chefe do bando um dos vestidos mais bonitos e verifica se todos êles dormem.

Arrastando-se pelo chão, com muito cuidado, ela vai deslizando vagarosamente e faz preces a seu Deus Netuno, para que os dois "gangsters" não acordem.

Logo que se viu livre, e já bem vestida, vai ao bar em procura dos dois galantes e simpáticos oficiais, que estão impacientes pela encantada "Sereia".

Nesse ínterim, lá no camarote de Branca de Neve, o Marquês, seu cúmplice e amante dá o alarma: — "Alguém estêve aqui e levou seu vestido!"



Branca de Neve não quer acreditar; mas a porta estava entreaberta e seu vestido, realmente, desaparecera. Ordena que se dê o alarma aos comparsas.

— Vá acordar a todos, pessoalmente! — ordena a bandida. — Não se esqueça de que é você o meu auxiliar imediato, o homem n.º 1 do bando!

O Marques acordou todo mundo e transmitiu a notícia. Ao chegar, porém, a Flor-Azul, chamou-lhe a atenção para o esquisito caso do fuzilamento.

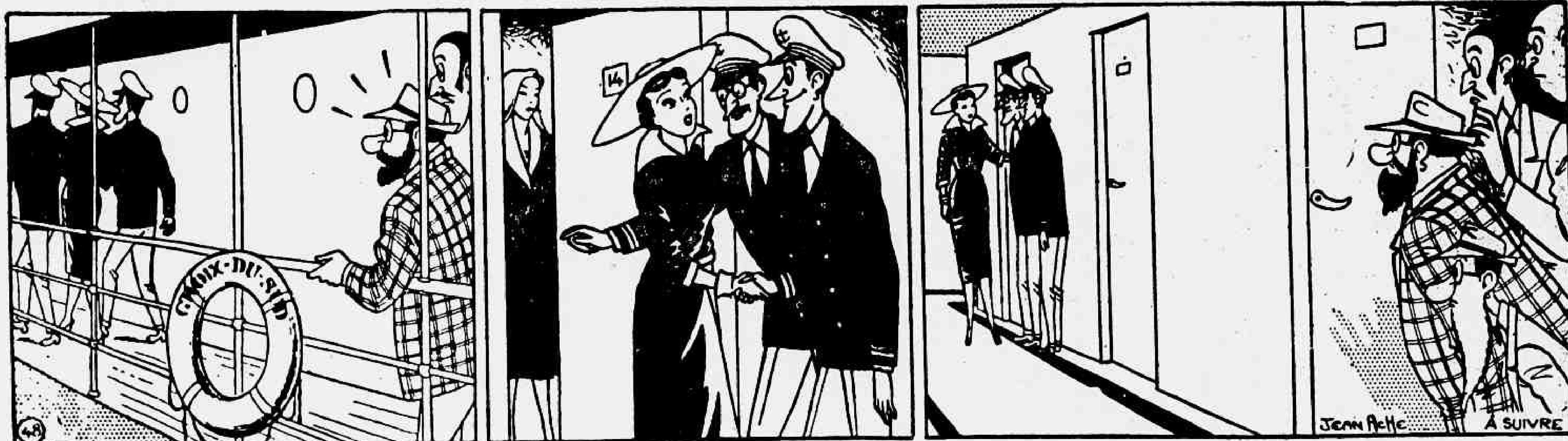
Branca de Neve reuniu-os e lhes falou: — "Há um traidor entre vocês! Arabelle não morreu. Está aqui no vapor. Tragam-na aqui, com Flor-Azul!"



Imediatamente os bandidos começaram a dar caça à Sereia e a Flor-Azul, contra quem caíam tôdas as suspeitas. Era êle, sem dúvida alguma, o traidor...

No bar, terminara a festa e os pares começavam a se recolher aos seus beliches. Os dois oficiais se ofereceram para levar Arabelle até ao seu camarote.

Quando Arabelle, acompanhada pelos dois oficiais, se dirigia ao camarote 14, pois ela lhes dera êsse número, os bandidos surgiram, ameaçadores, à porta...



Mas os bandidos, perplexos, estarrecidos, nada fazem e deixam Arabelle passar com os dois oficiais. Arabelle ia cair, novamente, na ratoeira...

Chegando ao camarote n.º 14 — que era o de Branca de Neve, os dois oficiais lhe estendem a mão e se despedem, enquanto Branca de Neve olha.

Os bandidos ficam a um canto, observando o desenrolar do episódio incrível. Arabelle, a Sereia — pensam — vai cair, justamente, na bôca do lôbo!

E êles vêem quando ela mete a mão na maçanêta e abre a porta! Sim, era mesmo a Sereia que êles julgavam estivesse morta. Isso era inacreditável!...

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 35

A	Aquêle que caça →	19	5	36	134	108	89	48
B	Armadilha disfarçada →	7	99	135	109	13	70	38
C	Intenção, propósito, desígnio →	3	23	57	68	87	49	137
D	Palmeira que fornece boa fibra (pl.) →	10	33	102	43	97	122	■
E	Torna úmido →	85	32	9	59	65	21	76
F	Oculta, encobre, disfarça →	60	24	51	2	34	92	83
G	Escarneço, zombo →	123	35	105	132	20	■	■
H	Relativo a serpente →	55	1	16	126	81	75	22
I	Expressão de quantidade (pl.) →	39	28	41	86	11	71	56
J	Que sofreu operação cirúrgica →	14	46	62	30	73	129	52
K	Cidade da Itália, onde se acha o Scala →	53	18	8	37	78	■	■
L	Tornarão obrigatório →	26	112	54	130	45	88	106
M	Jungir, prender com trela →	40	6	96	50	15	80	114
N	Pancada com a ponta do pé →	79	124	63	17	117	90	100
O	Respirar com dificuldade →	91	4	119	61	47	125	■
P	Abanos →	120	93	66	31	111	128	■
Q	Orixá feminino, dos ventos e tempestades →	29	58	69	82	136	■	■
R	Instrumento cirúrgico para trepanar →	25	133	95	113	101	72	44
S	Vazios, ocos, fúteis →	104	77	121	110	115	94	■
T	Capas compridas e amplas →	131	127	118	12	64	103	74
U	Acessos súbitos de doenças →	107	27	42	84	67	98	116

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

■	■	■	■	■	H 1	F 2	C 3	■	O 4	A 5	M 6	B 7
K 8	■	E 9	D 10	I 11	T 12	■	B 13	J 14	M 15	H 16	N 17	K 18
A 19	G 20	■	E 21	H 22	C 23	F 24	R 25	L 26	U 27	I 28	Q 29	J 30
■	P 31	E 32	D 33	■	F 34	G 35	A 36	K 37	B 38	■	I 39	M 40
■	I 41	U 42	D 43	R 44	L 45	■	J 46	O 47	A 48	C 49	M 50	■
F 51	J 52	K 53	L 54	H 55	I 56	C 57	Q 58	■	E 59	F 60	■	O 61
J 62	N 63	T 64	E 65	■	P 66	U 67	C 68	■	Q 69	R 70	I 71	■
R 72	J 73	T 74	H 75	E 76	■	S 77	K 78	■	N 79	M 80	H 81	Q 82
■	P 83	■	U 84	E 85	I 86	■	C 87	L 88	A 89	■	N 90	O 91
F 92	P 93	■	S 94	R 95	M 96	■	D 97	■	U 98	B 99	N 100	■
R 101	D 102	T 103	S 104	G 105	L 106	U 107	A 108	B 109	■	S 110	P 111	L 112
■	R 113	M 114	S 115	U 116	N 117	■	T 118	O 119	P 120	S 121	D 122	■
G 123	N 124	O 125	H 126	T 127	P 128	■	J 129	L 130	■	T 131	G 132	R 133
A 134	B 135	Q 136	C 137	■	■	■	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA N.º 34 — JOSE' BONIFACIO. — DISCURSOS. — "O amor da liberdade deve ser, na justa frase bíblica, invencível como é a morte; deve, como o apóstolo, ter a sêde do infinito; deve ser grande como o universo que o contém."

UMA PEQUENA À ALTURA...



Em vez das botas de sete léguas, Barbara Brown, esta pequena inglesinha, arranjou as pernas de pau, que a colocam à altura de seus mais audaciosos projetos. Os garotos apostam corridas com ela em Ferret Hill, um arrabalde de Londres, mas Barbara, é uma coisa bárbara, corre que é uma barbaridade e ganha sempre . . . de barbada.



Para vender perfumes o fabricante mobilizou também êste "lôbo", que vai entregando o seu cartão.

TRUQUES E ARTIMANHAS

PARA VENDER PERFUMES



MUITA gente acha que um produto poderá ser vendido em grande escala, se as suas qualidades forem realmente boas. Essa circunstância prescindirá da publicidade ou propaganda? Não se discute que um produto bom, se impõe ao consumidor; mas não é bastante a sua qualidade intrínseca. A divulgação pública, a propagação ampla por todos os meios publicitários eis o veículo indispensável para o êxito das vendas e a fixação do hábito público na aquisição do produto. A boa qualidade é uma garantia; mas a propaganda é o seu veículo eficiente e indispensável.

Vejam os leitores a que sistema recorreu um fabricante de perfumes em Nova York, para dar saída aos seus produtos. Numa bela manhã do último inverno, os fregueses que vão aos estabelecimentos da Quinta-Avenida, foram surpreendidos com um espetáculo absolutamente gratuito e muito divertido. Vários "artistas", dentre os quais havia até mesmo um "urso", estavam a procurar os pedestres e a chamar-lhes a atenção para a marca de um perfume.

O urso distribuía cartões que diziam: "Como poderei resistir a ela, se está usando êste novo perfume?" E o mais interessante, é que o urso era muito perspicaz, parecendo que fizera algum curso de psicologia comercial: êle entregava os cartões às mulheres, de preferência. A razão era simples. Logo que uma senhora ou uma senhorita lia os dizeres se lembrava imediatamente do seu ente querido, "futuro", "em perspectiva", ou já "no laço matrimonial". E, como é claro, tôdas essas mulheres se imaginavam logo no lugar da imaginária que assim falava.

Os homens também recebiam os cartões do urso amigo, pois não era nenhum amigo urso. Mas os homens não ligam muito a essa história de perfumes, especialmente os que trabalham na dureza da vida. Mas êles também se impressionaram com a publicidade. E todo mundo achava graça e originalidade no meio ainda inédito. Além do trabalho bem feito do urso, havia o casal de "cowboys", ela com um laço a "amarrar" o seu preferido, que não opunha nenhuma resistência à morena que o laçava com tanta habilidade. Mas o laço era apenas um símbolo. O que os unia era o perfume de que faziam propaganda.

Uma das cenas a que os que passavam não podiam deixar de olhar e achar graça, era a daquele casalzinho sob algemas. A quantos iam passando ela estendia a mão e lhes entregava cartões com êstes dizeres: "Há um meio fácil para você prender seu amor". Era outro símbolo, pois em lugar de algemas, a jovem que desejasse prender seu eleito, bastaria usar o perfume da publicidade.

E não fica nisso. Também recorreu o fabricante à TV e ao rádio, à imprensa e a tôda sorte de divulgação para despertar o público em relação ao seu perfume. Mandando buscar um casal de papagaios na Austrália, para mostrar o amor entre os pássaros e fazer o paralelo para a venda de seus perfumes, teve que suspender êsse número e subs-



Os pedestres talvez não se convencessem da urgência de comprar perfumes; mas todos gostaram desta cena.



Depois do trabalho, a propagandista come ostras.

tituí-lo por um casalzinho de pica-pau, o que fêz um ornitologista acusar o fabricante, que êle estava a iludir o povo... E o tal número não continuou mas deixou um resultado: um ôvo.

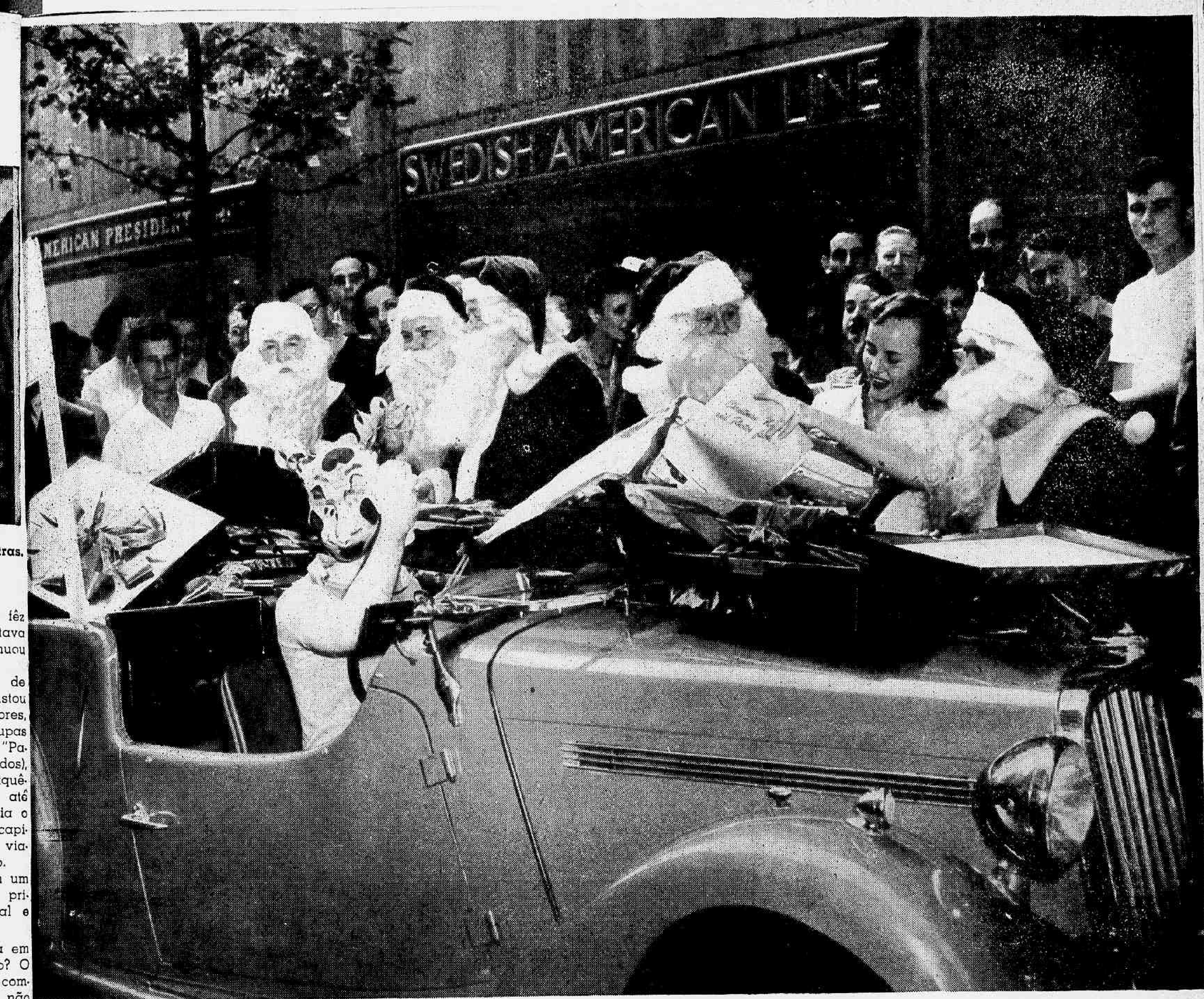
O programa publicitário chegou ao cúmulo de comemorar o Natal em julho! Essa parte custou 2.100 dólares e levantou protestos de espectadores, que ficaram revoltados à idéia de vestir com roupas de Natal, aquêles cinco homens convertidos em "Papai Noel" (Santa Claus, lá nos Estados Unidos), quando o calor de julho não poderia permitir aquêles trajes. Mas tudo servia para publicidade, até mesmo os protestos do povo a quem se dirigia o programa. Por fim, manda uma embaixatriz à capital da França para um concurso. Gasta com a viagem 4.300 dólares, mas o sucesso foi absoluto.

Depois de tudo isso, estava o fabricante com um aumento de um milhão de unidades nos seis primeiros meses de propaganda maluca, original e popularíssima.

Agora, uma pergunta: terá passado a época em que o perfume tinha saída na base da paixão? O amor, por si só, já não é motivo para que se comprem perfumes? O velho processo do afeto já não suporta a atualidade vertiginosa, quando os fabricantes precisam recorrer a outros meios mais objetivos, mais divertidos e até inéditos, para provocar a venda de seus produtos cheirosos? Aí está um assunto digno de meditação para os que fabricam perfumes e desejam incrementar suas vendas.



Usando seu perfume as mulheres pegam os **homens.**



A propaganda com "Papai Noel" no mês de julho, mereceu severas críticas da imprensa e do povo, pois a época era de intenso calor em Nova York.



Isto foi na TV e todos gostaram muito da cena.



Conseguirá ela um noivo, depois de usar o perfume?



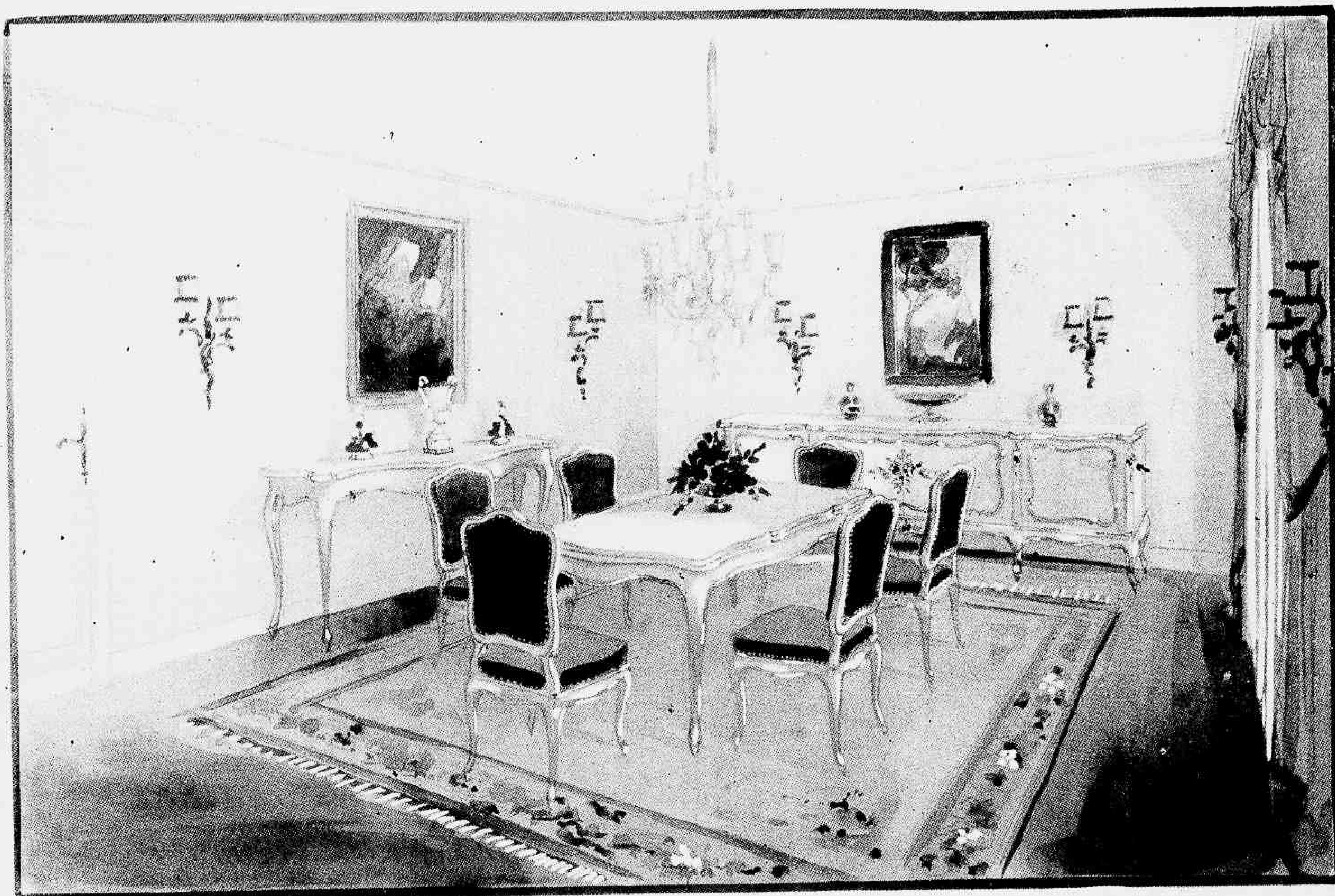
Lockman e Wendy Barrie com os passarinhos.



ÚLTIMO FLASH

Norma Misk, carioca do coração de Botafogo, foi eleita Miss Líbano. Aconteceu assim: terminado o seu curso científico seus pais lhe presentearam com uma viagem à terra dos seus maiores. E lá, entre as moças mais lindas do Oriente Próximo, foi escolhida, eleita e consagrada a mais bela das libanesas. À sombra dos cedros cantados por Lamartine, abriu seus olhos deslumbrados pela beleza da paisagem. E completou-a com as linhas clássicas do seu rosto. Voltou com a taça e modestamente repousa no jardim de sua casa, em Ipanema, e se dedica aos seus afazeres cotidianos, sem nenhuma vocação para a vida vertiginosa das Misses que terminam filmando ou nos palcos da cidade.

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES

TAPÊTES feitos à mão em lindos desenhos e em tôdas as côres



CORTINAS

Grupos estofados

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores

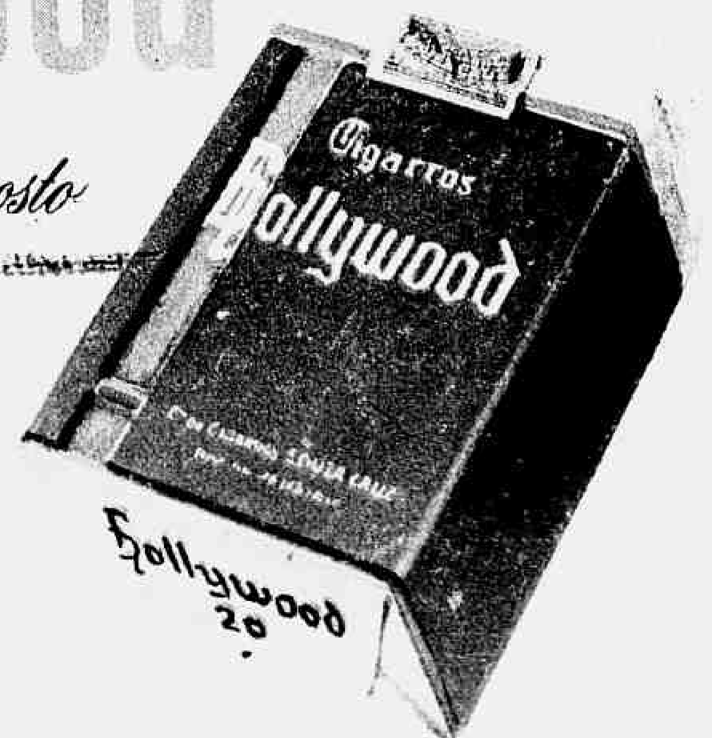
AGORA, a

preços que animam a comprar



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO





UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.154